



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
Programa de Pós-Graduação em Ensino de História  
PROFHISTÓRIA

**O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL COMO INSTRUMENTO PARA A  
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E O EXERCÍCIO DA CIDADANIA**

ROSANGELA MONTEIRO ARAGÃO

NATAL-RN  
2019

O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL COMO INSTRUMENTO PARA A CONSTRUÇÃO  
DA IDENTIDADE E O EXERCÍCIO DA CIDADANIA

ROSANGELA MONTEIRO ARAGÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Ensino de História, do Centro de Ciências Humanas,  
Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do  
Norte, como parte dos requisitos para obtenção do título  
de Mestre em Ensino de História.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. MARIA DA CONCEIÇÃO GUILHERME COELHO

COMISSÃO EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria da Conceição Guilherme Coelho (UFRN) - Orientadora

---

Prof. Dr<sup>º</sup>. Roberto Airon Silva (UFRN)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Josineide Silveira de Oliveira (UFRN/UERN)

---

Prof. Dr<sup>º</sup>. Haroldo Loguércio Carvalho (UFRN)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN  
Sistema de Bibliotecas - SISBI

Catálogo de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA

Aragão, Rosângela Monteiro.

O ensino da História Local como instrumento para a construção da identidade e o exercício da cidadania / Rosângela Monteiro Aragão. - Natal, 2019.

115f.: il. color.

Dissertação (mestrado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2019.

Orientador: Profa. Dra. Maria da Conceição Guilherme Coelho.

1. História Local - Dissertação. 2. Identidade - Dissertação. 3. Cidadania - Dissertação. I. Coelho, Maria da Conceição Guilherme. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 94:37

“Quando a Educação não e libertadora, o sonho do oprimido é ser opressor.

A Educação modela a alma e recria o coração, ela é a alavanca das mudanças sociais.

Só desperta a paixão de aprender, quem tem a paixão de ensinar.

Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino.”

Paulo Freire.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela minha vida e por todas as pessoas que colocou em meu caminho.

A minha família que sempre esteve comigo, me apoiando em toda jornada. Por toda a dedicação e amor compartilhados no decorrer dos anos.

A minha querida e amada irmã que sempre me estimulou e esteve comigo em cada passo desse caminho. Obrigada por toda a sua dedicação, paciência e esforço empenhados para que pudesse realizar mais esse objetivo.

Aos amigos e colegas de curso e do meu convívio que também fizeram parte da minha história. Obrigada por toda a ajuda e amizade.

A minha querida Orientadora, Dr<sup>a</sup>. Maria da Conceição Guilherme Coelho, que me ajudou em todo o processo de elaboração deste trabalho, por sua paciência e competência.

Agradeço, ainda, a todos os professores do ProfHistória, que se empenharam em fazer de todos nós, mestrandos melhores profissionais. Especial agradecimento ao Prof<sup>o</sup> Dr. Raimundo Nonato Araújo da Rocha, a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Emília Monteiro Porto e ao Prof<sup>o</sup> Dr. Haroldo Loguércio Carvalho por toda a ajuda e lições imprescindíveis para a minha vida acadêmica.

Aos demais professores e funcionários da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que atuam com excelência e fazem dessa Instituição um espaço de conhecimento.

## RESUMO

Dentre os crescentes desafios que se apresentam no cotidiano dos docentes do Ensino Básico, principalmente dos professores de História da Rede Pública de Ensino, está a falta de interesse dos alunos pelos conteúdos estudados, isso ocorre devido a não identificação destes estudantes como sujeitos históricos e à enorme dificuldade em relacionar a disciplina de História com o mundo em que vivem. Diante desta problemática, este trabalho foi elaborado a partir dos debates fomentados por meio da disciplina de “História Local: usos e potencialidades pedagógicas”, do Mestrado Profissional de História da UFRN. Como forma de despertar o interesse dos alunos e instigar sua curiosidade para o aprendizado foram introduzidos ao conteúdo da disciplina de História temas envolvendo a História Local, Patrimônio Histórico e Cultural e conservação e utilização da Memória na construção do conhecimento histórico pelos alunos. Assim, foi proposto aos estudantes do 9º ano, da E.E. Dr. Manoel Villaça, uma Oficina Pedagógica na qual os impactos da Segunda Guerra Mundial pudessem ser estudados na História da cidade do Natal. Para tanto, foi incentivada que os alunos pesquisassem em diversas fontes assuntos, escolhidos por eles, sobre o referido período histórico. Após o estudo dos materiais pesquisados, foi solicitado aos estudantes que construíssem uma narrativa acerca do tema utilizando o material selecionado por eles. Isso fez com que percebessem que a História também é uma narrativa construída a partir da seleção e escolha das fontes utilizadas por cada um. Foi percebido, ainda, que na medida em que os alunos criavam relações entre a história global com a história local, bem como entre o passado e o presente, o seu interesse pela disciplina de História aumentava ao mesmo tempo em que conseguiam estabelecer conexões entre os assuntos trabalhados na sala de aula e o seu cotidiano. A história estudada nos livros didáticos, antes tão distante e separada de suas vidas e de seu cotidiano, de repente, se tornou viva e próxima. Eles se perceberam como sujeitos históricos capazes de manterem ou modificarem a sociedade em que vivem. Assim, essa atividade despertou nos alunos o interesse para a disciplina de História, ao mesmo tempo em que incitou nestes a sensação de pertencimento e autoreconhecimento enquanto sujeitos históricos e cidadãos investidos de uma identidade histórica.

**Palavras-chave:** História Local. Sujeitos Históricos. Cidadania. Identidade. Pertencimento.

## ABSTRACT

Among the growing challenges in the everyday life of teachers of Basic Education, mainly the teachers of History of the Public School Network, is the lack of interest of students in the content studied, this is due to the non-identification of these students as historical subjects and to the enormous difficulty in relating the discipline of History with the world in which they live. Faced of this problem, this work was elaborated from the debates fomented through the discipline of "Local History: uses and pedagogical potentialities", of the Professional Master's History of UFRN. As a way to arouse the students' interest and instigate their curiosity for learning, were introduced to the content of the discipline of history topics involving the local history, Historical and Cultural Heritage and the conservation and use of Memory in the construction of historical knowledge by students. Thus, it was proposed to the students of the 9th grade, from E.E. Dr. Manoel Villaça, a study of the impacts of the Second World War on the History of the Natal city, for which, was encouraged research in various sources, such as documentaries, internet, old photos and newspapers, a film about the aforementioned historical period, as well as interviews and reports of people who lived at the time. After the study of the researched materials, it was suggested that the students build a narrative about the subject using the material selected by them. This made them realize that history is also a narrative built from the selection and choice of sources used by each one. It was also realized that as students created relationships between global history and local history, they increased their interest in the discipline of history while at the same time they were able to make connections between the subjects worked in the classroom and their daily. The story studied in textbooks, before so distant and separate from their lives and their daily life, suddenly became alive and next. They perceived themselves as historical subjects capable of maintaining or modifying the society in which they live. Thus, this activity aroused in the students the interest for the discipline of History, while at the same time it incited in them their sense of belonging and self-recognition as historical subjects and citizens invested a historical identity.

Keywords: Local History. Historical Subjects. Citizenship. Identity. Belonging.

## **LISTA DE SIGLAS**

CF – Constituição Federal

E.E – Escola Estadual

HQ – História em Quadrinhos

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação e Cultura

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

SEEC – Secretaria de Educação e Cultura

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Quadrinho – Capa .....	49
Figura 2: Quadrinho – página nº 01.....	50
Figura 3: Quadrinho – página nº 02 .....	51
Figura 4: Quadrinho – página nº 03 .....	52
Figura 5: Quadrinho – página nº 04 .....	53
Figura 6: Imagem da capa e sinopse do filme “ <i>FOR ALL: O TRAMPOLIM DA VITÓRIA</i> ” EM NATAL .....	55
Figura 7: Grande Hotel .....	56
Figura 8: Visão panorâmica da Via Costeira .....	57
Figura 9: 16º Batalhão de Infantaria Motorizada – Exército Brasileiro .....	57
Figura 10: Forte dos Reis Magos .....	57
Figura 11: Dunas de Genipabu - Litoral Norte .....	58
Figura 12: Igreja de Nossa senhora do Rosário dos Pretos .....	59
Figura 13: Pôr do Sol do Rio Potengi .....	59
Figura 14: Foto de alunos durante a escolha dos temas a serem trabalhados. Setembro/2017..	60
Figura 15: Apresentação dos trabalhos dos trabalhos realizados pelos alunos, 2017 .....	61
Figura 16: Fotos retiradas do vídeo produzido pelos alunos .....	68
Figura 17: Enfermeiras (Casino dos Oficiais) .....	69
Figura 18: Vendedora de meias de seda .....	69
Figura 19: Bar Nacional .....	69
Figura 20: Vendedora na vila de Ponta Negra .....	70
Figura 21: Moça na janela de casa na década de 1940 .....	70
Figura 22: Fotos retiradas dos vídeos produzidos pelos alunos .....	72
Figura 23: Imagem de algumas das respostas dadas pelos alunos .....	80
Figura 24: Fotos dos alunos assistindo o filme e os vídeos .....	83
Figura 25: Fotos dos alunos executando as etapas propostas para a execução do trabalho, 2018 .....	86
Figura 26: Fotos dos trabalhos apresentados pelo grupo sobre a comparação de como eram o modo de vestir em comparação com os dias atuais e como seria a utilização da Base de Parnamirim pelos soldados americanos na década de 1940 .....	87
Figura 27: Imagem do texto do trabalho apresentado pelos alunos .....	88
Figura 28: Imagem do texto do trabalho apresentado pelos alunos .....	89

Figura 1: Fotos mostrando o antes e o depois de algumas construções da Base Aérea de Parnamirim .....	91
Figura 2: Fotos utilizadas pelo grupo no vídeo mostrando como as edificações da Base de Parnamirim estão atualmente .....	91
Figura 3: Fotos utilizadas pelos grupos na realização do vídeo priorizando os aspectos físicos da Base Aérea de Parnamirim .....	92
Figura 4: Fotos utilizadas pelo grupo para demonstrar o crescimento econômico do período..	93
Figura 5: Imagem do questionário respondido por um dos grupos .....	94
Figura 6: Imagem do questionário respondido por um dos grupos .....	95

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE A PARTIR DO CONHECIMENTO DA HISTÓRIA</b> .....	18
1.1 A TRAJETÓRIA DO ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL E SUA IMPORTÂNCIA NA PROMOÇÃO DA CIDADANIA E FORMAÇÃO DA IDENTIDADE .....	18
1.2 REGULAMENTAÇÕES QUE ORIENTAM O ENSINO DA HISTÓRIA .....	24
1.3 A HISTÓRIA LOCAL COMO INSTRUMENTO PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E EXERCÍCIO DA CIDADANIA .....	27
<b>2 HISTÓRIA LOCAL E SUA IMPORTÂNCIA NO ENSINO DE HISTÓRIA</b> .....	35
2.1 A ESCOLHA DO PERÍODO TRABALHADO .....	38
2.2 UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA PRÁTICA DOCENTE .....	43
<b>3 ELABORAÇÃO E APLICAÇÃO DO PRODUTO DIDÁTICO-METODOLÓGICO: OFICINA</b> .....	45
3.1 O PROJETO PILOTO (2017) .....	45
3.2 RESULTADOS E ANÁLISE DOS TRABALHOS APRESENTADOS NA EXPERIÊNCIA .....	67
<b>4 O PRODUTO: OFICINA</b> .....	75
4.1 ETAPAS PARA PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DA OFICINA(2018) .....	77
4.2 CONCLUSÃO DA OFICINA .....	95
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	106
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	109
<b>ANEXOS</b> .....	113

## INTRODUÇÃO

Trabalhar na Educação, atualmente, representa um desafio diário para os profissionais da área. São muitos os obstáculos que surgem diariamente na rede de ensino, problemas estes que perpassam desde a falta de estrutura para um aprendizado adequado, até a falta de interesse por parte dos alunos por diversos motivos.

Este trabalho foi elaborado a partir da percepção de que muitas das dificuldades enfrentadas pelos professores de História, da Rede Pública, se referem à falta de interesse dos alunos com a disciplina de História. O desinteresse observado se deu muitas vezes devido ao estudante do Ensino Básico não conseguir estabelecer relações entre os conteúdos ministrados na disciplina e a sua própria realidade. Os alunos não criam conexões entre passado e presente e não se percebem como sujeitos históricos. É como se o estudo da História fosse algo estranho e sem relação alguma com suas vidas, dessa forma, os alunos não veem sentido em estudá-la.

Como uma forma de despertar o interesse deste aluno e instigar sua curiosidade para o aprendizado foi introduzida ao conteúdo da disciplina de história temas envolvendo a história local, Patrimônio Histórico e Cultural, Educação Patrimonial, valorização e utilização da Memória na construção do conhecimento histórico pelos alunos da rede de Educação Básica de Ensino do Estado. Essa proposta pedagógica está em consonância com os objetivos do Mestrado Profissional em ensino de História – ProfHistória – bem como com as diretrizes dos Parâmetros Curriculares Pedagógicos, como meio de fortalecer e difundir a educação nas escolas. Neste diapasão, a introdução de temas locais nos conteúdos da disciplina de História foi trabalhada nas escolas nas quais leciono – E.E. Prof. Anísio Teixeira, E.E. Dr. Manoel Villaça e o Centro de Educação de Jovens e Adultos Prof. Felipe Guerra, em Natal.

Num primeiro momento, como objeto de pesquisa, pretendia-se trabalhar o direito à cidadania conquistada pelos afrodescendentes na atualidade fazendo um contraponto de como este grupo foi tratado no início da República. Pois, mesmo após terem conquistado a cidadania, depois da libertação dos escravizados, por um longo período lhes foram negados muitos direitos civis, políticos e sociais. O momento histórico que se pretendia explorar, a priori, seria a Revolta da Chibata, ocorrida na então Capital do Brasil – Rio de Janeiro, em 1910, na qual um grupo de trabalhadores, mesmo livres e detentores da cidadania eram tratados como sujeitos de segunda classe, ou ainda como escravos.

Contudo, no ano letivo de 2017, durante as aulas teóricas do Mestrado Profissional de História foi proposto na disciplina de “História Local: usos e potencialidades pedagógicas” que se realizassem algumas propostas pedagógicas envolvendo, entre outros, temas sobre a História Local. No decorrer da realização das atividades ficou evidenciado o total desconhecimento por parte dos alunos quanto à história do nosso Estado, da nossa cidade, dos bairros onde eles próprios moram e até mesmo, no tocante à escola em que eles estudam.

Isto pode ser observado nas turmas das escolas em que leciono como professora da disciplina de História, tanto nas turmas do Ensino Fundamental, quanto no Ensino Médio. Contudo, a maior falta de conhecimento ocorreu na modalidade do Ensino Básico Normal. Já na modalidade da Educação de Jovens e Adultos – EJA, principalmente no Ensino Médio, por representar um público mais velho com uma determinada experiência de vida, os educandos tinham um conhecimento maior da história, tanto da cidade quanto dos bairros em que moravam.

Observou-se que todas as turmas em que foram aplicadas atividades envolvendo temas de história local haviam apresentado bons resultados, principalmente no que diz respeito à construção do conhecimento histórico pelo aluno a partir do interesse e da curiosidade por determinados assuntos, o que os levou a desenvolverem um trabalho de pesquisa, seleção de material histórico acerca dos temas pesquisados e posterior construção de uma narrativa dos seus resultados e constatações de suas pesquisas.

A proposta que apresentou melhor resultado, do ponto de vista pedagógico, ocorreu na turma do 9º ano, do Ensino Fundamental, da Escola Estadual Dr. Manoel Villaça, localizada na Zona Oeste da capital. Nesta turma, em especial, quando foi apresentada a proposta de desenvolver um trabalho envolvendo a história local, os alunos estudavam o conteúdo sobre a Segunda Guerra Mundial, tema que despertava a curiosidade e o interesse de muitos destes, tanto pelos conflitos em si, quanto pelas figuras históricas envolvidas.

Embora os alunos tenham pesquisado e realizado trabalhos sobre a Segunda Guerra ficou constatado que, em suas concepções, este conflito era algo distante e separado de suas realidades, que esta guerra não interferiu ou teve consequências significativas para a história do nosso país ou da nossa cidade.

Para tentar estabelecer uma relação entre a Segunda Guerra e a história local, objetivo do trabalho pedagógico exigido pela mencionada disciplina do Mestrado foi passado para a

turma o filme “*For all: o trampolim da vitória*”, o qual narra como a cidade se adaptou à chegada dos soldados norte-americanos, visto que o município gozava de uma posição estratégica e peculiar para o desdobramento do mencionado conflito.

Este filme pode ser considerado como um referencial por representar uma grande descoberta para os alunos da turma que, no desenrolar da película, iam explorando e identificando os locais apresentados, os prédios, as ruas, as construções, as paisagens. Os estudantes comentavam entre si os locais que reconheciam na tela e percebiam que estes locais possuíam histórias totalmente desconhecidas para eles. Ao final do filme, entre as perguntas mais frequentes, estavam se as histórias que acabavam de ver eram verídicas, se realmente havia acontecido ou se determinados personagens tinham de fato existido.

Na oportunidade, foi explicado que a maior parte do que havia sido apresentado na obra cinematográfica consistia em ficção, mas que quanto ao conteúdo geral – a chegada dos americanos, a mudança na vida das pessoas que moravam na cidade, as influências sofridas pela presença norte-americana – era a reconstrução aproximada das histórias e das lembranças sobre o período retratado.

Embora o filme “*For all: o trampolim da vitória*” seja uma simulação e apresente várias situações e personagens estereotipados percebe-se que ele representa uma grande miscelânea de situações, comportamentos, eventos e fatos ocorridos entre as décadas de 1930 e 1940 e que causaram profundos impactos tanto na sociedade, quanto na economia e na cultura da cidade. Esta obra representou um importante recurso didático a ser utilizado em sala de aula, pois possibilitou ao professor trabalhar diversas questões relacionadas à guerra, à construção de identidades, à memória, aos costumes, às mudanças comportamentais, entre outros.

Após o filme, nas aulas seguintes, como forma de dirimir a curiosidade dos alunos, foram apresentados em sala de aula alguns curtas-metragens encontrados na *internet* que tinham por tema a participação de Natal na Segunda Guerra Mundial e as mudanças ocorridas na cidade devido à chegada norte-americana na cidade. Entre discussões, debates e pesquisas realizadas pelos alunos e surgidas a partir do interesse deles próprios, os estudantes passaram a ter uma nova visão acerca da disciplina de História.

A história estudada nos livros didáticos, antes tão distante e separada de suas vidas e de seu cotidiano, de repente, se tornou viva e próxima. Eles se perceberam como sujeitos históricos capazes de manterem ou modificarem a sociedade em que vivem (muitos questionavam: “e se

o sujeito tal tivesse feito isso ou não realizado aquilo?"; "se ele tivesse feito antes ou depois?", etc.).

Diante dos mais variados interesses, a forma de concluir o semestre e de aferir as notas se deu mediante a participação da turma nas discursões e debates, além da apresentação de um trabalho realizado em grupo que fosse o resultado de suas pesquisas sobre os temas que mais interessavam cada grupo. Durante os debates, os alunos sempre questionavam sobre a existência de locais onde eles pudessem encontrar os vestígios desse período, tais como objetos, prédios ou construções que tiveram alguma participação, direta ou indiretamente, durante a Segunda Guerra.

No decorrer dessa atividade, envolvendo História Local, junto às questões trazidas pelos alunos, também foram levantadas algumas indagações, tais como: por que nossos estudantes do Ensino Básico desconhecem completamente esta parte da história da cidade ou por que este fato não está inserido nos livros didáticos utilizados pela escola, nem nos planejamentos feitos pelo corpo docente escolar, bem como o motivo do desinteresse por parte do poder público em resgatar e investir em projetos que visem preservar, por meio de políticas públicas, esse período da história local.

É interessante perceber que este tema é alvo de diversos estudos dentro do Curso de História da UFRN, mas muitos dos trabalhos não chegam de fato à disciplina de História ministrada no Ensino Básico. Assim, percebe-se a distância existente entre a história produzida na Academia, que valoriza e destaca as temáticas da História Local e a História que é ensinada no Ensino Básico, contida nos livros didáticos fornecidos à Rede de Educação Básica, que ainda segue o modelo historiográfico clássico, que exalta a história produzida como oficial, relegando e desvalorizando a História Local.

Desta forma, a partir da realização de uma atividade sobre o estudo da História Local, dos questionamentos e reflexões sobre a falta de interesse em se trabalhar temas locais na disciplina de História na Rede de Educação Básica, da negligência do poder público em não valorizar este período da história da cidade e das discursões com a orientadora da dissertação foi que surgiu a ideia de se trabalhar com o tema da participação da cidade de Natal na Segunda Guerra Mundial.

A partir desses pressupostos, o atual trabalho busca alcançar um público formado pelos alunos do 9º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Dr. Manoel Villaça, localizado no

bairro de Lagoa Nova, o qual atende, entre outros, os moradores da Zona Oeste de Natal. A escolha desta Escola e desta turma em particular se deu a partir de observação de determinadas dificuldades em relação à disciplina de História.

Entre os principais problemas percebidos foi detectado que os estudantes sentem uma enorme dificuldade em relacionar a disciplina de História com o mundo em que vivem. Isto faz com que o aluno demonstre um alto grau de desinteresse pela disciplina. Assim se faz necessário que o ensino de História se torne algo conectado com a realidade do aluno, que exista uma relação entre o passado e o presente. Que o passado seja entendido a partir das questões que suscitam inquietações no presente. Isto irá instigar o aluno a se interessar pelos conteúdos da disciplina permitindo (e facilitando) o processo de ensino-aprendizagem da disciplina de História.

Ao longo da elaboração desta dissertação foi desenvolvida uma proposta didática metodológica, na forma de Oficina, com o intuito de apresentar aos alunos um pouco da História Local. Para tanto o recorte histórico se concentrou na década de 1940, período de intensas mudanças e transformações no mundo e no Brasil. Entre os conceitos trabalhados estão: a *História* a partir da perspectiva da Nova História Cultural que parte do estudo das sociedades ao longo do tempo; a construção da identidade a partir das narrativas históricas e da Memória; a valorização da História Local; a valorização do Patrimônio Histórico, para fazer com que o aluno tenha ciência do seu pertencimento e se reconheça como sujeito histórico e possa exercer sua cidadania plena. Para tanto, foram utilizadas como base as legislações referentes à Educação, assim como renomados autores que se debruçam sobre o tema, dentre eles: Bittencourt, Ferreira, Chevel, Fonseca, Cruz, entre outros.

Diante do exposto, a Oficina elaborada teve como principal objetivo tentar despertar o interesse dos alunos para a disciplina de História e fazê-los perceber a relação existente entre o passado e o presente, entre o geral e o particular. Para tanto, foi utilizado como elemento propulsor e tema da Oficina a participação da Cidade do Natal na Segunda Guerra Mundial que, apesar de não ser devidamente valorizada pelos livros didáticos, teve um importante papel no desenrolar do conflito e na construção da Identidade Cultural da Cidade e que deixou marcas que podem ser percebidas ao longo dos últimos setenta anos.

A elaboração da Oficina surgiu a partir da prática pedagógica ao longo dos dois anos do ProfHistória, isto deu a oportunidade de colocá-la em prática em duas turmas do nono ano ao do curso do mestrado. No planejamento da Oficina foi levado em consideração, principalmente,

o ensino da História Local para buscar refletir sobre os acontecimentos históricos. A partir destas reflexões tornou-se mais fácil para o aluno compreender os processos históricos a partir das ações dos homens praticadas em seu contexto histórico e entender porque eles agiram de tal forma e como estas ações influenciaram no desenvolvimento da História.

Durante a efetivação da Oficina foram realizadas atividades no sentido de estimular os alunos a criarem uma identidade com a história local, para que eles tivessem orgulho de suas origens e se identifiquem com a história de sua cidade. Foi incentivado, também, que os estudantes conhecessem a história local e compreendessem que o momento atual e muito do que somos hoje, de certa forma e em determinado grau, é um reflexo dessa história, pois os fatos passados contribuíram para a construção do presente.

A metodologia utilizada na dissertação foi o levantamento bibliográfico acerca dos conceitos que serviram como referencial teórico para a conclusão deste trabalho. E o produto apresentado é a proposta didática metodológica da utilização de Oficina Pedagógica para a introdução da História Local nos conteúdos da Disciplina de História para que os alunos desenvolvam os conceitos de Identidade e Cidadania.

Desta forma a presente dissertação divide-se em três capítulos. No primeiro capítulo foi desenvolvido um panorama da história da educação e do ensino de História no Brasil, com destaque para as principais leis que regem e direcionam o ensino na atualidade, assim como alguns conceitos importantes para a realização do trabalho, tais como: educação, construção da Identidade, Patrimônio Histórico e Cultural e Memória.

No segundo capítulo foi abordada a temática da História Local que foi trabalhada em sala de aula a fim de tornar o ensino de História significativo para os alunos, a metodologia a ser aplicada e a relevância desta temática. A partir deste capítulo o texto passa a se caracterizar pelo relato de como se deu a escolha do produto que elaborado. Desde o planejamento até a execução da Oficina proposta.

O terceiro capítulo caracterizou-se pelo relato da aplicação do projeto piloto para a Oficina, esta aplicação ocorreu, como foi mencionado anteriormente, na E.E. Dr. Manoel Villaça na turma do nono ano. Esta aplicação proporcionou vivenciar na prática a proposta a elaboração final do produto a ser apresentado, pois foi a partir das respostas dos alunos que as etapas da Oficina puderam ser planejadas. Este capítulo contém o relato da utilização da proposta didática metodológica da Oficina que foi aplicada no ano de 2017.

O quarto e último capítulo é uma descrição da Oficina como o Produto desta dissertação, além de conter o relato de como se deu a sua aplicação na turma do nono ano de 2018 da E.E. Dr. Manoel Villaça.

## 1. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE A PARTIR DO CONHECIMENTO DA HISTÓRIA

### 1.1 A TRAJETÓRIA DO ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL E SUA IMPORTÂNCIA NA PROMOÇÃO DA CIDADANIA E FORMAÇÃO DA IDENTIDADE

Desde o final da década de 1990, a questão da Educação no Brasil vem recebendo destaque nos mais diversos setores da sociedade. Percebe-se que houve uma preocupação crescente em relação ao Ensino, principalmente no tocante ao *que ensinar e como ensinar*. De acordo com Garcia, a partir da década de 1980 houve um fortalecimento das pesquisas que envolviam questões sobre a educação, principalmente nas discussões acerca da “necessidade de conhecer a realidade das escolas e das salas de aula por meio da observação participante.”<sup>1</sup>

Segundo Ferreira, “os debates sobre a educação brasileira entraram na ordem do dia. Empresas privadas, órgãos governamentais debatem o tema e defendem a implementação de políticas voltadas para a melhoria da qualidade da educação básica.”<sup>2</sup>

O Ministério da Educação e Cultura – MEC tem proposto, ao longo dos últimos anos, uma série de políticas públicas que visam ampliar e melhorar a educação no âmbito da sociedade de forma que o acesso à educação possa ser compartilhado e exercido por toda a população. A Educação tornou-se um direito assegurado na Constituição Federal de 1988 e configura-se como a base da formação de uma consciência crítica e formadora da cidadania.

Essa intervenção estatal, através da formulação de políticas públicas para a Educação visa possibilitar ao Estado um papel fundamental na elaboração dos currículos e programas das diversas disciplinas que, conforme Abud transforma-se “no instrumento mais poderoso de intervenção do Estado no Ensino, o que significa sua interferência, da cidadania, no sentido que interessa aos grupos dominantes.”<sup>3</sup>

Dessa forma, como observa Chauí<sup>4</sup> pode-se afirmar que a educação está intrinsecamente influenciada e definida pelo discurso de poder que controla suas diretrizes e suas bases

<sup>1</sup>GARCIA, Tânia Maria F. Braga. Questões para a pesquisa em educação histórica. *In: ensino de história: múltiplos ensinamentos em múltiplos espaços*. Margarida Maria Dias de Oliveira, et all (Org.). Natal: EDFURN, 2008. p. 36.

<sup>2</sup>FERREIRA, Marieta de Moraes. Por um novo ensino de história: os desafios dos anos 1950-60. *In: O ensino de história em questão: cultura histórica, usos do passado*. Helenice Rocha, et all (Org.). Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015. p. 141.

<sup>3</sup>ABUD. Katia. Currículos de história e políticas públicas: os programas de história do Brasil na escola secundária. *In: O saber histórico na sala de aula*. Circe Bittencourt, et all. (Org.). 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 28.

<sup>4</sup>CHAUÍ, Marilena de Souza. Ideologia e educação. *Educação e sociedade*. São Paulo: 1980.

disciplinares. Para Dickel, as reformas do Ensino propostas nas últimas décadas encontram-se relacionadas às transformações econômicas e políticas que o país passou, uma vez que é por meio da educação proporcionada à sociedade que o país poderá “se integrar, mesmo que subordinadamente, às novas formas de estruturação da economia mundial e de organização de trabalho”.<sup>5</sup>

É nesta perspectiva, da Educação enquanto instrumento das classes dominantes, que a maioria dos trabalhos relacionados à História do Ensino de História foi desenvolvida. Para Dickel, o ensino de História, a partir da década de 1980 tem sido alvo de uma série de pesquisas que tem por objetivo denunciar o viés político-ideológico aplicado nos currículos que são elaborados e organizados pelo Estado. Essa sistemática possibilita a manipulação do ensino, colocando-o a serviço dos interesses das classes dominantes.

Para Bittencourt “a História enquanto disciplina escolar possui uma longa história, permeada de conflitos e controvérsias na elaboração de seus conteúdos e métodos.”<sup>6</sup> Embora tenha ocorrido, na década de 1980, um aumento das pesquisas sobre a “História do Ensino de História no Brasil”, estes estudos se encontram restritos à região sudeste, ou seja, ao polo onde se encontravam concentrados os poderes políticos e econômicos do Brasil nos séculos XIX e XX.

Ainda conforme Bittencourt, com a independência do Brasil perante Portugal, as escolas de ensino primário tinham por objetivo ensinar aos seus alunos a “ler, escrever e contar”. Vale salientar que os textos destinados à leitura eram compostos, entre outros, da “Constituição do Império” e da “História do Brasil” até aquele momento.

Para a autora, tal escolha ligava-se a um ideal que “fortificasse o senso moral por meio de deveres para com a pátria e seus governantes”.<sup>7</sup> O ensino da disciplina de história estava ligado à construção de “uma formação moral e cívica” onde os “conteúdos passaram a ser elaborados para construir uma ideia de nação associada à de pátria”.<sup>8</sup> Neste período o ensino já era utilizado como um instrumento, a serviço do Estado, para a formação do cidadão.

---

<sup>5</sup>DICKEL, Adriana. Globalização e política educacional: a reforma do ensino no Brasil. In: *Ensino de história e educação*. Paulo Afonso Zarth, et all (Org.). Ijuí: UNIJUÍ, 2004. p. 21.

<sup>6</sup>BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 59.

<sup>7</sup>Ibidem. p. 61.

<sup>8</sup>BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011. Pp. 61.

Os conceitos de direito e cidadania passaram por transformações no decorrer das décadas e estas foram refletidas no ensino brasileiro, principalmente sua introdução no ensino de História. De acordo com Chervel:

A instituição escolar é, em cada época, tributária de um complexo de objetivos que se entrelaçam e se combinam numa delicada arquitetura pela qual alguns tentaram fazer um modelo [...] mas essa instrução está inteiramente integrada ao esquema educacional que governa o sistema escolar, ou o ramo estudado.<sup>9</sup>

Assim, com ampliação dos conceitos de cidadania e direito para uma parcela maior da sociedade o ensino passou a ser essencial para a compreensão e aquisição da cidadania e para o exercício dos direitos que esta proporcionava. Observa-se que há uma preocupação com o que deveria ser ensinado às classes até então marginalizadas.

Conforme Bittencourt era necessário que a História ensinada às classes populares tivesse por objetivo “enculcar determinados valores para a preservação da ordem, da obediência à hierarquia, de modo que a Nação pudesse chegar ao progresso, modernizando-se segundo o modelo dos países europeus”.<sup>10</sup> Este objetivo só seria alcançado com a seleção de conteúdos que privilegiassem personalidades e os feitos escolhidos pela classe dominante. Tal escolha tinha por objetivo a formação de uma identidade nacional.

Interessante ressaltar que desde o início da inserção do ensino de História no Ensino Fundamental, este está ligado à ideia de Identidade Nacional, da pátria que se pretendia construir.

Com as mudanças ocorridas no final do século XIX houve uma democratização do ensino às classes mais populares, que passaram a ter acesso ao ensino e isto pediu uma universalização ou padronização mínima de pelo menos alguns conteúdos a serem repassados.

Observa-se que, com as mudanças advindas do sistema capitalista que provocaram transformações tanto no plano econômico, quanto político e social houve uma série de mudanças no tocante às discussões sobre as práticas educacionais praticadas no Brasil.

Nota-se que ao longo do século XIX e XX, no que diz respeito à disciplina de História houve várias mudanças em relação aos seus conteúdos e programas. Durante muito tempo o ensino de História seguiu o modelo europeu ou americano, que privilegiava o enfoque das

---

<sup>9</sup>CHERVEL, André. *História das disciplinas escolares*. Teoria e Educação. n.2. Porto Alegre: Pannonica, 1990. p. 188.

<sup>10</sup>BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Op. cit., loc. cit.. p. 64.

narrativas sob a perspectiva das classes dirigentes no qual o centro irradiador dos acontecimentos estava centrado na Europa branca dirigente. Isto reforçou o sentimento de não pertencimento das camadas menos favorecidas da sociedade, o que acabou por criar um distanciamento entre o povo e a história. Como se apenas a classe dominante e as elites pudessem interferir nos grandes eventos históricos.<sup>11</sup>

A partir do início do século XX o ensino de História passou a ser considerado como disciplina escolar, momento em que começou a ser conduzida e direcionada conforme os parâmetros do poder estatal. Desde então houve várias discussões sobre o que deveria integrar os conteúdos da Disciplina de História. Na década de 1940 o conteúdo do ensino de História no ensino secundário sofreu modificações devido à força do Decreto Lei nº 4.244, de 1942, o qual regulamentava as disciplinas que integrariam no Brasil<sup>12</sup>.

Ao longo do século XX houve muitas mudanças políticas e econômicas no país e estas tiveram ação determinante na educação e no ensino de História. No final da década de 1960 e início de 1970, o ensino de História passa por novas transformações, a preocupação em atender aos interesses da industrialização direcionou a educação em privilegiar a formação de um “trabalhador” ou mão-de-obra disponível para o mercado em detrimento do cidadão consciente de seus direitos<sup>13</sup>.

Observa-se que nos momentos de transição política vivenciados no Brasil foram estabelecidas as mais significativas mudanças na estrutura da organização educacional. Conclui-se, assim, que a Educação Escolar sempre representou uma preocupação para os grupos dirigentes que alcançavam o poder, visto que permitia o controle ideológico da sociedade.

Essa constatação pode ser vista também no atual momento político em que o País está passando. A década de 2010 foi marcada por uma série de discussões sobre a necessidade de se reformular a Educação no País. Percebe-se que, assim como a política, a Educação passa por um momento de transição, no qual o Estado propõe uma reformulação do Ensino a partir das

---

<sup>11</sup> Nota-se que há uma preocupação por parte do governo de sistematizar os conteúdos que integraram os currículos das disciplinas.

<sup>12</sup> Conforme tal Decreto Lei o ensino se dividiria entre Ginásial (com quatro anos de duração) e Colegial, este com três anos de duração era oferecido nas modalidades Clássica ou Científica. Em relação à disciplina de História, esta era oferecida desde o Ginásio até o Curso Colegial Clássico ou Científico ambos com o conteúdo de História Geral e do Brasil. Essas modalidades, de acordo com o Decreto Lei de 1942 contribuiriam para a formação da consciência patriótica dos indivíduos e deveriam ser estudadas de forma correlacionadas.

<sup>13</sup> Nesse momento há uma redução na carga horária das disciplinas de História e Geografia, assim como a introdução de novos componentes curriculares tais como, Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política Brasileira.

disciplinas escolares. Resta aguardar pelos estudos e análises sobre os reais rumos que irão seguir.

Para Bittencourt, o ensino da disciplina de História tem por finalidade a constituição da cidadania. A manutenção ou não de uma disciplina no currículo escolar vincula-se a sua articulação com os objetivos da sociedade e “as transformações substantivas de uma disciplina escolar ocorrem quando suas finalidades mudam”.<sup>14</sup>

Nesta perspectiva, a disciplina de História, desde o seu surgimento, está atrelada com o objetivo de desenvolver na sociedade uma Identidade Nacional e permitir que os alunos possam exercer a cidadania, conforme o conceito vigente no período. Vale ressaltar que esta Identidade é limitada, pois é construída a serviço dos interesses da classe dirigente, da mesma houve que o conceito de cidadania.

Este objetivo – construção da Identidade e exercício da Cidadania por meio da educação – estiveram presentes desde o período imperial até os dias atuais. Mas é preciso observar qual o cidadão que o Estado quer formar e perceber a partir deste questionamento que direção a Educação seguirá. Esta é uma discussão cada vez mais presente na atualidade. A Constituição Federal do Brasil tem como um de seus fundamentos a promoção da cidadania, garantindo a todos uma sociedade livre, justa e solidária; o desenvolvimento nacional; a erradicação da pobreza e da marginalização e redução das desigualdades sociais e regionais; promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.<sup>15</sup> Assim, a Educação se coloca como o principal mecanismo que permitirá a viabilização de todos esses objetivos. Nesta perspectiva, segundo Bittencourt, na atualidade:

A maioria das propostas curriculares, o ensino de História visa contribuir para a formação de um “cidadão crítico”, [...] O ensino de História, ao estudar as sociedades passadas tem como objetivo básico fazer o aluno compreender o tempo presente e perceber-se como o agente capaz de transformar a realidade.<sup>16</sup>

Para a autora, essas “metas” – *formação do pensamento crítico, uma postura crítica do aluno e estudar o passado para compreender e transformar a sociedade* – são objetivos

---

<sup>14</sup>BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de História. In: *O saber histórico na sala de aula*. Circe Maria Fernandes Bittencourt (Org.). 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 17.

<sup>15</sup>BRASIL. *CONSTITUIÇÃO FEDERAL DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm). Acesso em: 11 de dez. de 2017.

<sup>16</sup>BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de História. In: *O saber histórico na sala de aula*. Circe Maria Fernandes Bittencourt (Org.). 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 19.

expressos nos currículos das disciplinas que fazem parte da Educação Básica desde a década de 1950 no Brasil. A inovação dos objetivos da disciplina de História se encontra alinhada com a “nova ordem mundial”, com a concepção de Estado e o fortalecimento das instituições financeiras e empresas privadas e as imposições de um mercado global.

A partir da década de 1980, com a “Redemocratização” do país o Ministério da Educação e Cultura (MEC) se comprometeu a realizar uma reformulação do Ensino em todos os seus níveis. No que diz respeito aos ensinos Fundamental e Médio foi proposto e elaborado os “Parâmetros Curriculares Nacionais” (PCNs) segundo a perspectiva piagetiana de aprendizagem, seguindo orientações internacionais.

Houve, assim, uma preocupação cada vez maior no processo ensino-aprendizagem do “sujeito histórico” capaz de promover transformações e não apenas como um cidadão inerte, mas que este seja um cidadão capaz de estabelecer seu próprio pensamento de forma crítica.

De acordo com Bittencourt os “currículos escolares têm sido objeto de muitas análises que situam seu significado político e social.”<sup>17</sup> Salienta-se que durante a década de 1980 os debates que cercaram os conteúdos do PCNs tinham por objetivo promover uma reformulação na educação visando que os alunos das camadas populares se integrem ao processo de ensino-aprendizagem a partir da seleção de conteúdos de “relevância social” a serem aplicados nas escolas.

Estas discussões sobre a escolha de quais conteúdos deveriam entrar nos currículos e quais deveriam ser excluídos prevaleceu durante muito tempo, constatando-se que, passados mais de trinta anos ainda não se chegou a um consenso, havendo muitas divergências entre as categorias responsáveis pela elaboração de um currículo comum nacional e pelo que seria específico de cada região e de cada Estado.

Atualmente a Educação passa por novas alterações uma vez que o MEC, a partir do ano de 2016, estabeleceu algumas mudanças na estrutura curricular do Ensino Básico, principalmente no que se refere à Base Nacional Curricular para o Ensino Médio. Essas mudanças acarretarão profundas alterações nos programas de algumas disciplinas, principalmente de História, uma vez que a obrigatoriedade de ser mantida na grade curricular está restrita apenas ao Ensino Fundamental. Em relação ao Ensino Médio, ainda pairam

---

<sup>17</sup>BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 99.

inquietações, pois pouco ficou definido quanto aos conteúdos que integrariam ou não os programas das disciplinas.

## 1.2 REGULAMENTAÇÕES QUE ORIENTAM O ENSINO DA HISTÓRIA

A partir da segunda metade do século passado houve uma crescente preocupação do Estado em direcionar o processo educacional no país. De acordo com Silveira:

Os nossos governantes têm formulado políticos educacionais sintonizados com contextos históricos de suas respectivas épocas, mas contextos esses referentes a tempos e espaços que não são tempos e espaços significativos do país como um conjunto, salvo de bolsões do território nacional, além – é claro – de tempos e espaços de fora do país. As relações contidas nas políticas educacionais no Brasil explicam a História de determinados segmentos e classes da população brasileira, contudo dão as costas para a grande maioria.<sup>18</sup>

Segundo a autora há uma estreita ligação entre as políticas governamentais para a educação e a intervenção de setores econômicos internacionais cujo objetivo é a implantação de programas educacionais que se adequem às necessidades e demandas do mercado financeiro vigente.

Desde então, o Sistema Educacional brasileiro vem sendo regido por um conjunto de leis que tem por objetivo possibilitar sua universalização a todas as pessoas que compõe a sociedade. A partir do final da década de 1980, com a promulgação da Constituição Federal, tanto a Educação, como a Cultura passaram a ser normatizadas por legislações próprias visando a sua aplicabilidade e expansão.

Nas décadas seguintes houve a criação de várias leis específicas como a Lei de Diretrizes e Bases, por exemplo, que estabelece a Educação como instrumento de construção da Identidade e exercício da cidadania. Pois é através de uma educação de qualidade que os indivíduos podem formar uma consciência crítica e se entenderem como sujeitos identitários e “nessa perspectiva, é essencial a vinculação da escola com questões sociais e com valores democráticos.”<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup>SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. Educação, história e política. In: OLIVEIRA, Margarida. M. Dias de. *Contra o consenso: LDB, DCN, PCN e reformas no ensino*. João Pessoa: ANPUH/PB. Ed. Sal da Terra, 2000. p. 7.

<sup>19</sup>PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. História, geografia / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. p. 35

Assim, a partir da promulgação da Carta Magna<sup>20</sup>, a Educação no Brasil passou a ser considerada um direito de todos e um dever do Estado tendo por finalidade o pleno desenvolvimento do indivíduo e o exercício da sua cidadania, além de prepará-lo e qualificá-lo para o mundo do trabalho.<sup>21</sup> O ensino oferecido pelas instituições, tanto as públicas quanto as particulares, deveria ser ministrado seguindo, entre outros princípios, o da igualdade de condições tanto para o acesso quanto à permanência de todas as escolas, liberdade de aprender, de ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber, pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas e a garantia de um padrão de qualidade no processo de ensino-aprendizado da população.<sup>22</sup>

Com a universalização da Constituição Federal - CF foram criados alguns dispositivos que garantiam a todos o acesso às instituições de ensino, pois previu que o Estado, através da União, Estados e Municípios, deveria oferecer o ensino público em estabelecimentos oficiais sob sua tutela<sup>23</sup>, além de ofertar materiais didáticos, escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde dos que não poderiam arcar através de meios próprios.

A disciplina de História, ao longo do tempo, teve um importante papel na construção da Identidade Nacional do País. São inúmeras as pesquisas que apontam a estreita relação entre a Educação e o Estado, relação esta construída, formulada e reformulada ao longo do tempo. Em relação à regulamentação da Educação, o artigo 210, da CF estabelece como competência do Estado fixar os conteúdos mínimos exigidos para que seja assegurada a formação básica (para o Ensino Fundamental) comum e que este seja pautado pelos valores culturais e artísticos nacionais e regionais.

Já o artigo 214, da CF, preceitua que o Estado deve, por meio de lei, estabelecer o Plano Nacional de Educação e que este vise a articulação e o desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis, bem como a integração das ações do poder público para a universalização do

---

<sup>20</sup>A partir da Constituição Federal de 1988, há uma preocupação do Estado em estabelecer normas que regulem o sistema educacional no país. O artigo 205, da mencionada legislação, reconhece que um dos principais objetivos da Educação consiste na construção de um sujeito crítico que seja capaz de compreender a sociedade na qual está inserido, além disso, que tenha o poder de modificá-la.

<sup>21</sup>BRASIL. *CONSTITUIÇÃO FEDERAL DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm). Acesso em: 11 de dez. de 2017. Art. 205.

<sup>22</sup>Emenda Constitucional nº 19 de 1988. Art. 206.

<sup>23</sup>BRASIL. *CONSTITUIÇÃO FEDERAL DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm). Acesso em: 11 de dez. de 2017. Inciso IV. Art. 206.

atendimento escolar, melhoria na qualidade do ensino público, a formação para o mercado de trabalho e a promoção humanística, científica e tecnológica do País.<sup>32</sup>

Desta forma, coube ao Estado estabelecer as diretrizes dos programas educacionais oferecidos pelo poder público (nos seus diversos âmbitos). Dentro deste contexto, a disciplina de História tem sido alvo de diversas alterações dos planos educacionais ao longo do tempo, atuando como objeto de vários interesses.

Em 1997 foram estabelecidos os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs que têm servido de suporte para a estruturação dos currículos da Educação Básica, tanto pela União, quanto pelos Estados e Municípios. É interessante ressaltar que as mudanças propostas nos últimos anos nos PCNs não foram fruto de um consenso, fato este que fez com que sua sanção fosse aprovada como Medida Provisória, apenas em 2017.

De acordo com os objetivos dos PCNs, o Estado reconhece a diversidade e pluralidade cultural das diversas regiões e propõem que cada região, Estado, Município e até mesmo os bairros e as escolas possam elaborar seus próprios projetos educacionais valorizando as peculiaridades de cada localidade, pois os PCNs “ao reconhecerem a complexidade da prática educativa, buscam auxiliar o professor na sua tarefa de assumir, como profissional, o lugar que lhe cabe pela responsabilidade e importância no processo de formação do povo brasileiro.”<sup>24</sup> Assim os PCNs estabelecem que os currículos elaborados para o Ensino Fundamental tenham como os objetivos proporcionar aos alunos a capacidade de, entre outros:

- compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;
- posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;
- conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao País;
- conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais;
- perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente;
- desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de

---

<sup>24</sup>PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. História, geografia / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997. p. 07.

inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania; (...)  
 saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos;  
 - questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação.<sup>34</sup>

Conforme os PCNs, as escolas têm as funções sociais de desenvolver nos seus alunos o cultivo dos bens culturais e sociais e que é neste universo que eles podem vivenciar as diversas situações que o país e o mundo apresentam. Desta forma, uma das maneiras para que a cidadania se desenvolva, através da educação, passa necessariamente pela disciplina de História, bem como por um reconhecimento histórico do indivíduo enquanto detentor e portador de uma identidade local.

### 1.3 A HISTÓRIA LOCAL COMO INSTRUMENTO PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E EXERCÍCIO DA CIDADANIA

Entre os autores que se dedicaram a escrever sobre as novas propostas pedagógicas proporcionadas pelos PCNs à disciplina de História estão Bittencourt e Almeida. Segundo esses estudiosos, os PCNs trouxeram uma inovação pedagógica para o ensino de História no Ensino Básico à medida que propõem que o currículo da disciplina possa ser estruturado em eixos temáticos, e não mais apenas pela narrativa seguindo a cronologia histórica.<sup>25</sup>

Pode-se dizer que a Nova História Cultural, enquanto abordagem, influenciou bastante na elaboração dos PCNs para a disciplina de História na medida em que incentivou a introdução do estudo dos diversos segmentos que compõem a sociedade. Para Almeida, a aproximação da Nova História Cultural com a Antropologia permitiu que a História de vários grupos sociais pudesse ser incorporada à narrativa histórica, pois deu voz aos mais diversos grupos sociais até então silenciados pela chamada história oficial das civilizações.

A incorporação da Nova História Cultural ao ensino da disciplina de História no Ensino Básico permitiu que novas abordagens, fontes e objetos pudessem ser utilizados, como por exemplo, o estudo da História Local, da história dos diversos grupos que compõem a sociedade na qual o aluno está inserido, além do estudo e da valorização do patrimônio material e imaterial presentes no cotidiano dos estudantes (seja ele oficial ou não). De acordo com Bittencourt,

---

<sup>25</sup>Circe Maria Fernandes Bittencourt e Vasni De Almeida.

O compromisso do setor educacional articula-se a uma educação patrimonial para as futuras gerações, centradas no pluralismo cultural. Educação que não visa apenas evocar fatos históricos (notáveis), de consagração de determinados valores de setores privilegiados, mas também recorrer à rememoração e preservação daquilo que tem significado para as diversas comunidades locais regionais e de caráter nacional.<sup>26</sup>

Nas últimas décadas, a disciplina de História, como componente curricular do Ensino básico, sofreu algumas alterações que a modificaram tanto na metodologia de ensino quanto na sua teoria. Se antes ela estava preocupada com os “grandes feitos” e as “personalidades” que se destacaram, a partir de uma visão elitista, na década de 1990 houve uma inserção de novos grupos sociais na construção da história, graças à ampliação dos conceitos de fontes e sujeitos históricos trazidos pela Nova História Cultural.

Segundo Rüssen<sup>27</sup>, a disciplina tem um importante papel no conhecimento do presente e nas previsões acerca do futuro, não se restringindo ao simples conhecimento do passado, a disciplina de história é de fundamental importância para que o estudante possa compreender o seu papel social a partir do desenvolvimento de uma consciência histórica.

Desta forma a disciplina de história possibilita a construção de uma consciência histórica que, se for estimulada no aluno do Ensino Básico, o auxiliará na construção de um pensamento crítico do mundo que o cerca, além de uma compreensão da sociedade e da formação de sua identidade.

Para Cruz, “estudar História [...] resulta em uma grande contribuição social. O ensino da História [...] pode dar ao aluno subsídios para que ele compreenda, de forma ampla, a realidade na qual está inserido e nela interfira de maneira consciente e propositiva”.<sup>28</sup> Nesta nova perspectiva, o professor vê sua função modificada, pois, em vez de mero reprodutor do conhecimento acumulado passa a ser um intermediador entre o aprendizado adquirido e o aluno, o qual cabe a construção do seu próprio conhecimento, o que propicia o entendimento da realidade que o cerca. Assim, para Marques:

---

<sup>26</sup>BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História*. Fundamentos e Métodos. 4º ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 278.

<sup>27</sup>De acordo com Rüssen, a primeira fase dos Annales tanto Febvre quanto Bloch “defendiam a história com a ciência dos homens no tempo, a ciência da mudança perpétua das sociedades humanas.” Para eles, o objetivo dos estudos históricos era a compreensão da vida passada. p. 82. (Rüssen) “A terceira geração prefere abordar o real histórico em sua multiplicidade não-totalizável, como faces de um poliedro de mil faces, como variações de imagens de holograma. Não há articulação global, não há interpretação de todos os fatos, não era homogeneidade e transição de níveis, não há síntese total pensável, não há historiador, sujeito histórico capaz de um olhar absoluto.” p. 84.

<sup>28</sup>CRUZ, G.T.D. *Fundamentos teóricos das ciências humanas: história*. Curitiba: 2003, IESDE. p.02.

Neste complexo processo operatório desempenhará um papel central o professor que for capaz de se integrar no espaço/comunidade educativa onde leciona e que for capaz de trazer para a sua sala de aula os recursos que, saindo da identidade dos seus alunos, sejam capazes de mobilizá-los para colaborarem na sua procura e que os transformem em cidadãos ativos e intervenientes na preservação da sua identidade patrimonial. A competência histórica medir-se-á pela capacidade cívica de reivindicar a preservação da sua e da nossa identidade, pois, sem memória a consciência fica diminuída.<sup>29</sup>

No tocante à disciplina de História, os PCNs reconhecem a importância da função do professor na seleção e na organização dos conteúdos a serem estudados pelos alunos. Pela impossibilidade de, num curto intervalo de tempo, se ter a capacidade de estudar a História de todas as sociedades e em todos os tempos, o docente deve estabelecer como critério para se estudar história conteúdos “segundo uma tradição já consolidada, mas permanentemente rearticulada de acordo com temas relevantes a cada momento histórico”.<sup>30</sup>

O aluno perceberá que, para compreender as diversas situações que se colocam diante dele, é necessário compreender a história, pois, deve atentar que “os problemas atuais e cotidianos não podem ser explicados unicamente a partir de acontecimentos restritos ao presente. Requerem questionamentos ao passado, análises e identificação de relações entre vivências sociais no tempo”.<sup>31</sup> Desse modo, a disciplina de História ajudará no desenvolvimento da cidadania do aluno, capaz de não apenas entender, mas também de interferir de maneira significativa na sociedade na qual está inserida.

Assim, a partir da década de 2000, pretende-se que o ensino da disciplina de História deixe de ser aquela disciplina escolar da “decoteira” onde se exigia do aluno a mesma memorização e repetição de eventos, fatos e personalidades e passa a exigir do aluno uma compreensão crítica do mundo que o cerca.

De acordo com Bittencourt, o “ensino de História, ao estudar as sociedades passadas tem como objetivo básico fazer o aluno compreender o tempo presente e perceber-se como

---

<sup>29</sup> ALVES, Luís Alberto Marques. *A história local como estratégia para o ensino de História*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em: [http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0ahUKEwiokOee3LLZAhXD I5AKHUjpCRUQFggxMAE&url=http%3A%2F%2Fup.pt%2Fuploads%2Fficheiros%2F4880.pdf&usg=AOvVaw2vb-40sANR2\\_2-FXJZdHWG](http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0ahUKEwiokOee3LLZAhXD I5AKHUjpCRUQFggxMAE&url=http%3A%2F%2Fup.pt%2Fuploads%2Fficheiros%2F4880.pdf&usg=AOvVaw2vb-40sANR2_2-FXJZdHWG). Acesso em: 10 de jan. de 2018.

<sup>30</sup> PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. História, geografia / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997. p. 48.

<sup>31</sup> *Ibidem*. p. 45.

agente social capaz de transformar a realidade, contribuindo para a construção de uma sociedade democrática.”<sup>32</sup>

No Ensino Básico, a disciplina de História é um importante componente curricular na construção da cidadania pelos alunos. Para que estes possam compreender a cidadania como capacidade de participar da vida social e política do país e o pleno exercício dos seus direitos e deveres é importante que estes conheçam e compreendam os processos históricos pelos quais as sociedades passaram. As mudanças e permanências que permitiram a sociedade de se apresentar tal como eles a reconhecem.

O conhecimento histórico também permite ao aluno a construção de sua identidade e uma das maneiras de se alcançar tal intento é a partir do conhecimento da história do local onde se encontram inseridos. Desta maneira eles se tornarão capazes de se posicionarem de maneira crítica e responsável diante das mais diversas situações que os envolverão.

Percebendo a importância do conhecimento do próprio passado pelos alunos que os PCNs propõem que cada unidade de ensino procure elaborar um currículo que esteja mais próximo da realidade na qual a escola esteja inserida para que este seja significativo para os alunos. Os PCNs estabelecem que os conteúdos escolares que são ensinados pelas unidades de ensino devam “estar em consonância com as questões sociais que marcam cada momento histórico”<sup>33</sup>. Assim se faz necessário que os programas oferecidos estejam ligados às questões envolvendo a realidade e o cotidiano do aluno, só assim estes terão a capacidade de compreender a realidade que o cerca e desenvolverem mecanismos de interação com a mesma estabelecendo, assim, o exercício da cidadania.

Na disciplina de História o desenvolvimento da cidadania pode ser alcançado na medida em que os conteúdos programados tragam questões relativas à história e à cultura do universo que circunda o aluno do ensino básico. De acordo com ALVES:

Normalmente confere-se à história o papel de encontrar no passado pontos de referência, de nos fornecer as origens, as genealogias e as ligações civilizacionais e até de nos ancorar face à fugacidade do presente. Mas, numa perspectiva mais prospectiva, também se lhe atribui a função de ajudar os alunos na construção da sua identidade pessoal, nacional e civilizacional, seja nas vertentes de conhecer, ser, fazer

---

<sup>32</sup>BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de História. *In: O saber histórico na sala de aula*. Circe Maria Fernandes Bittencourt (Org.). 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004.p. 16

<sup>33</sup>PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. História, geografia / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. p. 33.

e viver com outros, dos sete saberes apresentados por Morin como fazendo parte da educação do futuro.<sup>34</sup>

Como estabelece o autor, a construção da Identidade, por parte do aluno, está intrinsecamente relacionada com as conexões estabelecidas no passado. Nessa perspectiva, a História fornece embasamento para que o estudante perceba como a atualidade chegou ao ponto em que se encontra, visto que é a continuidade de eventos que se iniciaram há gerações desses alunos.

Para Bittencourt, o estudo da História Local possibilita “a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência – escola, casa, comunidade, trabalho, lazer - e igualmente por situar os problemas significativos da história presente.”<sup>35</sup> Dessa forma, a História Local se transforma num instrumento que possibilita ao aluno se identificar com a história da cidade e se reconhecer como sujeito histórico, protagonista das mudanças ocorridas ao longo do tempo.

Conforme Ferreira e Orrico<sup>36</sup> nos últimos cinquenta anos tem havido certa preocupação, no mundo acadêmico, com relação à construção da identidade e da memória social. Este fenômeno pode ser comprovado mediante o crescente número de pesquisas e publicações acerca destes temas nos mais variados ramos das ciências humanas.

É a partir das narrativas acerca do passado, dos textos e imagens preservadas que são construídas “as referências que viabilizam a existência da memória e que permitem que nos identifiquemos como membros deste ou daquele grupo social.”<sup>37</sup> São as memórias do passado que mantêm ou modificam as narrativas históricas e que vão desenvolvendo uma ideia de pertencimento e construindo as identidades dos grupos sociais.

Ao longo do tempo, principalmente no Brasil, nota-se que a educação foi um importante instrumento para a preservação da memória que se pretendia ter para a construção da história do país. Uma das principais aliadas deste projeto foi a disciplina de História, que desde o início

---

<sup>34</sup>ALVES, Luís Alberto Marques. *A história local como estratégia para o ensino de História*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. p. 68.

<sup>35</sup>BITTENCOURT, Circe M. F. *Conteúdos históricos: como selecionar?* In: *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2008. 2ª ed. p. 168.

<sup>36</sup>FERREIRA, Lúcia M. A; ORRICO, Evelyn G. D. *Linguagem, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações*. Rio de Janeiro: UNIRIO/FAPERJ, 2002. p. 07.

<sup>37</sup>Ibidem, p. 08.

de sua trajetória sempre esteve estreitamente relacionada à ideia de nação que se almejava construir.

Muitas das pesquisas sobre a história da educação no Brasil, principalmente no que diz respeito à disciplina, foi utilizada como um instrumento das classes dominantes.<sup>38</sup> Ao longo da história percebe-se que os grupos dirigentes selecionam “símbolos coletivos de identificação”<sup>39</sup> para fortalecer a identidade que se espera que a sociedade construa sobre si. Por muito tempo, as classes sociais mais afastadas do poder tiveram suas histórias subtraídas ou esquecidas da história oficial das nações.

Para Nora, a partir do século XIX, a pesquisa acerca da “identidade de uma sociedade passava pelo sentimento nacional, portanto pela pesquisa de suas origens, pela história e pelo historiador”<sup>40</sup> Segundo a estudiosa, a identidade de uma nação é construída a partir das narrativas do seu passado, tendo a História um importante papel nesse processo. As memórias sobre o passado, os vestígios preservados de determinadas sociedades constituem um dos principais elementos na construção da identidade destas sociedades.

Nos últimos anos pode-se perceber a introdução nas ciências humanas de novos interesses que permitem a ampliação das possibilidades das pesquisas e estudos sobre as sociedades e de suas histórias. A possibilidade de se incorporar a Antropologia à Nova História Cultural permitiu que alguns conceitos pudessem ser utilizados tais como cultura histórica.

Segundo Gomes, os homens estão constantemente construindo e reconstruindo o passado e este processo interfere diretamente nas formulações e reformulações das identidades, tanto nacional, como locais. Para o autor, a “cultura histórica” seria “a relação que a sociedade mantém com o passado”<sup>41</sup> e abrangeria, além da disciplina de História, outras formas de conhecimentos e expressões culturais que possam ter referência com o passado, tais como a

---

<sup>38</sup>HOBSBAWN apud SANTOS, Afonso Carlos Marques. Linguagem, memória e história: o enunciado nacional. In: FERREIRA, Lúcia M. A; ORRICO, Evelyn G. D. *Linguagem, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações*. Rio de Janeiro: UNIRIO/FAPERJ, 2002. p. 21.

<sup>39</sup>FERREIRA, Lúcia M. A; ORRICO, Evelyn G. D. *Linguagem, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações*. Rio de Janeiro: UNIRIO/FAPERJ, 2002. p. 21.

<sup>40</sup>NORA, Pierre. Verbeti “Michelet”. In: Le Goff, J. Chartier, REVEL, J. *A nova história*. 1978. p. 424.

<sup>41</sup>GOMES, Angela de Castro. *História e historiadores*. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999. p. 158.

“literatura, arte, cultura popular, monumentos, outras manifestações simbólicas que estabeleçam relação com o tempo”<sup>42</sup>

A História seria a “recuperação” deste passado que envolveria a retomada das histórias coletivas da sociedade, bem como a valorização de “aspectos do cotidiano, das ideias, das festas, das práticas materiais dos homens comuns. Os atores dessa história são, portanto, atores coletivos e, quando um indivíduo dela emerge, é como referência exemplar para ilustrar um conjunto sempre maior.”<sup>43</sup>

A “memória social” teria um importante papel na construção das narrativas históricas, bem como as demais expressões culturais produzidas pela sociedade. É nesta perspectiva que este trabalho tenta se orientar, trazer a História Local da cidade de Natal como conteúdo a ser ministrado à disciplina de História, para despertar o interesse do aluno não só pela disciplina, mas fazê-los perceberem que a História faz parte do seu cotidiano, assim, como sua realidade, suas ações também interferem na história. Neste sentido, Alves considera que:

A história, sempre num quadro curricular o mais interdisciplinar possível, pode e deve cumprir a função social e individual de inserir os jovens nas heranças culturais das comunidades em que vivem. A didática da disciplina deve provocar a reflexão histórica por parte do aluno para sensibilizar para um conjunto de valores éticos cívicos e políticos. Está reservado a história o papel de abrir caminho para o aluno desenvolver o seu processo de construção pessoal que desague numa consciência histórica que exercite a sua cidadania na defesa de um patrimônio que também lhe pertence e que espera dele a capacidade de o conhecer – proteger – valorizar – divulgar e difundir.<sup>44</sup>

Desse modo, apesar de seus feitos não fazerem parte, ainda, da História que é facilmente encontrada nos livros didáticos, elas são importantes e significativas para que os estudantes possam compreender o mundo em que vivem, fortalecerem suas identidades, desenvolverem noções de cidadania, tornando-os sujeitos capazes de entenderem o mundo que os cerca e interferirem nas decisões de seu tempo.

Um conceito importante a ser utilizado diz respeito à Memória (a mesma de determinados acontecimentos). Esta discussão se torna pertinente, pois, durante longo período

---

<sup>42</sup> GOMES, Angela de Castro. *História e historiadores*. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999. p. 158.

<sup>43</sup> *Ibidem*, p. 161.

<sup>44</sup> ALVES, Luís Alberto Marques. *A história local como estratégia para o ensino de História*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em: [http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0ahUKEwiokOee3LLZAhXD I5AKHUjpCRUQFggxMAE&url=http%3A%2F%2Fup.pt%2Fuploads%2Fficheiros%2F4880.pdf&usg=AOvVaw2vb-40sANR2\\_2-FXJZdHWG](http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0ahUKEwiokOee3LLZAhXD I5AKHUjpCRUQFggxMAE&url=http%3A%2F%2Fup.pt%2Fuploads%2Fficheiros%2F4880.pdf&usg=AOvVaw2vb-40sANR2_2-FXJZdHWG). Acesso em: 10 de jan. de 2018.

o ensino da disciplina de História esteve restrito à “memorização”, por parte do aluno, de determinados episódios ocorridos (ou selecionados) na História. Atualmente, com toda a proposta oferecida pelos PCNs é importante que o aluno compreenda a sua realidade e construa relações entre o que se está aprendendo em sala de aula e a sua vida prática.

Isto é necessário para que o ensino se torne significativo e possa ser um importante instrumento de desenvolvimento, não só de sua capacidade cognitiva, como também a aquisição de habilidades, atitudes e valores para que possam compreender e interferir nos ambientes natural e social, dos sistemas políticos, do mundo tecnológico e das artes que fazem parte da vida em sociedade.<sup>45</sup>

A utilização da memória acerca das histórias passadas é um importante mecanismo que pode ser empregado pelo professor no ensino de História, uma vez que, ao permitir que o aluno resgate as memórias dos grupos sociais que fazem parte da sua comunidade permite que desenvolvam um sentimento de pertencimento ao perceberem que partilham de um passado em comum e fortaleçam suas identidades individuais e dos grupos aos quais pertençam.

Outro conceito a ser destacado diz respeito ao Patrimônio, quais as heranças que os grupos sociais deixaram para as atuais gerações. Nesta temática, encontramos a atual discussão sobre Patrimônio Histórico e Cultural das sociedades. O que o Estado oficialmente reconhece como patrimônio e o que as sociedades consideram ou estabelecem como tal.

Em relação ao trabalho a ser desenvolvido, estes conceitos se fundamentais, uma vez que a Segunda Guerra Mundial faz parte da história oficial, contudo, pouco destaque é dado pelos livros didáticos de História, não só em relação à participação do Brasil neste evento, mas, principalmente, um quase silenciamento sobre a participação da cidade de Natal neste episódio.

Percebe-se que pela falta de conhecimento, os alunos não criam laços de pertencimento, não se reconhecem como sujeitos históricos capazes de interferirem e fazerem também parte da História. Este é um dos maiores desafios do professor de História do Ensino Básico – fazerem como que os alunos se reconheçam como sujeitos históricos, que suas ações individuais e em grupo têm o poder de modificar ou perpetuar determinadas situações e que as narrativas dessas ações é que compõem a reconstrução da História.

---

<sup>45</sup>PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. História, geografia / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997. p. 15.

## 2 HISTÓRIA LOCAL E SUA IMPORTÂNCIA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Segundo Rüssen, o desenvolvimento da consciência histórica é de extrema importância para o indivíduo, uma vez que ela é “soma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo.”<sup>46</sup> Para o pensador, a consciência histórica permite ao homem compreender o presente pelas experiências do passado, “antevendo”, assim, o futuro.

Nesta perspectiva, o interesse pela disciplina de História deve ser incentivado no aluno do Ensino Básico caso se pretenda criar uma geração de cidadãos conscientes de sua importância e atuantes no mundo em que vivem.<sup>47</sup> A escola, bem como os professores, deve estimular nos alunos a sua percepção como sujeito histórico capazes de interferir, transformar, manter ou modificar a sua realidade. De acordo com Cruz, o estudo da História no Ensino Básico permite que o aluno adquira “subsídios para que ele compreenda, de forma mais ampla, a realidade na qual está inserido e nela interfira de maneira consciente e propositiva”.<sup>48</sup>

Assim, o projeto de intervenção proposto pelo trabalho tem como propósito promover o desenvolvimento e fortalecimento da identidade e cidadania nos alunos a partir do despertar da consciência histórica. Isso se dará por meio do estudo da história local e do patrimônio cultural que a cidade apresenta, em especial às transformações históricas-culturais ocorridas em Natal na década de 1940, por força da Segunda Guerra Mundial, evento que modificou drasticamente os rumos da realidade (e da história) dos países sob a influência da Europa Ocidental e EUA.<sup>49</sup> É necessário enfatizar que, conforme os PCNs de (1998), a disciplina de História, para o Ensino Básico, tem dentre os seus principais objetivos:

- identificar relações sociais no seu próprio grupo de convívio, na localidade, na região e no país, e outras manifestações estabelecidas em outros tempos e espaços;
- situar acontecimentos históricos e localizá-los em uma multiplicidade de tempos;
- compreender que as histórias individuais são partes integrantes de histórias coletivas;
- conhecer e respeitar o modo de vida de diferentes grupos, em diversos tempos e espaços, em suas manifestações culturais, econômicas, políticas e sociais, reconhecendo semelhanças e diferenças entre eles, continuidades e descontinuidades, conflitos e contradições sociais;

<sup>46</sup>RÜSSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica*. Brasília: UNB, 2010. p.57.

<sup>47</sup>Segundo os PCNs não é uma pretensão só do ensino da disciplina de História, mas um dos objetivos da educação básica, que é oferecer “um ensino de qualidade, que busca formar cidadãos capazes de interferir criticamente na realidade para transformá-la.” (p. 34)

<sup>48</sup>CRUZ, G.T.D. *Fundamentos teóricos das ciências humanas: história*. Curitiba: IESDE, 2003. p. 02.

<sup>49</sup> Fatos determinantes cujas influências, nos mais amplos setores, estão presentes até os dias atuais.

- dominar procedimentos de pesquisa escolar e de produção de texto, aprendendo a observar e colher informações de diferentes paisagens e registros escritos, iconográficos, sonoros e materiais.<sup>50</sup>

Desta forma, a proposta de estudo dos eventos ocorridos, por ocasião da Segunda Grande Guerra, em Natal encontra-se consoante com os objetivos estabelecidos para o ensino de História proposto pelos PCNs, além de estabelecer uma relação entre a história geral, ao mesmo tempo em que valoriza a história local.

Além disso, esse evento trouxe uma peculiaridade experimentada poucas vezes pelos natalenses, visto que suas influências ultrapassaram as fronteiras globais e nacionais, trazendo transformação direta à vida dos cidadãos. Atualmente as práticas educacionais já incorporaram na sua prática metodológica a valorização do resgate do saber que deve ser trabalhado a partir do ponto de vista do próprio aluno.

De acordo com os PCNs, na sua parte introdutória, “o ensino proposto pela LDB está em função do objetivo maior do Ensino Fundamental, que é o de propiciar a “todos formação básica para a cidadania.”<sup>51</sup> Assim, a cidadania nos alunos será alcançada a partir da formação do desenvolvimento de determinadas condições de aprendizagem que proporcione a capacidade para:

- II – a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade; [...]
- IV – o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.<sup>52</sup>

Dessa forma, ao planejar os conteúdos, cada unidade escolar precisa considerar e respeitar as propostas referenciais de cada região ou localidade e realizar as devidas adequações, sempre levando em conta as peculiaridades de cada local. Na disciplina de História um importante instrumento da construção e valorização da identidade do aluno é o conhecimento e aprofundamento da História do local onde os alunos estão inseridos.

---

<sup>50</sup> *PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS*. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: História. Brasília: MEC, 1988. p. 43.

<sup>51</sup> *PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS*. História, geografia / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. p. 15.

<sup>52</sup> BRASIL. *Lei nº 9.394/1996*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm). Acesso em: 09 de jan. de 2017. Art. 32 – II e IV.

Quando os estudantes passam a conhecer a sua história, a história de seus antepassados e a história da sua cidade, eles começam a compreender melhor o contexto no qual estão inseridos e têm acesso a instrumentos capazes de intervir na sua realidade e de transformar o mundo no qual vivem. A introdução da história local na disciplina de História no Ensino Básico permite ao professor explorar em sala de aula além do livro didático com a utilização de várias fontes como, por exemplo, o patrimônio histórico, a cultura do local, as expressões artísticas, literatura, entre outros. Segundo Samuel:

A História Local requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma idéia mais imediata do passado. Ela é encontrada dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir os seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos.<sup>53</sup>

Dessa forma, ao trazer o estudo da história local para a sala de aula, o aluno tem a possibilidade de criar conexões, associações entre o conhecimento e usar a própria realidade. Ele poderá relacionar os acontecimentos que se encontram presentes em sua vida com os processos históricos da região onde mora, do seu país e do mundo. Segundo Bittencourt, “os estudos da história local devem tentar buscar no recorte micro os sinais e as relações de totalidade social, rastreando-se por outro lado, os indícios das particularidades – os homens e mulheres de carne e osso”.<sup>54</sup>

Para a autora, a história do Brasil, por exemplo, é a amálgama das dimensões nacional, regional e local. Não se pode separá-las, pois cada dimensão encontra-se intrinsecamente ligada uma a outra, ou seja, cada uma é consequência da outra. Cada evento reverbera em todas as dimensões e cada uma delas processa e interfere na história como um todo.

Diante disso, ao privilegiar a história local, o educador amplia nos educandos o seu campo de conhecimento, além de permitir o fortalecimento e a valorização de sua identidade. A história local permite que o aluno possa “identificar o próprio grupo de convívio e as relações que se estabelecem com outros tempos e lugares.”<sup>55</sup> Além de que reconheçam “as mudanças e permanências nas vivências humanas, presentes em sua realidade e em outras comunidade,

<sup>53</sup>SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. In: *Revista Brasileira de História*. Pp. 219-242. V. 9, n.º 19, set. 1989 / fev. 1990. p. 220. Disponível em: [https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwi3vOj\\_uNbcAhUBNpAKHU4BukQFjAAegQIARAC&url=https%3A%2F%2Fwww.anpuh.org%2Farquivo%2Fdownload%3FID\\_ARQUIVO%3D3887&usg=AOvVaw05cZP94gDw2BksgmnnBm4K](https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwi3vOj_uNbcAhUBNpAKHU4BukQFjAAegQIARAC&url=https%3A%2F%2Fwww.anpuh.org%2Farquivo%2Fdownload%3FID_ARQUIVO%3D3887&usg=AOvVaw05cZP94gDw2BksgmnnBm4K). Acesso em: 20 de jan. de 2018.

<sup>54</sup>BITTENCOURT, Circe. Identidade Nacional e ensino de história do Brasil. In: Karnal, Leandro (Org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 18.

<sup>55</sup>PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. História, geografia / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. p. 33.

próximas ou distantes no tempo e no espaço”<sup>56</sup> Por fim, a história local permite que o patrimônio sociocultural local seja valorizado e que se desenvolva um comportamento, no qual as diversidades sejam respeitadas.

Ao montar seus planejamentos, o professor da disciplina de História do Ensino Fundamental tem ao seu dispor, além da LDB, PCNs e BCCNs, as portarias que regulamentam os conteúdos que devam contemplar tal fase do Ensino. No Rio Grande do Norte a disciplina de História contempla em seu conteúdo tanto o Ensino da História Geral e do Brasil quanto do Rio Grande do Norte em seu programa para a Rede Pública de Ensino. Mas deve-se observar que o conhecimento da história e cultura local deve ser contemplado e diluído nos programas não só de História, mas, também nas demais disciplinas.

## 2.1 A ESCOLHA DO PERÍODO TRABALHADO

Trazer a história da cidade para o Ensino Básico, principalmente o de Ensino Fundamental, faz parte do currículo da disciplina de História. Mas o que se percebe na prática é que o ensino da História Local, da cidade de Natal, muitas vezes é relegado a segundo plano na hora de se elaborar os planejamentos anuais pelos professores, uma vez que muitos preferem privilegiar os assuntos abordados nos livros didáticos.

Nota-se que ao trazer para a sala de aula o período da Segunda Guerra em Natal, o interesse pelo estudo de História foi despertado nos alunos. Embora já tenha se passado mais de setenta anos desde a data do conflito, os fatos que o cercam ainda são motivo de muitas curiosidades. São constantes as reportagens, os programas de televisão, documentários, filmes e histórias em quadrinhos sobre o assunto. O mundo ainda discute sobre o evento e os jovens são atraídos pelo tema devido a essa constante exposição nas mídias.

Vale observar que o tema da Segunda Guerra em Natal já foi amplamente estudado tanto nos cursos de História, quanto em outros cursos na cidade de Natal, uma vez que este evento trouxe mudanças significativas em todos os setores da cidade, tais como na economia, sociedade, política, cultura, arquitetura, entre outros.

---

<sup>56</sup>PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. História, geografia / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. p. 33.

Embora exista uma vasta produção sobre este período, principalmente das repercussões deste evento na cidade, os jovens natalenses pouco ou nenhum conhecimento possuem sobre o assunto. Assim, a partir das reflexões realizadas durante as disciplinas do ProfHistória foi percebido que, apesar dos alunos do Ensino Fundamental apresentarem uma curiosidade pelos eventos ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial, estes não demonstravam interesse pelo estudo da disciplina de História. Percebeu-se que, quanto maior o conhecimento apresentado pelos alunos por determinados fatos e trajetória das personalidades que participaram do evento, menor era o conhecimento de como esse fato repercutiu na cidade de Natal.

Eles não relacionavam o episódio com a história local da cidade. A curiosidade residia nas batalhas ocorridas na Europa, no papel desempenhado pelos EUA, os países europeus que se envolveram no conflito e em personalidades emblemáticas como Adolf Hitler ou Josef Mengele, por exemplo. Diante dessa lacuna foi orientada a elaboração do presente trabalho de dissertação, como fazer com que o interesse despertado pela Segunda Guerra pudesse alcançar a disciplina de História.

O período da Segunda Guerra permite ao professor explorar muitas possibilidades didáticas pedagógicas, principalmente no que se refere ao estudo da história local. Pode ser utilizado o próprio Patrimônio Histórico e Cultural que a cidade preserva sobre o período, bem como o uso das memórias dos antigos moradores sobre o período, além da disposição de um vasto material visual, audiovisual e jornalístico produzido sobre a época. Infelizmente, muitos desses materiais ficam enclausurados no seu ambiente de produção, não chegando a ser disponibilizados de maneira sistemática, ampla e democrática à sociedade em geral.

Segundo Soares, a educação patrimonial se torna um instrumento da construção do conhecimento da história local, assim, “é um programa que busca a conscientização das comunidades acerca da importância da criação, da valorização e da preservação dos patrimônios locais. Essa conscientização é um exercício de interação da população com os patrimônios de sua região.”<sup>57</sup>

De acordo com o autor, primeiro devem-se estabelecer as relações com os “patrimônios concretos” e, só depois, com os “patrimônios abstratos”. Para ele, é através da educação que as

---

<sup>57</sup>SOARES, A. L. R. *Educação patrimonial e educação popular: um viés possível*. Anais 8º Fórum de Estudos: leituras de Paulo Freire. UPF. Passo Fundo: 2003.

relações entre o Patrimônio, a História, a Memória e a Cultura podem ser estabelecidas e a partir destas relações as identidades locais podem ser desenvolvidas e mantidas.

A melhor forma de se conservar a memória é lembrá-la. A melhor forma de contar a história é pensa-la. A melhor forma de assegurar a identidade é mantê-la. Tudo se faz através da Educação, e educar para a preservação e valorização cultural é denominado Educação Patrimonial. [...] Neste sentido, o papel da educação patrimonial é de promover as manifestações culturais de todos os segmentos da sociedade, em todos os períodos históricos, ao mesmo tempo em que sedimenta um processo de inclusão [...] A educação patrimonial usa a formação de uma consciência cidadã na qual todos são cidadãos brasileiros em um processo de inclusão sócio-cultural.<sup>58</sup>

O enfoque dado sobre a educação patrimonial por Soares permite que o ensino de História, a partir da história local, estimule no aluno a valorização da história e cultura do meio no qual está inserido e faz com que ele se perceba como sujeito histórico também, que as ações e interferências de seu grupo social são resultado dos processos históricos que são apresentados nos livros didáticos de História.

Assim, o estudo do patrimônio histórico-cultural de determinado local, a partir dessa perspectiva permite que seja trabalhado no aluno “o respeito à diferença” de qualquer forma, além de permitir que os educandos possam “reconhecer as diferenças nos processos históricos”.

Neste sentido são necessários a construção e o desenvolvimento de uma memória coletiva do local onde o aluno encontra-se inserido, memória esta que entenda, valorize e preserve os elementos locais e façam nascer a semente do pertencimento, da identidade e do fazer parte da história. Observa-se, porém, que a educação patrimonial, a partir da retomada das memórias da comunidade não incorre em determinados erros como aponta Soares:

É importante salientar que a valorização do passado histórico e das peculiaridades locais não deve ser tomada como um saudosismo ou apoteose ao passado. Reconhecer as diferenças nos processos históricos deve ser propulsor para a diminuição das barreiras sociais e abolir a discriminação.<sup>59</sup>

Vale salientar, ainda, que ao trabalhar com a relação entre memória e patrimônio deve-se perceber que muito do que se vai pesquisar ou tentar recuperar já pode estar perdido irremediavelmente em outros tempos e só poderá ser apreendido a partir da perspectiva do presente, pois ao se trabalhar a reconstrução do passado a partir do patrimônio e da memória deve-se ter consciência que:

---

<sup>58</sup>SOARES, A. L. R. *Educação patrimonial e educação popular: um viés possível*. Anais 8º Fórum de Estudos: leituras de Paulo Freire. UPF. Passo Fundo: 2003.

<sup>59</sup>Idem.

Muito dessa história permaneceu intocável e outras se perderam no tempo. O passado é a recriação dos fatos acontecidos a partir de hoje. Não podemos lembrar de tudo, pois a memória é seletiva, mas podemos reunir fragmentos na busca da reconstrução de uma identidade que nos permita ser quem somos.<sup>60</sup>

A história do Rio Grande do Norte encontra-se intrinsecamente ligada tanto à história do Brasil, quanto à história mundial. Nota-se que muitos fatos que marcaram a história moderna e contemporânea repercutiram de maneira decisiva na história do Estado e, principalmente, na história da cidade de Natal.

Entre os acontecimentos históricos mais marcantes, que fazem parte da historiografia brasileira e que também são marcos na historiografia local estão: a chegada dos portugueses e suas lutas com os indígenas do nordeste; a invasão holandesa no nordeste no século XVII; o processo de urbanização seguindo o estilo europeu no início do século XX, a Intentona Comunista na década de 1930; a Segunda Guerra Mundial principalmente na década de 1940; o fenômeno do Cangaço ocorrido no sertão nordestino entre os séculos XIX e XX, entre outros.

Embora alguns destes fatos tenham marcado significativamente a história local chegando inclusive a fazer com que em alguns momentos o Estado tenha tido papel de destaque no desenrolar de determinados eventos, eles não “chegam” até os alunos da disciplina de História do Ensino Básico. Pouco ou nada da história local encontra-se inserido no conteúdo da disciplina de história atualmente.

Num contexto onde os conteúdos da disciplina de História são quase que impostos pelos livros didáticos ofertados pelo Estado, as escolas da Rede Pública de Ensino ficam condicionadas a trabalharem somente o conteúdo dos livros (embora seja um dos principais objetivos dos PCNs em relação à disciplina).

É importante frisar as contradições e dicotomias que o ensino da disciplina de História apresenta no contexto da educação atual. Temos uma legislação, tanto nacional quanto local que percebe a importância de se aproximar cada vez mais conteúdos das disciplinas escolares da realidade dos alunos ao mesmo tempo em que não cria mecanismos para que suas propostas se concretizem efetivamente.

---

<sup>60</sup>FAGAN, Elaine Binotto. *Quarta Colônia: Terra, gente e história*. Dissertação de mestrado programa de pós-graduação em patrimônio cultural. Santa Maria: 2014.

Um exemplo de tal contradição pode ser percebido quanto ao ensino da disciplina de História na Rede Pública de Educação no Ensino Básico. Segundo a Resolução que rege o Ensino Fundamental na Rede Municipal de Educação da cidade do Natal

§ 5º - O Ensino de História nos 6º e 7º anos regulamenta-se pelo Art. 26-A da lei 9394/96 – LDB, assegurado pela alteração instituída pela Lei 11.645/08 de 10 de março de 2008 – **incluindo-se igualmente um aprofundamento sobre História de Natal e do Rio Grande do Norte, compondo uma carga horária de três (03) aulas semanais** (grifo nosso).<sup>61</sup>

De acordo com a referida Resolução, cabe à comunidade escolar desenvolver em cada unidade educacional meios de integrar os aspectos geográficos, históricos e sociais da cidade e do Estado nas disciplinas de Geografia e História. Infelizmente não dispomos de dados mais aprofundados para formarmos um quadro geral que tal Resolução proporcionou à Rede Municipal de Ensino, no que se refere ao ensino da disciplina de História no Ensino Fundamental.

Ainda assim, constata-se que, mesmo superficialmente, houve certo avanço em relação às possibilidades da introdução da história local no Ensino Fundamental da Rede Municipal, uma vez que a Resolução anterior, referente ao ano de 2009, só previa que, segundo as orientações da LDB, os 6º e 7º anos deveriam incluir além da história dos afrodescendentes, também “ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.”<sup>62</sup>

Em relação ao Estado, que oferece os ensinos Fundamental e Médio em diversas formas de ensino na última Resolução (04/2012), estabelece que a disciplina de História deve conter seguintes conteúdos na organização curricular fica definido que art. 19 – III e IV, conforme a seguir:

III – nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, torna-se obrigatório o estudo da História e Cultura Afro-Brasileira e dos povos indígenas, os quais deverão permear todo o currículo escolar, especialmente nas áreas de Arte, Literatura e História; IV – as escolas deverão estabelecer a relação entre educação escolar e a vida cidadã, através da articulação entre os vários dos seus aspectos, a saber: saúde, sexualidade; vida familiar e social; meio ambiente, trabalho e consumo; ciência e tecnologia; cultura e linguagens, a serem desenvolvidas na transversalidade do currículo;<sup>63</sup>

<sup>61</sup>NATAL. RESOLUÇÃO 01/2014 CME. Art. 2º, §5º.

<sup>62</sup>BRASIL. Lei nº 9.394/1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm). Acesso em: 09 de jan. de 2017

<sup>63</sup>RESOLUÇÃO 04/2012

– CEE/CEB/RN. Disponível em:

Tal discussão é necessária, pois é neste contexto que foi idealizado e planejado a presente proposta metodológica em se trabalhar com o uso de oficinas. Mas antes é importante frisar algumas informações a título de introdução ou justificativa para a escolha do tema do trabalho desenvolvido.

## 2.2 UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA PRÁTICA DOCENTE

No ano de 2008 começou minha experiência na Educação Básica na Rede Pública de Ensino. Nos últimos dez anos tenho convivido diariamente lecionando a disciplina de História na Rede Estadual de Educação. Neste período pude perceber um movimento contraditório, pois, enquanto se estabelecia a nível nacional um fortalecimento no tocante à introdução dos temas locais nas disciplinas, levando em consideração a realidade na qual os alunos estão inseridos, no Estado foi vivenciado a retirada gradual dos temas locais das pesquisas do ensino da disciplina de História.

Até a década de 2010 havia na grade curricular do Ensino Básico ofertado pelo Estado a disciplina “Cultura do Rio Grande do Norte”, que era um desmembramento da disciplina de História e cujo conteúdo privilegiava a história e a cultura do RN esta disciplina era ministrada pelos professores de História.

Após 2010, houve a retirada desta disciplina, cabendo ao professor introduzir livremente os aspectos locais na disciplina de História. Este movimento coincidiu com o fortalecimento e a ampliação da distribuição do livro didático na Rede Pública Estadual, o que de certa forma vinculou as aulas aos conteúdos nesses livros. Afinal, a comunidade escolar tinha a oportunidade de escolher o livro que mais se integrasse as suas necessidades.

Na prática a escolha do livro se dá num contexto em que são oferecidos alguns exemplares de livros didáticos aos professores de determinadas editoras e a comunidade escolhe o que mais se adequa aos interesses e à realidade dos alunos, contudo, muitas vezes o livro escolhido tem pouca relação com a vida e aptidão dos alunos. Aos professores não é dada

nenhum tipo de orientação quanto os critérios de seleção do livro didático. Vale salientar que esta constatação foi possível após a minha entrada no ProffHistória.

Enquanto cursava a disciplina “Teoria da História”<sup>64</sup> os discentes do curso puderam ter a oportunidade de discutir e conhecer os critérios de como se deveria ocorrer a seleção do livro didático que o professor deve adotar. Na ocasião foi percebido, pelas falas dos colegas de curso, que a escolha que fazíamos muitas vezes se dava de forma aleatória ou não obedecendo a determinados critérios fundamentais a uma boa escolha do livro a ser utilizado em sala de aula.

Como professora da disciplina de História na Rede Pública de Educação observo um desinteresse cada vez maior por parte dos alunos em relação à disciplina de História nos últimos anos. A partir de relatos de alunos e reflexões de seus discursos, percebe-se que muitos educandos não veem relação entre a disciplina e a sua realidade prática, pois não se entendem como sujeitos históricos e acham que suas ações pouco ou nada contribuem para os acontecimentos do presente.

Enquanto profissional da educação percebo que cada vez mais se torna difícil despertar o interesse dos alunos para a disciplina, uma vez que atualmente cresce outras formas e fontes de informações através de novas tecnologias e mídias que rapidamente captam a atenção dos jovens. Foi neste contexto de buscar as alternativas para despertar nos alunos o interesse pela disciplina de História que surgiu a oportunidade de cursar o Mestrado Profissional de História e de tentar elaborar e desenvolver algumas metodologias que permitissem efetivar os objetivos propostos pelos PCNs para a disciplina de História.

Como foi dito anteriormente, foi estimulado o uso de instrumentos metodológicos que permitissem aos educandos desenvolver a cidadania a partir do conhecimento histórico e proporcionar ao aluno a sua percepção enquanto sujeito histórico capaz de intervir no mundo que o cerca.<sup>65</sup>

---

<sup>64</sup>Uma das atividades proposta pela disciplina Teoria da História”, ministrada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Juliana Teixeira Souza foi que os discentes avaliassem os livros didáticos que utilizavam em sala de aula segundo critérios estabelecidos pelo MEC.

<sup>65</sup>PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. História, geografia / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

### **3 ELABORAÇÃO E APLICAÇÃO DO PRODUTO DIDÁTICO-METODOLÓGICO: OFICINA**

No decorrer do mestrado, verificou-se que a introdução dos conteúdos referentes à história local despertava um interesse cada vez maior nos alunos. Desta forma, quase que naturalmente, surgiu a ideia de se trabalhar sobre um episódio muito conhecido, pesquisado e debatido por historiadores, sociólogos, urbanistas, escritores, jornalistas, pesquisadores tanto dentro quanto fora das universidades e faculdades da cidade: o período da Segunda Guerra Mundial em Natal.

Num primeiro momento foi preocupante observar que, ao mesmo tempo em que os alunos da 9ª série do Ensino Fundamental (anos finais), da Escola Estadual Dr. Manoel Villaça possuíam um interesse pelos assuntos relativos à Segunda Guerra Mundial, eles demonstravam um total desconhecimento sobre este episódio na cidade onde residem.

#### **3.1 O PROJETO PILOTO (2017)**

Quando o assunto da Primeira Guerra foi exposto em sala de aula, muitos já se antecipavam com perguntas acerca da Segunda Guerra. A princípio, enquanto educadora, relacionei o interesse ao possível conhecimento que eles teriam das mudanças ocorridas na cidade nesta época que poderia ter sido contado pelos seus pais e avós.

Com uma breve investigação sobre o assunto, averiguou-se que o entendimento dos alunos acerca da Segunda Guerra advinha da internet, de revistas de atualidades (muitas vezes sensacionalistas, tais como: “Mundo Estranho” e “Super Interessante”); manuais e álbuns sobre o tema (como, por exemplo, sobre aviões, tanques de guerra, armas, entre outros); de programas de televisão como filmes ou documentários (filmes como “Vingadores”, “Capitão América” e “Liga da Justiça”); Histórias em Quadrinhos e; internet.

Muitos tentavam relacionar o que sabiam com o que estava sendo exposto em sala de aula e a maioria dos alunos apresentou total desconhecimento pela história de Natal e, também, sobre como este evento havia repercutido na cidade de Natal. Desta forma, pareceu apropriado passar em sala de aula o filme nacional “*For All: o trampolim da vitória*”, produzido em 1997, que narra a história da chegada dos soldados norte-americanos na cidade de Natal.

Metodologicamente a exibição de filmes, como recurso didático, já é amplamente utilizado como uma ferramenta de auxílio para o professor nas suas atividades em sala de aula. Neste sentido, é necessário que alguns aspectos sejam observados, tais como: assunto, linguagem utilizada, faixa etária, roteiro, etc.

Conforme alguns autores o cinema é um lugar mágico, visto que permite que por alguns momentos o telespectador esqueça sua rotina. Entretanto, na escola este recurso pode ser usado como ponte entre outras realidades e o cotidiano do aluno, pois permite que outras verdades lhes sejam apresentadas. Assim, o filme foi útil na medida em que trabalhou o tema da Segunda Guerra no dia a dia de uma sociedade que, embora distante do conflito foi altamente influenciada pelo desenrolar deste evento.

A apresentação da película em sala de aula foi duplamente importante porque apresentou espaços da cidade de fácil reconhecimento e mostrou um grupo social no qual os alunos poderiam facilmente se identificar e tal foi a surpresa deles ao reconhecerem os cenários apresentados no filme: a cidade do Natal. Apesar das modificações ocorridas na cidade pelo decurso do tempo, muitos locais ainda puderam ser reconhecidos (Prefeitura da cidade, 16º Batalhão de Infantaria do Exército, Via Costeira, Parnamirim, entre outros). Os alunos também demonstraram sinais de empatia e de estranhamento a determinados comportamentos apresentados pelos personagens ao longo da película (submissão de determinadas personagens femininas em conhecer os artistas de Hollywood que lhes eram estranhos).

A curiosidade e o interesse dos alunos acabaram sendo despertados, pois eles passaram a ter informações que antes desconheciam. O passado contido no livro didático, que anteriormente não lhes interessava, tido como monótono, chato e muitas vezes distante se tornou próximo. Foi gratificante, enquanto educadora, perceber o interesse despertado nos alunos que ao reconhecerem locais do seu cotidiano no decorrer do filme se mostraram felizes e satisfeitos com aquela experiência.

Ao final, como já mencionado, os alunos ficaram tão empolgados que tinham muitas questões e indagações acerca do assunto. Este episódio acarretou num redimensionamento quanto ao planejamento didático para o bimestre. Constatou-se que este interesse poderia ser estimulado e aproveitado para que os alunos compreendessem a importância da história em suas vidas.

O trabalho despontou a partir das observações feitas durante o ano de 2017 com os alunos do 9º ano da Escola Estadual Dr. Manoel Villaça. A escola encontra-se localizada na região Oeste da cidade do Natal, e faz parte do chamado “Complexo Kennedy”<sup>66</sup>.

Os estudantes da E.E. Dr. Manoel Villaça geralmente são ex-alunos do Instituto Kennedy, moradores do entorno dos bairros próximos, bem como de outras localidades como Jardim América, Nazaré, Bom Pastor, Lagoa Nova, Felipe Camarão, Potengi Cidade da Esperança, Km 6, Planalto, etc. Muitos pertencem à classe média, cujas famílias fazem parte da segunda ou terceira geração de nascido na cidade. A escolaridade dos pais varia entre o Ensino Fundamental e Médio até o Nível Superior.

A maioria dos alunos vive com seus parentes diretos (pais, avós, tios, irmãos). Entre os planos que boa parte destes estudantes aspira para o futuro está em ingressar no Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN ou concluir o Ensino Médio na Escola Estadual Edgar Barbosa<sup>67</sup> e inserir-se no mercado de trabalho.

Dentre os principais obstáculos que ocorre com os alunos é que estes não conseguem criar relações entre o que se está estudando na escola e suas vidas práticas. Um dos maiores desafios encontrados nas turmas foi criar relações entre a disciplina de História e sua vida cotidiana. Entre o interesse dos alunos pela disciplina de História, independente das séries as quais pertençam, normalmente está a curiosidade pela pré-história, deuses de antigas religiões (como, por exemplo, a egípcia, a grega e a nórdica), a história das Grandes Guerras, entre outros. Independente de qual turma pertença, ao final do ano na Semana da Cultura ou Feira de Ciências, estes são os temas escolhidos com maior frequência para serem trabalhados pelos alunos.

Quando o conteúdo da Disciplina de História foge do interesse imediato do aluno o resultado é uma turma desmotivada e desestimulada quanto aos conteúdos das disciplinas em geral. Como foi explorado anteriormente durante o Curso do ProfHistória, os alunos da disciplina “História Local: usos e potencialidades”, do mestrado teriam que trabalhar o ensino

---

<sup>66</sup> Uma proposta pedagógica desenvolvida pelo Estado que visa integralizar um conjunto de escolas que se localizam perto uma das outras e que ofereçam diferentes anos do Ensino Básico e congrega quatro escolas próximas umas das outras. Dessa forma, o aluno tem a possibilidade de ingressar na primeira série do Fundamental I e chegar até o Nível Superior em escolas mantidas pelo Estado em um mesmo quarteirão.

<sup>67</sup> Pertencente ao Complexo Kennedy.

da história local em suas turmas, fazendo com que os seus educandos percebessem as relações entre a história, a história local e o meio em que viviam.

Na turma do 9º ano o interesse sobre a Segunda Guerra permitiu que essa intervenção fosse aplicada pelos alunos, uma vez que um dos marcos da história local se concentra nesta fase. O trabalho foi realizado em duas etapas, num primeiro momento foram expostos os assuntos na sequência em que estavam presentes no livro didático adotado pela escola.<sup>68</sup>

Após a exposição dos conteúdos foi pedido para que os alunos realizassem trabalhos relativos ao que haviam estudado. Muitos dos alunos apresentaram trabalhos sobre a Segunda Guerra enfocando, principalmente, a vida do líder nazista Adolf Hitler; as armas utilizadas na batalha e os avanços tecnológicos do período. A seguir um dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos cujo tema foi uma narrativa de um período da vida do líder nazista Adolf Hitler antes de sua ascensão ao poder:

---

<sup>68</sup> Vale salientar que a escola contava com vinte turmas do Ensino Fundamental com um total de três professores de História divididos nos turnos matutino e vespertino.

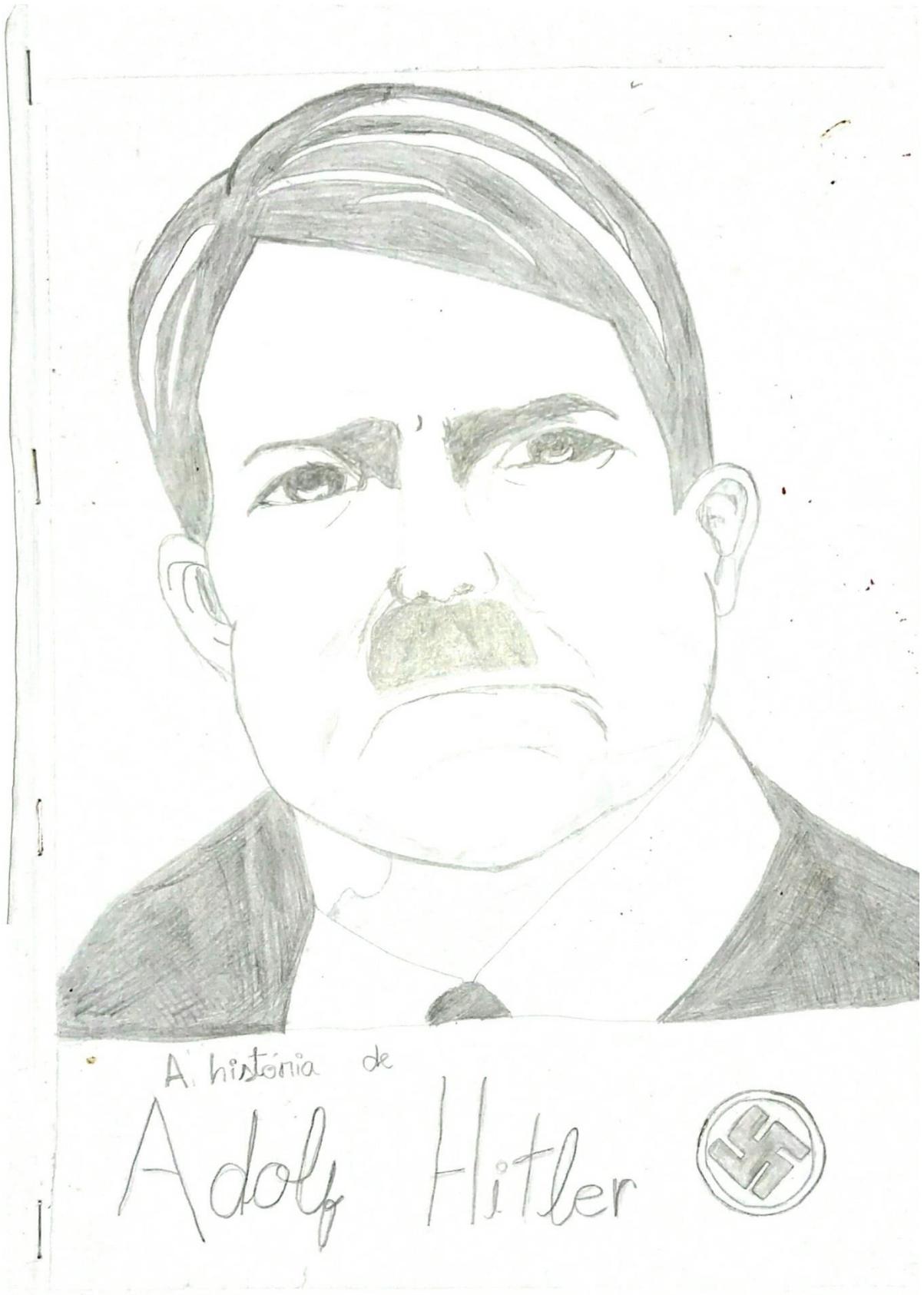


Figura 1: Quadrinho – Capa

## Addy Hitler



Hitler nasceu em 20 de Abril de 1889, em Braunau am Inn, uma pequena cidade da Áustria perto de Salzburgo, fronteira com a Alemanha.



Hitler foi atraído pelo Império alemão, que estava em pleno crescimento...



Mas em 1913, aos 24 anos, ele se mudou para Munique para fazer o serviço militar, pois não queria estar ao lado de eslavos e judeus.



Em 1914, as autoridades austríacas o encontraram e exigiram que ele retornasse para realizar seu exame médico.

Figura 2: Quadrinho – página nº 01

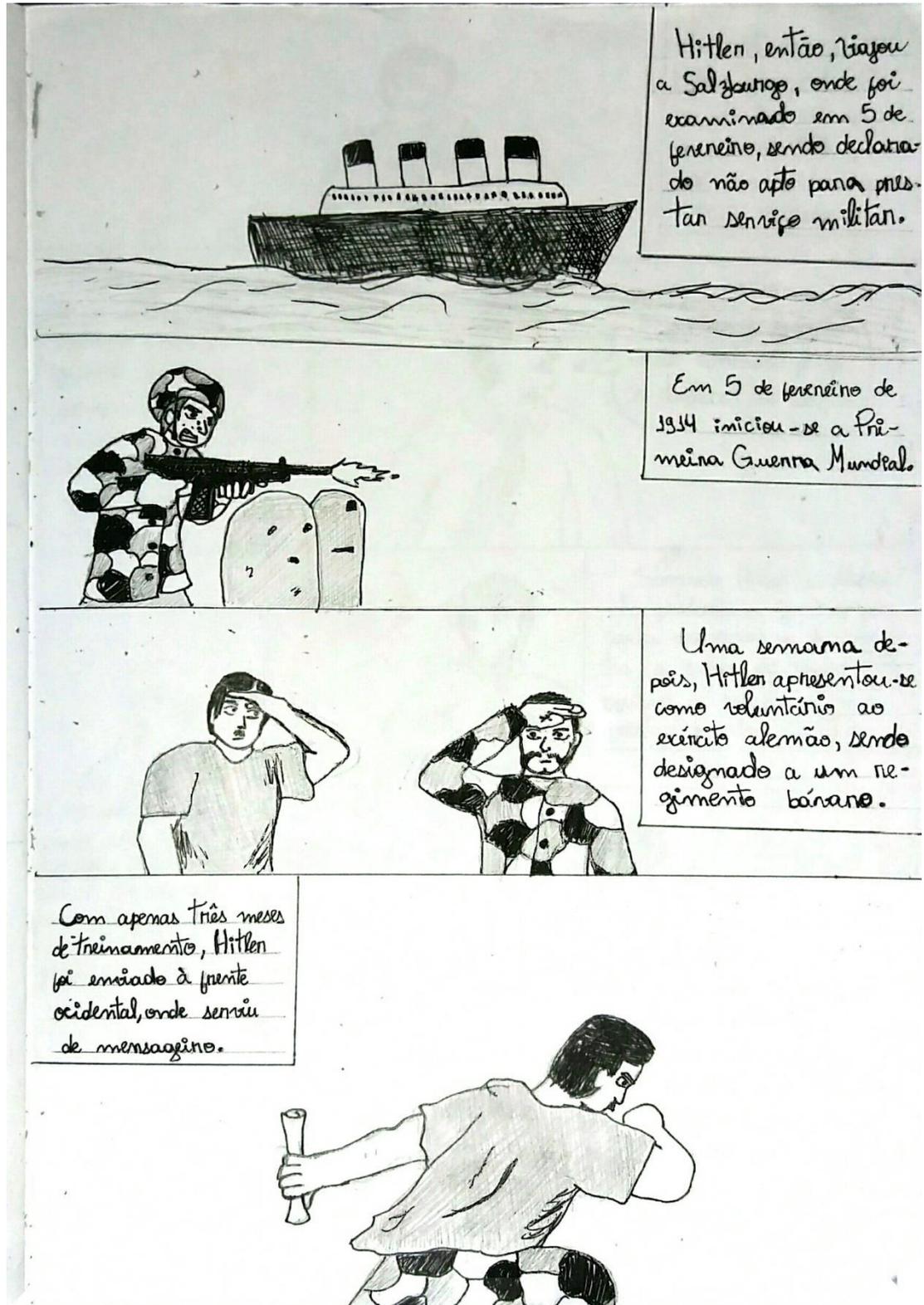


Figura 3: Quadrinho – página nº 02



Figura 4: Quadrinho – página nº 03

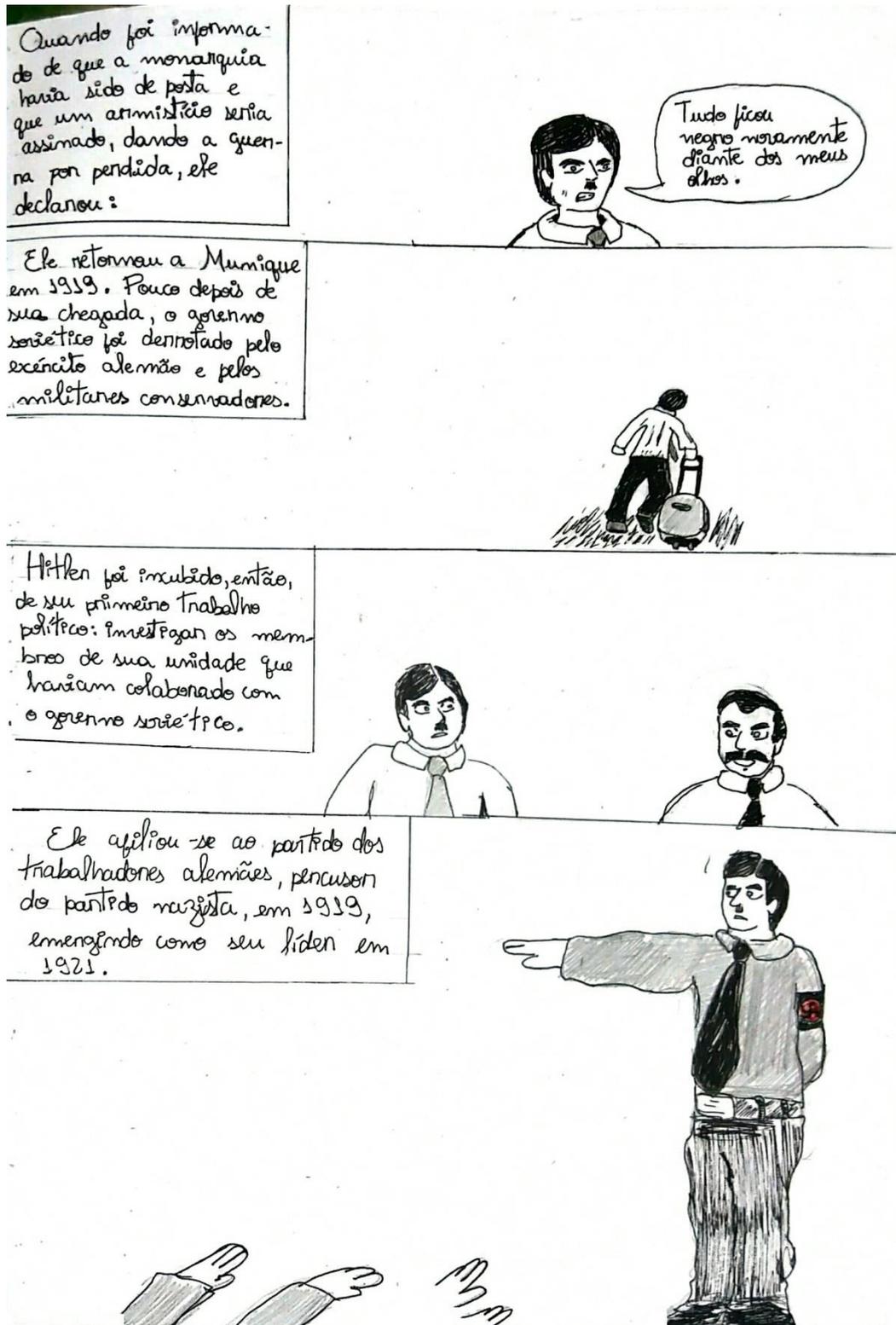


Figura 5: Quadrinho – página nº 04

Posteriormente à apresentação do trabalho foi pedido ao grupo que explicasse sobre a escolha do tema. Entre as explicações, foi dada a justificativa de que neste período Hitler era uma pessoa *normal como eles*, com uma vida parecida com as suas, com o diferencial que estava vivendo em outro intervalo de tempo e de espaço. Após este período, motivado por suas

experiências, se tornaria o ‘grande líder’ que levou a Alemanha à Guerra. Dois fatos deste trabalho me chamaram a atenção: um foi que eles montaram sua narrativa histórica baseada na vida de Hitler antes dele se tornar o líder nazista, deixando os fatos futuros em aberto; e o outro foi a familiaridade que eles demonstravam ao repetir a saudação nazista. Saudação também reproduzida por eles no seu trabalho.<sup>69</sup>

Foi constatado, também, que a maioria das pesquisas e dos trabalhos dos alunos se concentrava nos fatos ocorridos na Europa durante a Segunda Guerra Mundial. Curiosamente nenhum aluno chegou a relacionar este evento à história do Brasil ou mesmo à da cidade neste período.

Questionados sobre o porquê da escolha dos temas, muitos disseram que a elaboração do trabalho foi motivada, entre outros, pelos seguintes fatores: interesses pessoais (assuntos que por eles acharem “legais”, facilitaram a realização da pesquisa); facilidade de encontrar alguns materiais por meio da pesquisa na internet (ao lançarem palavras-chave como “Segunda Guerra” e “História”, seriam os assuntos que mais apareceram com ilustração e fotografias) e; os temas que eles julgavam mais significativos no conteúdo.

A dinâmica utilizada nesta parte foi: exposição do tema; elaboração de trabalhos sobre a matéria exposta, por parte dos alunos; apresentação dos trabalhos produzidos e; debate sobre os trabalhos apresentados. Nesse momento os alunos tiveram a oportunidade de explicar o motivo da escolha do tema e como foi feita a seleção do material. Também apresentaram sugestões dos temas trabalhados.

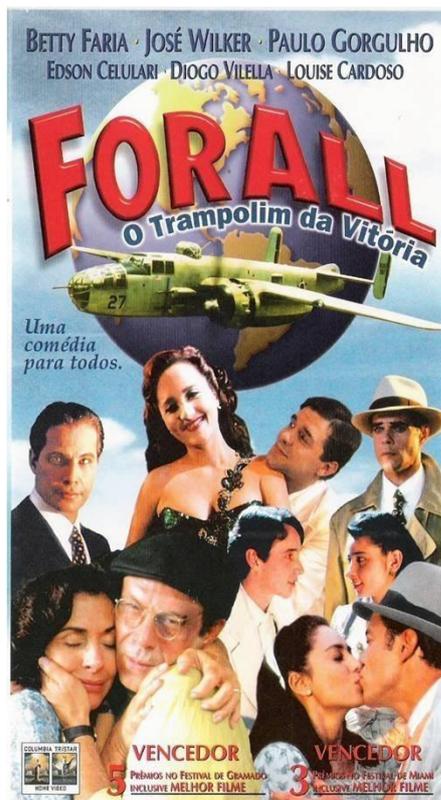
Durante o debate foi sugerida a exibição de um filme sobre a Segunda Guerra. Dentre os filmes recomendados estavam: documentários sobre a vida de Hitler; obras como “O menino de Pijama Listrado”, “Capitão América”, “Mulher-Maravilha”; “A Menina que Roubava Livros”, “O Resgate do Soldado Ryan”, “A Queda”, “A Vida é Bela”, entre outros. Na oportunidade percebi que poderia desenvolver com a turma a elaboração do trabalho sobre o Estudo do Meio exigido pela disciplina “História Local: usos e potencialidades pedagógicas”<sup>70</sup>

---

<sup>69</sup> Acredito que este trabalho pode dizer muito sobre o que os alunos pensam sobre a relação que existe entre os conceitos de história, Sujeitos Históricos e o mundo que os cerca. Um fato que me chamou a atenção foi que eles deixaram os momentos mais significativos de Hitler como chefe de Estado em aberto.

<sup>70</sup> Disciplina ministrada pelo Prof. Dr. Raimundo Nonato Araújo da Rocha.

Dessa forma, durante o debate foi perguntado se eles conheciam o filme “*For All: o trampolim da vitória*” e, com exceção de uma única aluna<sup>71</sup>, todo o resto da turma nunca havia ouvido falar a respeito do filme. Com a colocação desta aluna que, em seu depoimento, disse que era um dos melhores filmes que já havia assistido e que os colegas iam gostar. Assim, foi decidido que este seria o filme escolhido para a dinâmica.



#### SINOPSE

O filme *For All, O Trampolim da Vitória* de 1997 dirigido por Luiz Carlos Lacerda e Buza Ferraz, com José Wilker e Betty Faria, retrata o impacto causado pela chegada de uma enorme quantidade de soldados americanos ao Rio Grande do Norte na época da Segunda Guerra Mundial. Eles vieram ao Brasil para exercer atividades militares em conjunto com nossas forças armadas. A Base Aérea de Natal era a maior base militar da América do Sul e a mais estratégica na costa brasileira e por isso teve uma importância enorme durante a guerra, já que se encontrava mais perto da costa africana, onde se desenrolava uma parte do conflito contra os alemães. Natal acabou se tornando vital para que os americanos alcançassem a África. A base Aérea de Natal localizava-se num terreno de mais de 50 km de perímetro de extensão, com mais de 60 prédios, galpões, parques de manutenção de aeronaves, quatro pistas de pouso e decolagem. (...) Confira neste pequeno, porém, bem intencionado vídeo, uma visita à esta base que foi tão importante para nossa história e que ainda guarda algumas construções e aeronaves preservadas, do tempo da Segunda Grande Guerra. Não podemos esquecer a maior curiosidade de todas: se, no sábado, os bailes da época eram só para os americanos, no domingo era “*For All*”. Reza a lenda que assim surgiu o nome de um dos mais famosos ritmos do País, o forró.

Resumo retirado de <<http://www.tujaviu.com/2010/02/for-all-filme.html>>

Figura 6: Imagem da capa e sinopse do filme “FOR ALL: O TRAMPOLIM DA VITÓRIA” EM NATAL

A escolha deste filme ocorreu uma vez que, entre outros motivos, narra a história da passagem da Segunda Guerra na cidade do Natal. Embora seja uma ficção foi realizada a partir de pesquisas sobre o período e de forma lúdica apresenta muitas situações cristalizadas na memória da cidade sobre a época.

Considera-se, ao discorrer sobre memórias da sociedade natalense no período da Segunda Guerra pode-se levar em conta o conceito de memória desenvolvido por Pollak que defende que a memória é uma construção baseada em acontecimentos, personagens e lugares, seja ela individual ou coletiva. Para o autor, “o que é comum a um grupo e o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentidos de pertencimento”.<sup>72</sup>

<sup>71</sup> Segundo ela o seu pai tem interesse especial por temas que envolvem a História e este filme faz parte de seu acervo particular.

<sup>72</sup> POLLAK, Michel. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos Rio de Janeiro, v. 2, n.3, p.3-15, 1989. p. 3.

Assim, as memórias preservadas no filme de Buza Ferraz e Luiz Carlos Lacerda dizem respeito à classe média da década de 1940, que assistiu com entusiasmo e euforia a chegada dos soldados norte-americanos à cidade. Este filme, embora privilegie a memória de determinado segmento da sociedade, pareceu ser um bom ponto de partida para apresentar um pouco a história da cidade no citado período, aos alunos.

Quando o filme foi exibido para os alunos, notou-se que a reação da turma foi, de certa forma, inesperada. Por um lado, se esperava que os alunos ficassem facilmente entediados devido ao fato do filme não pertencer aos gêneros de ação ou aventura *hollywoodianos* a que eles estão habituados e tanto gostam, contudo, ocorreu exatamente o contrário. Ao reconhecerem lugares do seu cotidiano na película apresentada, logo demonstraram mais curiosidade e entusiasmo com a história que estava sendo transmitida diante de seus olhos.

Quando os cenários eram apresentados, muitos alunos faziam questão de dizer onde se localizavam falavam com orgulho os nomes das ruas ou pontos de referência que conheciam ou faziam parte de suas vidas, como por exemplo, o Tribunal de Justiça localizado na Ribeira onde funcionava o Grande Hotel nas décadas de 1930 e 1940; a Via Costeira; o 16º Batalhão de Infantaria, em frente ao Museu Câmara Cascudo; Base de Parnamirim; Praia de Cotovelo, o Forte dos Reis Magos; o maior Cajueiro do Mundo; a Prefeitura da cidade, localizada no Centro, próxima à parada de ônibus, entre outros. A seguir algumas fotos que mostram lugares da cidade<sup>73</sup>:



Figura 7: Grande Hotel

<sup>73</sup> Fotos retirada do filme que está disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Ldw\\_Osw7Wpg](https://www.youtube.com/watch?v=Ldw_Osw7Wpg).



Figura 8: Visão panorâmica da Via Costeira



Figura 9: 16º Batalhão de Infantaria Motorizada – Exército Brasileiro



Figura 10: Forte dos Reis Magos



Figura 1: Dunas de Genipabu - Litoral Norte



Figura 12: Igreja de Nossa senhora do Rosário dos Pretos



Figura 13: Pôr do Sol do Rio Potengi

Ao final do filme muitos questionavam sobre determinados personagens, se estes haviam existido e o que teria acontecido com eles. Neste momento foi explicado que, embora o enredo do filme fosse fruto de estudos sobre fatos ocorridos na época, realizadas por pesquisadores a partir das fontes do período, muitas das situações e personagens foram totalmente fictícios, mas que fazem parte das memórias das pessoas que viveram no período, bem como da memória coletiva da época.<sup>74</sup>

Para Le Goff, “a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro.”<sup>75</sup> Nesse sentido, o filme transita entre as memórias e a história e apresenta alguns fatos já consolidados, tanto na história mundial, quanto do país, assim como no cotidiano da sociedade local.

Dessa forma, o filme se transforma num instrumento didático, na medida em que ajuda as novas gerações a conhecerem as memórias de gerações passadas, pois, ainda segundo Le Goff “devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão do homem.”<sup>76</sup> Libertação essa que se concretiza com a conscientização de que todos são sujeitos históricos que interferem, mantendo ou transformando a realidade em que vivem.

Como os alunos exprimiam muitos questionamentos sobre o assunto, foi escolhido na internet alguns vídeos e documentários que poderiam ajudá-los a conhecer um pouco mais sobre a questão. Nesta perspectiva a utilização dos vídeos em sala de aula serviu de suporte pedagógico para as explicações durante as aulas de História. Segundo Ferres, o uso de vídeos em sala de aula:

O vídeo não somente não é um concorrente, mas pelo contrário, pode se converter em um excelente aliado. O vídeo pode liberar o professor das tarefas menos nobres, permitindo-lhe ser, antes de tudo, pedagogo e educador. As tarefas mais mecânicas, como difusor de conhecimentos ou mero transmissor de informações, foram confiadas às novas tecnologias (sobretudo ao vídeo e ao computador), reservando-se ao professor as tarefas mais especificamente humanas: motivar condutas, orientar o trabalho dos alunos, resolver suas dúvidas, atendê-las segundo o nível individual de aprendizagem. Nessas tarefas o professor é insubstituível. Nas demais, as máquinas

<sup>74</sup> Segundo Halbwachs, as lembranças de determinados períodos que são preservadas no presente fazem parte de uma memória coletiva. Ver mais em: HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013. Giuslane Francisca da Silva. Disponível em: <http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwibYOeghcDcAhWIG5AKHbokDV0QFjABegQIABAC&url=http%3A%2F%2Fseer.ufrgs.br%2Findex.php%2Faed%2Farticle%2FviewFile%2F59252%2F38241&usg=AOvVaw3hMjSvP2-OmmaVk7elpxXO> . Acesso em: 19 de jan. de 2018.

<sup>75</sup> LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1990. p. 471.

<sup>76</sup> Idem.

podem fazer muito melhor que ele. O professor já não é o homem sábio, o depositário da sabedoria. As máquinas sabem mais que ele.<sup>77</sup>

A cada apresentação de um novo material contendo novas informações, mais a curiosidade dos alunos aumentava sobre o tema. Foram surgindo questões que permeavam seu universo e os alunos ficaram muito interessados em saber como viviam aquelas pessoas da época retratada. Durante a aula, os alunos fizeram muitas perguntas, dentre as quais: como eram as escolas do período; se todos os americanos falavam inglês; como se comunicavam com a população local; como os natalenses aprendiam o inglês; quem ensinou o português para os americanos; se só existiam visitantes dos EUA ou tinham de outros países; se o dinheiro americano (dólar) era aceito no comércio; se os produtos americanos tinham dois preços; onde os americanos moravam; como as mulheres se portavam e eram tratadas no período; se eles andavam armados na cidade; se aqui teve tanque de guerra; onde estavam as crianças da época; se só vinha artista americano ou algum artista brasileiro esteve na cidade; se todos podiam chegar perto; tirar fotos; falar com eles, entre outras.

Diante de tantos questionamentos e, na impossibilidade de responder a tantas e específicas perguntas, foi proposto que a turma se dividisse em grupos e escolhesse determinados temas relacionados ao período para pesquisar e apresentar em forma de trabalho. Para essa atividade os temas propostos foram: economia, cultura, sociedade e personalidades. Foi determinado que o formato da apresentação fosse feito de forma livre, num primeiro momento, até que todos entraram em consenso, o que estipulou que o trabalho final devia ser apresentado em forma de *slides*, vídeos ou história em quadrinhos. Como resultado, os alunos entregaram a maior parte dos trabalhos em forma de vídeo e de *slides*.



Figura 14: Foto de alunos durante a escolha dos temas a serem trabalhados. Setembro/2017.

<sup>77</sup> FERRÉS, Joan. *Vídeo e Educação*. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 47.



Figura 15: Apresentação dos trabalhos realizados pelos alunos, 2017.

Frente às respostas positivas sobre o uso da história local no conteúdo da disciplina de História, na turma do 9º ano, de 2017, foi discutido com a orientadora da dissertação do Mestrado, a mudança da proposta quanto ao produto a ser desenvolvido.

Inicialmente foi desenvolvida a ideia de trabalhar uma proposta didática pedagógica que despertasse no aluno o interesse pelos conteúdos da disciplina de História e a partir do conhecimento estimular este jovem a ser um cidadão crítico e capaz de formar, de analisar e transformar o mundo que o circunda. Ao mesmo tempo fazer com que o aluno se entenda como elemento integrante, dependente e transformador.<sup>78</sup>

Esse exercício proporcionaria ao aluno, ainda, compreender as diferentes dimensões sociais, materiais e culturais existentes no país e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural, a cidadania e a identidade.

A ideia original seria criar um produto didático pedagógico que levasse os alunos a conhecerem e valorizar as lutas dos afrodescendentes em busca da efetivação de seus direitos como cidadãos. O trabalho seria desenvolvido a partir dos eventos ocorridos no Rio de Janeiro quando um grupo de marinheiros, formado por homens libertos em sua maioria, se rebelaram

<sup>78</sup> PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. História, geografia / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. p. 07.

frente a uma situação em que a integridade física de um dos companheiros foi duramente violada.

O produto pretendido aspirava fazer o aluno refletir sobre as diferentes noções de cidadania e direito ao longo dos tempos vivenciadas por diversas sociedades. E como estes conceitos são trabalhados na atualidade. Fazer com que os alunos percebessem que o que é estabelecido em lei, muitas vezes não é efetivado na prática e que diversas das conquistas alcançadas hoje pelos afrodescendentes foram frutos de muitas lutas e embates e do seu posicionamento como sujeitos históricos, responsáveis pela transformação do meio em que vivem. A primeira proposta de atividade foi a construção de uma exposição sobre este tema em diversos períodos e espaços para apresentar aos alunos, proporcionando uma reflexão e debate sobre o tema na construção do conhecimento.

Contudo, diante a receptividade dos alunos na experiência com a história local realizada na turma do 9º ano, da E. E. Dr. Manoel Villaça, foi abordado com a orientadora da pós-graduação a possibilidade da troca do tema da dissertação a ser apresentado, assim como do produto a ser elaborado como proposta didático-pedagógica para o mestrado em História.

Ao longo dos meses de novembro e dezembro, nos encontros com a orientadora, foi relatado sobre os resultados do trabalho local realizado com os alunos do Ensino Básico e foi se consolidando a possibilidade de se trocar o foco do trabalho dentro do prazo estabelecido para a qualificação.

A substituição do tema e do produto didático pedagógico na dissertação do mestrado pareceu pertinente, uma vez que a utilização da história local foi uma prática pedagógica eficaz para despertar o interesse dos alunos tanto para a disciplina de História quanto para estimular o desejo e disposição deles quanto à realização de trabalhos envolvendo a pesquisa histórica.

Observou-se que os alunos deixaram de estar na posição de meros expectadores para ser lançados à posição de protagonistas da construção do conhecimento, o que ocasionou na descoberta, por parte destes alunos, no universo da ciência.

Os eventos ocorridos em Nata, durante o período da Segundo Mundial, embora desconhecidos pelos jovens estudantes do Ensino Básico, ainda permanece na memória e na lembrança dos moradores mais antigos da cidade são bastante pesquisados nas universidades locais. A Segunda Guerra é tema de diversos trabalhos de conclusão de cursos, dissertações e

teses nas mais variadas carreiras, principalmente dentro da UFRN. Isso ocorreu devido à grande repercussão que causou na cidade, na década de 1940, que trouxe transformações para Natal. A partir daí surge a indagação do motivo pelo qual tal evento não faça parte das propostas de programas para a disciplina de História no Ensino Básico.

Para efeitos didáticos, a experiência realizada em 2017 ocorreu da seguinte forma:

Primeiro Passo: após serem trabalhados os conteúdos previstos para o segundo bimestre, foi solicitado aos alunos para que fizessem um trabalho de pesquisa envolvendo os temas sobre o conteúdo estudado ao longo do bimestre. A maior parte deles escolheu os assuntos que envolviam fatos ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial.

Entre os trabalhos que mais chamaram a atenção estava uma HQ sobre a vida do líder nazista Adolf Hitler e outros dois trabalhos escritos, os quais um destacava os efeitos da Guerra na Europa e o outro os avanços tecnológicos que a Segunda Guerra proporcionou à ciência e tecnologia do período.

Como metodologia aplicada foi requisitado aos alunos que pesquisassem sobre o tema definido e depois construíssem uma narrativa a ser apresentada à turma. Diante de tais atividades, surgiu uma indagação referente ao motivo pelo qual os alunos, nas mais variadas formas acabaram por escolher o tema da Segunda Guerra, embora eles tivessem uma gama de outras boas opções, tais como: o período entre guerras, Revolução Russa, ascensão econômica dos EUA e República Velha no Brasil.

Ao término das apresentações, os alunos puderam opinar sobre o que acharam das apresentações, quais novas informações foram acrescentadas aos seus conhecimentos. Na ocasião foi perguntado aos grupos o motivo das escolhas de tais temas. Conforme a maioria das respostas pode ser constatado que muitos estudantes se interessavam pelo período e já conheciam o tema por meio das mídias, principalmente as digitais, como revistas, filmes, documentários, etc.

Na ocasião estava sendo realizado com as turmas da E.E. Dr. Manoel Villaça um trabalho proposto por uma das disciplinas do ProfHistória, mais especificamente com os alunos do turno vespertino, do 9º ano. Pelo fato da Segunda Guerra ter tido uma forte influência na história local, perguntei à turma se elas sabiam alguma informação sobre a nossa cidade também ter feito parte do desenrolar do evento.

Muitos estudantes não sabiam do fato e não acreditavam que a cidade teria alguma participação no evento, pois, eles não conheciam nada sobre o assunto, e nos locais<sup>79</sup> onde eles pesquisaram sobre o tema não mencionavam a participação da cidade de Natal no evento. Na ocasião, lembrei-me do filme que costumava passar para os alunos de outras escolas as quais já havia lecionado.<sup>80</sup> Foi perguntado se os alunos conheciam o filme “*For All: o trampolim da vitória*” e, como já mencionado, apenas uma aluna não só conhecia o filme, como o considerava um dos melhores que já havia assistido.

Quando foi proposta a possibilidade de se assistir a um filme com temática da guerra, enquanto os meninos pediam por um filme de ação (Capitão América ou Mulher Maravilha, por exemplo) as meninas queriam assistir ao Menino de Pijama (pois estavam lendo o livro para uma discussão literária). Como a ideia era apresentar a interferência que a cidade sofreu durante a Segunda Guerra, o filme escolhido foi “*For All: o trampolim da vitória*”, uma vez que o seu enredo se passava na cidade durante o período estudado.

Segundo Passo: exibição do filme “*For All: o trampolim da vitória*”. Quando o filme começou não atraiu a atenção de todos os alunos de imediato, o que só passou a ocorrer quando as primeiras cenas da cidade apareceram na tela. A partir do momento em que passaram a identificar locais da cidade a atenção dos alunos se voltou à película e ao enredo do filme.

A cada novo cenário apresentado, os alunos tentavam identificar os locais que conheciam ou perguntavam onde seriam. Ao final do filme eram muitas as questões que os alunos levantaram. Algumas perguntas puderam ser respondidas, porém, muitas ficaram sem resposta, devido à curta carga horária dispensada às aulas da disciplina

O ocorrido permitiu refletir sobre como trabalhar a história local na turma do nono ano. Haveria uma semana até o próximo encontro para se criar uma estratégia de se explorar o tema em sala de aula, pois os alunos se mostraram bastante receptivos ao tema.

Terceiro Passo: Foram escolhidos e apresentados alguns documentários sobre a participação de Natal na Segunda Guerra, a maioria dos documentários exibidos foram produzidos pela mídia local acerca da participação da cidade na Guerra como, por exemplo,

---

<sup>79</sup> Principalmente no livro didático adotado pela Escola.

<sup>80</sup> Em uma das escolas havia um projeto desenvolvido por volta dos anos de 2009 e 2010 que consistia em passar, a cada bimestre, para as turmas as quais lecionava um filme brasileiro com uma temática ligada a um determinado período da História do país. Entre os filmes selecionados estavam: Carlota Joaquina, Canudos, *For All: o trampolim da vitória*, entre outros.

InterTV Cabugi. Foram também mostradas reportagens realizadas por equipe jornalística da Rede Globo para programas como Fantástico (1999), além de programas produzidos pela TVU que fez a cobertura da exposição realizada pela Fundação Rampa, juntamente com a UFRN, no Centro de Convivência da própria Universidade.

A cada vídeo exibido, muitas questões foram surgindo como, por exemplo, na exibição da reportagem da InterTV Cabugi<sup>81</sup>, quando os alunos levantaram questões quanto aos personagens apresentados no filme e às personalidades que apareciam na matéria, como o pesquisador e professor de português Protásio de Melo; Maria de Oliveira Barros a dona de uma das maiores casas noturnas do período, mais conhecida como Maria Boa<sup>82</sup> e o Zé Areia<sup>83</sup>, o barbeiro que visitou os EUA e teve a vida retratada no livro “O bufão de Natal”. Os alunos relacionavam essas pessoas vividas na época a alguns personagens vistos no filme como o professor João Marreco, Jucilene (a menina vinda do interior que se transforma em prostituta) e Sandoval (um morador local que foi trabalhar na Base Aérea e fazia de tudo um pouco para trabalhar na base aérea).

Além destes havia outras personagens que se destacaram, tais como: Iracema (jovem local que troca seu namorado por um soldado norte-americano) e Lindalva (mãe de Iracema que apoiava o namoro da filha com o estrangeiro).

Neste momento foi possível explicar que os personagens do filme não eram os mesmos da reportagem, mas que as situações apresentadas na obra foram baseadas na memória e nas lembranças que uma parcela da sociedade local tinha sobre o período. Na reportagem do Fantástico<sup>84</sup> foram levantadas questões sobre o que aconteceria se, por exemplo, a Alemanha tivesse invadido o litoral brasileiro ou se os EUA não tivessem feito o acordo com o Brasil para a construção de bases militares no litoral nordestino.

Já em relação ao documentário<sup>85</sup> sobre a Fundação Rampa e quanto à exposição que ocorreu no início do ano de 2017, na UFRN, os alunos questionaram o motivo pelo qual “esses

---

<sup>81</sup> A segunda Guerra Mundial No Rio Grande do Norte. Publicado em 30 de jul de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ut-dYEwJINU&app=desktop>. Acesso em: 13 de fev. de 2018.

<sup>82</sup> Maria de Oliveira Barros (192-1997).

<sup>83</sup> José Antônio Areias Filho (1900-1972). NATAL. *RESOLUÇÃO 01/2014 CME*.

<sup>84</sup> BRASIL, *O PRÓXIMO ALVO!* Publicado em 4 de mai de 2010. Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=e-Fhs-s7K2g>. Acesso em: 13 de fev. de 2018.

Plano a mericano para invadir oBrasil. Publicado em 25 de jan. de 2010. Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=cSwsseNmHmA>. Acesso em: 13 de fev. de 2018.

<sup>85</sup> UFRN recebe mostra sobre a Segunda Guerra. Publicado em 12 de jun. de 2017. Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=GnpUarlGaG4>. Acesso em: 13 de fev. de 2018.

acontecimentos” não eram divulgados a toda população e por que eles não tinham acesso às informações sobre o assunto. Outra questão levantada foi em relação a um local onde pudessem ver todo o material catalogado sobre a Segunda Guerra Mundial em Natal mostrado no documentário, se havia um ambiente onde eles podiam fazer uma visitação, conhecer e saber mais sobre este episódio.

Naquele momento foi explicado, que estes eventos da História da cidade já há algum tempo são discutidos e pesquisados dentro das universidades, com muitas publicações sobre o assunto. Quanto ao acervo que esteve em exposição foi esclarecido que este era particular e havia certa omissão<sup>86</sup>, por parte do poder público no sentido de preservar o material coletado sobre o período, até então.

Outras questões foram levantadas, uma vez que a curiosidade sobre a época só aumentava com os fragmentos de informações que os alunos obtinham. Foi proposto que cada um fizesse uma pesquisa em casa, com seus pais e avós, se estes tinham alguma informação sobre o período. Como o assunto continuou a fazer parte das discussões da disciplina e consciente que interesse e questionamentos da turma necessitavam de respostas foi proposto que a sala se dividiria em grupos e cada grupo seria responsável por pesquisar determinado tema relacionado ao período.

Este exercício foi importante, pois, permitiu que os alunos realizassem um trabalho de pesquisa, seleção de material, criação e apresentação de uma narrativa histórica acerca do que eles passaram a conhecer sobre este período. A intenção da proposta do trabalho não seria a de “transformar os alunos em pequenos historiadores,”<sup>87</sup> mas sim expor os alunos “a um universo limitado de registros previamente selecionados (...) como objetivo pedagógico que não visa produzir um texto historiográfico inédito (...) mas sim a sua compreensão do passado”.<sup>88</sup>

Como fonte de pesquisa foi utilizada, num primeiro momento, a biblioteca da Escola, porém, esta se mostrou insuficiente, pois não havia em seu acervo nenhum material que

---

UFRN sedia Exposição sobre a Segunda Guerra. Publicado em 6 de jun. de 2017. Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=igzqP0svAvY>. Acesso em: 13 de fev. de 2018.

<sup>86</sup> Contudo, antes da finalização dessa Dissertação, o governo do Estado do Rio Grande do Norte sinalizou com a conclusão das obras, iniciadas desde 2013, e a abertura do Museu complexo Cultural da Rampa, prevista para o final de 2018.

<sup>87</sup>MUAZE, Mariana de Aguiar Ferreira. Ensino de história e imagem: territórios possíveis. In: GOTIJO, Rebeca; Rocha, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo. O ensino de história em questão: cultura histórica, usos do passado. Rio de Janeiro: FGV, 2015. p. 228.

<sup>88</sup> MUAZE, Mariana de Aguiar Ferreira. Ensino de história e imagem: territórios possíveis. In: GOTIJO, Rebeca; Rocha, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo. O ensino de história em questão: cultura histórica, usos do passado. Rio de Janeiro: FGV, 2015. p. 228.

discorresse sobre o assunto. Devido a escassez de fontes onde os alunos pudessem realizar suas pesquisas, pensou-se em organizar uma visita à biblioteca da UFRN ou a alguma faculdade que possuísse um acervo mais completo e diverso com livros, Trabalhos de Conclusão de Cursos, dissertações e Teses sobre o assunto.

Esta alternativa foi descartada pela inviabilidade de deslocamento dos alunos com segurança, uma vez que os ônibus cedidos pela Secretaria Estadual de Educação e Cultura – SEEC para as necessidades das escolas públicas estavam operando com a frota mínima, somente para as necessidades básicas de deslocamento bairros-escola-bairros. Deve-se ressaltar também que a cidade possui, atualmente, apenas uma biblioteca pública para atender toda a comunidade de Natal Grande Natal.<sup>89</sup> Esta Biblioteca funciona em uma localidade de difícil acesso para estudantes, da E.E Dr. Manoel Villaça (localizada na Zona Oeste), uma vez que se encontra na Zona Norte da cidade.

Diante das dificuldades expostas, os alunos recorreram ao uso da internet, um ambiente bastante familiar a eles, usado principalmente para o lazer. Foi acordado com a turma que caberia aos próprios grupos os formatos das apresentações. Dessa forma, quatro grupos apresentaram o trabalho em forma de vídeo, um grupo em forma de *slide* e os dois grupos restantes em forma de apresentação oral.

Entre os trabalhos apresentados podemos destacar a pesquisa realizada sobre a personagem conhecida como Maria Boa e as transformações ocorridas na cidade com a chegada dos soldados, e a introdução das mulheres na década de 1940, no mercado de trabalho.

### 3.2 RESULTADOS E ANÁLISE DOS TRABALHOS APRESENTADOS NA EXPERIÊNCIA

Em relação aos vídeos produzidos, dois puderam ser apresentados no CD que acompanha a dissertação, os outros dois sofreram incidentes que impossibilitaram o seu registro

---

<sup>89</sup> De acordo com os dados da SEEC funciona em Natal o Centro de Estudos e Biblioteca Escolar Professor Américo de Oliveira Costa localizado na Avenida Itapetinga, 1430, Conjunto Santarém, Zona Norte de Natal. Com uma estrutura composta por auditório, videoteca, gibiteca e galeria de artes e um acervo com mais de 46.000 volumes. Esta Biblioteca atende, principalmente, ao público formado por estudantes, professores e pessoas de diversas comunidades da Zona Norte de Natal. Disponível em: <http://escoladegoverno.rn.gov.br/Conteudo.asp?TRAN=ITEM&TARG=5576&ACT=null&PAGE=null&PARM=null&LBL=Visite+nossa+biblioteca>. Acesso em: 15 de jan. de 2018.

no trabalho em tela. Quanto aos trabalhos apresentados, verificou-se que em alguns vídeos já continham algumas respostas para os questionamentos levantados pelos alunos, como por exemplo, o papel da mulher no período, uma vez que pouco é falado sobre a figura feminina, além do fato do aumento da prostituição.

No vídeo apresentado no CD que acompanha a dissertação está um pouco do trabalho de pesquisa realizado por um dos grupos sobre a figura de Maria de Oliveira Barros, mais conhecida por Maria Boa, expulsa de casa por manter relações sexuais antes do casamento e a sua chegada a Natal para trabalhar na vida noturna da cidade. No vídeo, em anexo, os alunos falaram da trajetória dessa prostituta tão famosa da época – Maria Boa. A seguir algumas fotos retiradas do vídeo apresentado:

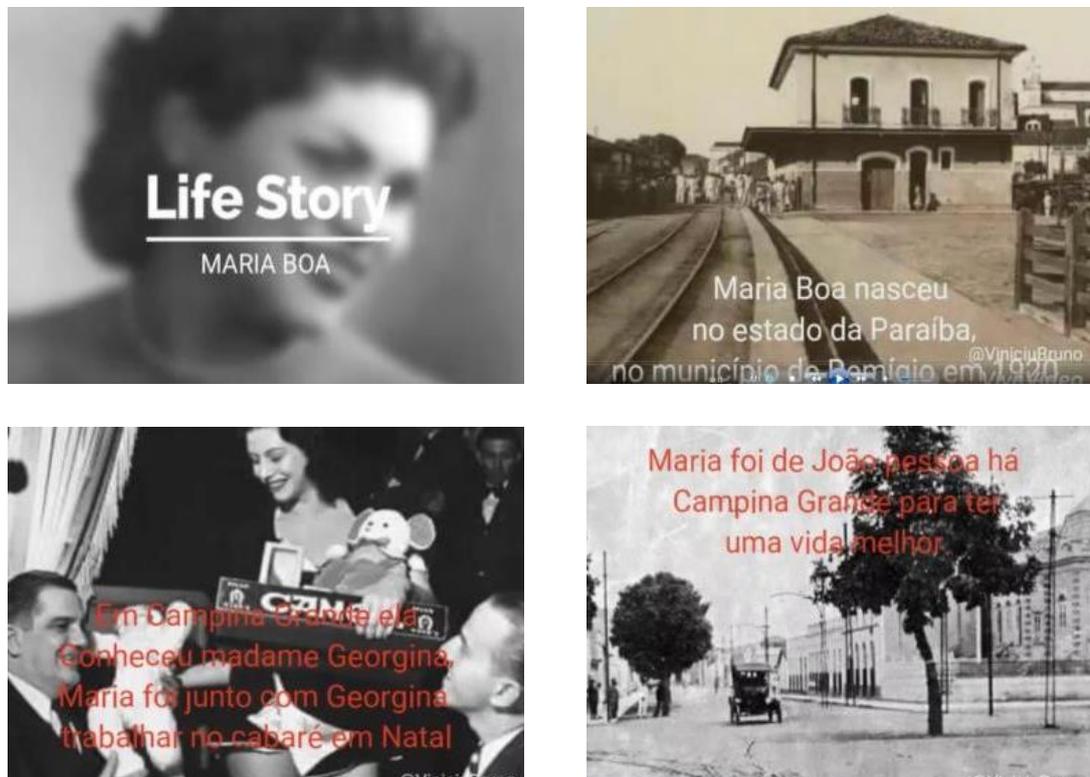


Figura 16: Fotos retiradas do vídeo produzido pelos alunos

Após a apresentação do vídeo alguns alunos falaram sobre as pesquisas realizadas e à conclusão que muitas mulheres passaram a trabalhar neste período. Em seus estudos os alunos encontraram fotos de algumas mulheres que chegaram a trabalhar na Base militar, tais como secretárias e enfermeiras (constatação feita a partir das fotos e textos lidos pelos alunos por meio da internet, em diversos endereços eletrônicos que falam sobre o assunto). A seguir, algumas das fotografias trazidas pelos alunos para a discussão:



Figura 17: Enfermeiras (Casino dos Oficiais)<sup>90</sup>



Figura 18: Vendedora de meias de seda.<sup>91</sup>



Figura 19: Bar Nacional.<sup>92</sup>

<sup>90</sup>Fonte – Ivan Dmitri/Michael Ochs Archives / Getty Images, via – <http://www.buzzfeed.com>. Disponível em: <https://tokdehistoria.com.br/2014/06/23/fotos-coloridas-dos-americanos-em-natal-durante-asegunda-guerra-mundial/>. Acesso em: 13 de dez. de 2017.

<sup>91</sup> Disponível em: <https://www.onatalense.com.br/ufrn-recebe-exposicao-sobre-natal-segunda-guerramundial/>. Acesso em: 13 de dez. de 2017.

<sup>92</sup>Localizado na Rua Doutor Barata nº 195. Na foto um soldado americano aparece ao lado de uma das garçonetes do Bar Nacional. Fotógrafo: Não informado. Ano: 1943. Disponível em: <https://curiozzzo.com/2016/08/25/fotos-da-segunda-guerra-em-natal-com-explicacoes/>. Acesso em: 13 de dez. de 2017.



Figura 20: Vendedora na vila de Ponta Negra.<sup>93</sup>



Figura 21: Moça na janela de casa na década de 1940.<sup>94</sup>

As fotos acima foram apresentadas por um dos grupos, por meio do uso do *pen drive* e são fruto das pesquisas realizadas pelos alunos. Os textos, praticamente, são reproduções da página pesquisada da internet e ajudou na apresentação dos componentes do grupo na discussão sobre as profissões exercidas pelas mulheres no período, “uma vez que num primeiro momento da realização da pesquisa parecia que as mulheres trabalhavam em casas noturnas”<sup>95</sup>, segundo depoimento de uma das componentes do grupo. A partir das fotos, os alunos puderam criar relações entre as oportunidades oferecidas no presente em comparação com o passado.

O mais importante dos trabalhos, além da realização da pesquisa, seleção e organização da narrativa histórica, foram os debates que puderam ser realizados ao final de cada apresentação. Neste espaço os alunos puderam discutir como os costumes da época se

<sup>93</sup> Disponível em: <https://tokdehistoria.com.br/2014/06/23/fotos-coloridas-dos-americanos-em-natal-durante-asegunda-guerra-mundial/>. Acesso em: 13 de dez. de 2017.

<sup>94</sup> Disponível em: <https://tokdehistoria.com.br/2014/06/23/fotos-coloridas-dos-americanos-em-natal-durante-asegunda-guerra-mundial/>. Acesso em: 13 de dez. de 2017.

<sup>95</sup> A escolha do tema: “profissões que as mulheres exerciam em 1940” se deu porque nas primeiras pesquisas feitas pelo grupo muito se falava sobre o aumento da prostituição, mas que os vídeos apresentados em sala instigaram a curiosidade por saber mais sobre este tópico. No vídeo aparece a fala de uma senhora que havia trabalhado como secretária na Base Aérea.

distinguiam dos comportamentos da atualidade. O debate também fomentou a discussão sobre como seria a vida, principalmente das meninas, se os comportamentos e pensamentos não tivessem mudado ao longo do tempo. Os alunos refletiram, também, se Maria Boa, por exemplo, teria a mesma trajetória de vida se não fossem os eventos ocasionados pela Segunda Guerra Mundial.

Os estudantes passaram a perceber a pessoa de Maria de Oliveira Barros como um agente histórico capaz de transformar o meio em que vive, com ações que interferiram e entraram para as histórias que sobreviveram nas lembranças de um determinado segmento da sociedade. Outra questão levantada, e que deixou uma indagação em aberto, diz respeito às histórias das mulheres que viveram no período.

Outro tópico de destaque concernia na indagação sobre como era dado tanto destaque aos soldados militares e pouco se fala das histórias das famílias que aqui viviam e interagiam com os soldados. Nesse ponto pode ser debatido e explicado que a história não é uma narrativa única, que não existe apenas uma versão dos fatos e que este período na história da cidade é permeado por várias lacunas e que muitas questões, histórias ou episódios talvez nunca sejam trazidos à luz. E que as histórias sobre o período são, sobretudo, formadas por lembranças, memórias e fragmentos da época.

Em outro vídeo produzido pelos alunos foram destacadas as transformações e mudanças ocorridas em Natal, a partir da chegada dos soldados norte-americanos. O que chama a atenção neste trabalho é que, apesar do grupo ter utilizado textos cujas falas já façam parte da maioria dos discursos sobre o período, os estudantes levaram para o trabalho algumas das indagações discutidas em sala de aula. A seguir alguns trechos do trabalho apresentado pelo grupo e está no CD que acompanha a dissertação:

registros dos militares norte americanos durante a segunda guerra mundial mostra uma Natal totalmente provinciana com poucas casas e praças urbanas quase inabitadas !!

Como uma cidade aparentemente insignificante poderia importar em tal conflito?

Devemos lembrar que Natal encontra-se em um local estratégico, sendo um dos locais mais próximos da América da Europa e África. Hora, foi em Natal que se instalara a maior base aérea norte-americana fora dos EUA.

Em 1941, antes mesmo do Brasil entrar em guerra contra a Alemanha (1943), alguns aviões norte americanos passaram a realizar pousos na capital Norte-Riograndense, mas seria com a instalação oficial da base, após a visita do então presidente dos EUA

Franklin Delano Roosevelt, a Natal, que a cidade passaria a receber em grande escala um grande número de "gringos".

Uma base aérea será então construída na atual cidade de Parnamirim, e lá chegavam e iam os efetivos e materiais necessários para a continuação da guerra. Uma enorme pista de asfalto fora construída, para ligar a cidade ao aeroporto.

Esta pista encontrasse onde hoje é a avenida Afonso Pena e Salgado Filho. Mas as mudanças não pararam só aí. O cotidiano da cidade mudaria radicalmente. Os lanques trouxeram consigo a sua afanada cultura americana:

Figura 22: Fotos retiradas dos vídeos produzidos pelos alunos.

Assim, conforme os trabalhos apresentados observa-se que os alunos, mesmo após terem ciência da participação da cidade de Natal na Segunda Guerra Mundial, ainda encontram certa resistência em se aceitarem enquanto sujeitos capazes de pertencerem a um momento histórico de tamanha importância (em um dos textos escritos pelos alunos eles indagam: “Como uma

cidade aparentemente insignificante poderia importar em tal conflito?”). Os estudantes ainda sentem muita dificuldade em criar relações de pertencimento nos processos históricos, não se vendo, dessa forma, como sujeitos atuantes capazes, cujas ações possuam força suficiente de promover a transformação no meio em que vivem.

Enquanto educadora, considerei a experiência bastante produtiva, pois, não só oportunizou que os estudantes fossem os agentes da construção do conhecimento, como permitiu que os alunos experimentassem uma nova forma de se relacionar com a disciplina de História. Nesta turma, em particular, foi percebido um interesse maior pela disciplina motivada pela curiosidade em saber como a população da cidade vivia em outros tempos. Além de proporcionar que eles passassem a discutir como seria o nosso presente, principalmente em nossa cidade, se os eventos históricos tivessem ocorrido de outra forma.

Além disso, os alunos passaram a relacionar o presente com o passado e entenderem que o presente é fruto dos eventos e das da ação das sociedades no mundo em que vivem. E, assim como as gerações passadas ajudaram a construir o nosso presente, serão as intervenções dos diversos grupos sociais no presente que ajudarão a construir o futuro. Os alunos também passaram a perceber que os eventos globais têm influência na nossa história local.

Um exemplo desta afirmação foi outro trabalho realizado, na turma do 9º ano, em 2017, no quarto bimestre, a pedido dos alunos, que consistia em discorrer acerca da história dos principais bairros da cidade. Os estudantes passaram a realizar uma pesquisa sobre como surgiram estes bairros, a maioria escolheu o bairro em que morava, bem como os nomes das principais avenidas do Centro da cidade e do Alecrim, além disso, despertou a curiosidade da turma em conhecer a história de alguns locais, bem como os prédios mais antigos da cidade.

Motivada pelos resultados desta experiência, a troca de tema para o trabalho de dissertação se tornou possível. Após discussões com a orientadora decidimos apresentar os primeiros resultados da proposta pedagógica em se trabalhar a história local a partir da Segunda Guerra Mundial, com as turmas de 9º ano. Neste momento seria trabalhado, também, o conteúdo da Segunda Guerra em Natal.

O cerne a ser trabalhado na dissertação passou a ser a sistematização e elaboração de um plano didático-pedagógico a ser apresentado, que possibilitasse a proposta de trazer a participação de Natal na Segunda Guerra Mundial. Desde então foi trabalhado no intuito de como desenvolver um produto que viabilizasse a realização da proposta de trabalho.

Como resultado a maneira mais viável se mostrou em forma da realização de uma oficina que se constituiria em três etapas, sendo a primeira a apresentação do conteúdo já contemplado pelos livros didáticos, no nosso caso, o da E.E. Dr. Manoel Villaça apresentado pelo livro escrito por Boulos Jr.<sup>96</sup>, a segunda a exposição de materiais sobre a Segunda Guerra em Natal e, a terceira a realização de trabalhos envolvendo temas sobre a Segunda Guerra em Natal. Nessa fase os alunos escolheriam os temas a serem trabalhados, realizariam um trabalho de pesquisa sobre o tema, selecionariam os materiais que seriam utilizados e produziriam uma narrativa histórica sobre o tema escolhido. Ao final da oficina cada aluno ou grupo de alunos apresentariam os resultados de seus trabalhos.

---

<sup>96</sup> BOULOS JR., Alfredo. *História: sociedade e cidadania*. 9º ano. 3.ed. São Paulo: FTD, 20115. p.121-135.

#### 4 O PRODUTO: OFICINA

O produto desenvolvido ao longo da dissertação de mestrado, do ProfHistória foi realizado por meio de uma metodologia de ensino em forma de oficina, na qual se privilegiou o uso da história local como impulsionador do conhecimento. Também se buscou relacionar o ensino de História com a construção da identidade e pertencimento do aluno, juntamente com o desenvolvimento dos conceitos de cidadania.

A utilização da oficina como recurso didático no ensino de História permitiu que a apreensão dos conhecimentos históricos se tornasse significativa aos alunos da turma do 9º ano, da E.E. Dr. Manoel Villaça. Esta metodologia encontra respaldo nos PCNs para o ensino de História, visto que a oficina contribuiu:

Para que eles reflitam sobre suas vivências e suas inserções históricas [...] que aprendam a reconhecer costumes, valores e crenças em suas atitudes e hábitos cotidianos e nas organizações da sociedade, identificar os comportamentos, as visões de mundo [...] as técnicas e tecnologias em épocas datadas; e a reconhecer que os sentidos e significados para os acontecimentos históricos e cotidianos estão relacionados com a formação social e intelectual dos indivíduos e com as possibilidades e os limites construídos na consciência de grupos e classes.<sup>97</sup>

Desta forma, a oficina ao trabalhar com uma variedade de documentos sobre o tema permitiu que os alunos os comparassem e chegassem às suas próprias conclusões. Ao relacionar o tema da Segunda Guerra, que já despertava o interesse dos alunos, com a história local os alunos puderam perceber que os acontecimentos que envolvem o passado e o presente estão intrinsecamente relacionados.

O objetivo principal do desenvolvimento da oficina está muito mais associado em fazer com que os alunos se interessem pela história do lugar ao qual pertencem do que propriamente fazer com que apreendam tudo sobre a Segunda Guerra em Natal. Mais relevante é a possibilidade de criar um instrumento didático-pedagógico que permita ao professor, que deseje inserir o estudo da história local nos conteúdos da disciplina de História, aproximar o aluno daquilo que está sendo ensinado, bem como da realidade que o cerca.

---

<sup>97</sup> *PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS*. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: História. Brasília: MEC, 1988. p.77.

De acordo com os PCNs “é tarefa do professor criar situações de ensino para os alunos estabelecerem relações entre o presente e o passado, o particular e o geral, as ações individuais e coletivas, os interesses específicos de grupos e as articulações sociais.”<sup>98</sup>

Assim, a oficina proposta foi aplicada com os alunos da E.E. Dr. Manoel Villaça, na qual foi possível explorar determinadas práticas pedagógicas que ajudaram os alunos a construírem o seu conhecimento por meio da pesquisa, seleção e análise de dados, por intermédio da mediação do professor, numa “relação em que o trabalho com conteúdos e o prazer de aprender poderão ajudar o aluno e professor a pensarem historicamente e se apoderarem da história vivida numa dimensão totalmente humana.”<sup>99</sup> Para Paviani e Fontana, o uso de oficinas pedagógicas, no processo ensino-aprendizagem, pelos professores em sala de aula oferece:

Uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseadas no tripé: sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos. Nesse sentido, a metodologia da oficina muda o foco tradicional da aprendizagem (cognição), passando a incorporar a ação e a reflexão.<sup>100</sup>

A utilização da oficina proporciona a oportunidade de se vivenciar muitas das práticas didáticas propostas pelos PCNs para o ensino da disciplina de História, tais como:

- desenvolver atividades com diferentes fontes de informação (livros, jornais, revistas, filmes, fotografias, objetos etc.) e confrontar dados e abordagens;
- trabalhar com documentos variados como sítios arqueológicos, edificações, plantas urbanas, mapas, instrumentos de trabalho, objetos cerimoniais e rituais, adornos, meios de comunicação, vestimentas, textos, imagens e filmes;
- ensinar procedimentos de pesquisa, consulta em fontes bibliográficas, organização das informações coletadas, como obter informações de documentos, como proceder em visitas e estudos do meio e como organizar resumos;
- promover estudos e reflexões sobre a diversidade de modos de vida e de costumes que convivem na mesma localidade;
- promover estudos e reflexões sobre a presença na atualidade de elementos materiais e mentais de outros tempos e incentivar reflexões sobre as relações entre presente e passado, entre espaços locais, regionais, nacionais e mundiais;
- debater questões do cotidiano e suas relações com contextos mais amplos;- solicitar resumos orais ou em forma de textos, imagens, gráficos, linhas do tempo,

<sup>98</sup> PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. História, geografia / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 166p. p.77.

<sup>99</sup> SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *Ensinar história*. São Paulo: Scipione, 2009. p.117.

<sup>100</sup> PAVIANI, Neires M<sup>a</sup> Soldatelli. FONTANA, Niura M<sup>a</sup>. Oficinas pedagógicas: um relato de experiência. In: *Conjecturas*. v.14, n.2, mai/ago 2009. p. 78-79. Disponível em: [http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=2ahUKEwiWj6Xl3NvcAhUKEJAKHd7fBckQFjAAegQIABAC&url=http%3A%2F%2Fabenfisio.com.br%2Fwpcontent%2Fuploads%2F2016%2F05%2FOficinas-Pedag%25C3%25B3gicas.pdf&usq=AOvVaw3rUstTo\\_9BP8sPzKjuMHls](http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=2ahUKEwiWj6Xl3NvcAhUKEJAKHd7fBckQFjAAegQIABAC&url=http%3A%2F%2Fabenfisio.com.br%2Fwpcontent%2Fuploads%2F2016%2F05%2FOficinas-Pedag%25C3%25B3gicas.pdf&usq=AOvVaw3rUstTo_9BP8sPzKjuMHls). Acesso em: 15 de jan. de 2018.

propor a criação de brochuras, murais, exposições e estimular a criatividade expressiva.<sup>101</sup>

Assim, a confecção da oficina, foi dividida em três momentos: apresentação do assunto (tema); pesquisa e; elaboração e apresentação dos trabalhos. Isso permitiu que ocorresse a apropriação, construção e produção de conhecimentos teóricos e práticos, de forma ativa e reflexiva pelos alunos, pois, além de ser uma forma de dinamizar o ensino de História, proporciona que estes desenvolvam um comportamento reflexivo, colaborativo e criativo na sala de aula cujos valores trabalhados nesta atividade podem ultrapassar as fronteiras da escola.

O uso da oficina como recurso metodológico possibilita, tanto ao professor quanto ao aluno, o desenvolvimento de um trabalho em conjunto na construção do conhecimento e prepara o aluno para o convívio em sociedade. Assim, de acordo com Paviani:

A oficina pedagógica atende, basicamente, a duas finalidades: (a) articulação de conceitos, pressupostos e noções com ações concretas, vivenciadas pelo participante ou aprendiz; e b) vivência e execução de tarefas em equipe, isto é, apropriação ou construção coletiva de saberes.

O professor ou coordenador da oficina não ensina o que sabe, mas vai oportunizar o que os participantes necessitam saber, sendo, portanto, uma abordagem centrada no aprendiz e na aprendizagem e não no professor. Desse modo, a construção de saberes e as ações relacionadas decorrem, principalmente, do conhecimento prévio, das habilidades, dos interesses, das necessidades, dos valores e julgamentos dos participantes.<sup>102</sup>

#### 4.1 ETAPAS PARA PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DA OFICINA (2018)

A oficina aplicada, referente ao ano letivo de 2018, constituiu-se das seguintes etapas:

- 1) Apresentação do tema: as transformações que a Segunda Guerra Mundial causou na cidade de Natal.

Nesta etapa foi apresentado o assunto referente à Segunda Guerra utilizando o livro didático adotado pelo estabelecimento de ensino. Neste caso específico, foi utilizado o livro

<sup>101</sup> *PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS*. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: História. Brasília: MEC, 1988. p. 77-78.

<sup>102</sup> PAVIANI, Neires M<sup>a</sup> Soldatelli. FONTANA, Niura M<sup>a</sup>. Oficinas pedagógicas: um relato de experiência. *In: Conjecturas*. v.14, n.2, mai/ago 2009. p. 78-79. Disponível em: [http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=2ahUKEwiWj6Xl3NvcAhUKEJAKHd7fBckQFjAAegQIABAC&url=http%3A%2F%2Fabenfisio.com.br%2Fwpcontent%2Fuploads%2F2016%2F05%2FOficinas-Pedag%25C3%25B3gicas.pdf&usg=AOvVaw3rUstTo\\_9BP8sPzKjuMHls](http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=2ahUKEwiWj6Xl3NvcAhUKEJAKHd7fBckQFjAAegQIABAC&url=http%3A%2F%2Fabenfisio.com.br%2Fwpcontent%2Fuploads%2F2016%2F05%2FOficinas-Pedag%25C3%25B3gicas.pdf&usg=AOvVaw3rUstTo_9BP8sPzKjuMHls). Acesso em: 15 de jan. de 2018.

didático<sup>103</sup> utilizado na Escola para as turmas de 9º ano que corresponde ao livro didático escolhido pela escola para o triênio 2017-2018-2019.

Na oportunidade foram levantadas questões sobre o que os alunos conheciam acerca do assunto. Durante o debate pode ser constatado que muitas das informações que os alunos possuíam advinham de um conhecimento superficial sobre o assunto adquirido por meio de filmes, revistas e internet, por exemplo. De uma sala de aproximadamente 30 (trinta) alunos, apenas 5 (cinco) demonstraram algum conhecimento histórico sobre os fatos do período (entre estes estavam 3 (três) alunos que tinham sido reprovados nesta série de ensino).

Logo em seguida foi perguntado se os alunos saberiam dizer se existia alguma relação entre os acontecimentos que ocorreram na Segunda Guerra e a cidade em que eles moram. Muitos responderam que achavam que não, pois, a Guerra havia ocorrido em outro país. Os alunos formularam algumas observações, tais como: “se nunca teve guerra no Brasil, quanto mais em Natal”. Neste ponto um dos alunos (que já havia participado das minhas aulas no ano anterior e realizado um trabalho sobre Natal na Segunda Guerra) se manifestaram pejorativamente aos colegas chamando-os de “burros e ignorantes”, pois “era claro que Natal tinha participado da Segunda Guerra.” O que foi logo rebatido pelos colegas que não.

Antes que a algazarra tomasse conta da sala foi pedido que a turma se acalmasse e, aproveitando a oportunidade, foi questionado o motivo do uso de tais termos. O aluno prontamente respondeu que os colegas eram ignorantes por desconhecerem um fato importante da história da cidade em que viviam.

Na ocasião foi perguntado se ele tinha conhecimento da história da cidade no período em que ocorreu a guerra, antes de ter as aulas no ano anterior (ano em que juntamente com colegas realizaram uma pesquisa sobre o tema). Diante da resposta do aluno (que não sabia deste período antes das aulas ministradas) foi propício trazer a discussão que o desconhecimento de determinados assuntos não desqualifica os colegas em absoluto.

Foi explicado, ainda, que na história não é possível conhecer tudo o que aconteceu no passado. Muitos fatos ocorridos não são narrados e registrados pelos mais diversos fatores, embora o conhecimento histórico que estudamos em sala de aula ser fruto de um extenso trabalho de pesquisa, seleção e construção de toda uma narrativa. Além disso, nem todos os

---

<sup>103</sup> BOULOS JR., Alfredo. *História: sociedade e cidadania*. 9º ano. 3.ed. São Paulo: FTD, 20115. p.121-135.

acontecimentos do passado podem ser contemplados nos livros didáticos. A história, tal como é conhecida, vai se transformando ao longo do tempo, a partir das informações e questionamentos do presente acerca do passado.

Nesta ocasião foi proposta uma tarefa bem simples: que eles respondessem três perguntas cujo conhecimento envolvia a Segunda Guerra e a história da cidade entre as décadas de 1930 e 1940, como podem ser conferidas a seguir:

1. Diga o que sabe sobre a Segunda Guerra Mundial?
2. Você saberia dizer como estava a cidade de Natal nas décadas de 1930 e 1940?
3. Como os eventos da Segunda Guerra Mundial repercutiram na história local da cidade?

Esse pequeno questionário serviu para mensurar, em linhas gerais, qual o grau de conhecimento do aluno em relação a este evento. Foi interessante observar o comportamento dos alunos diante das questões. Muitos perguntavam para os colegas se eles sabiam responder. Neste momento me aproximei dos alunos que detinham um conhecimento prévio sobre o assunto e lhes pedi que não compartilhassem suas respostas com os colegas.

Após algum tempo de atividade foi questionado pelos alunos se tal tarefa valia pontuação e o que ocorreria se deixassem-na em branco, alguns estudantes pediram para entregar as respostas na aula seguinte, na qual teriam oportunidade de pesquisarem, pois, algumas das respostas não poderiam ser encontradas no livro de História.

Foi esclarecido que a tarefa não estava valendo pontuação e que serviria para uma futura avaliação, na qual os alunos iam comparar as respostas dadas no momento com as respostas dadas após realizarem um trabalho que seria desenvolvido na sala de aula. No tocante à primeira pergunta, das 17 (dezesete) respostas obtidas, 13 (treze) disseram que não sabiam ou não se lembravam do assunto. Na segunda resposta, 15 (quinze) alunos disseram não saber responder ou deixaram-na em branco, ao passo que apenas 2 (dois) responderam a questão. Já as respostas da terceira questão foram similares às da segunda indagação. A seguir algumas das respostas dadas pelos alunos:

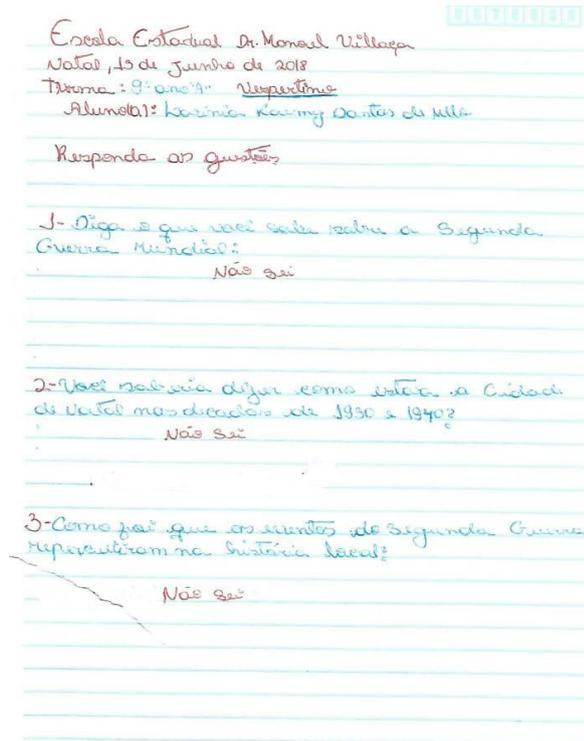


Figura 23: Imagem de algumas das respostas dadas pelos alunos.

A partir daí, percebe-se que os alunos não demonstram muito empenho em realizar as tarefas propostas em sala de aula se a estas não estiver agregado nenhum valor referente à pontuação das notas do bimestre. Quando as tarefas exigidas não irão ser avaliadas para a composição de notas, muitos preferem simplesmente ignorá-las. Isto demonstra, muitas vezes, o desinteresse pelos assuntos repassados em sala de aula.

Na aula seguinte foi exibido para a classe o filme “*For All: o trampolim da vitória.*” Novamente a escolha deste filme, em particular, se deu pelos seguintes motivos: foi ambientado e filmado na cidade de Natal, a narrativa se passa no período da Segunda Guerra Mundial; o tema se refere às relações estabelecidas entre a população local e os soldados norte-americanos, enfocando as mudanças que este evento provocou na classe média do período.

A reação dos alunos do 9º ano, da turma de 2018 foi muito similar às reações da turma do 9º ano, de 2017. De um desinteresse inicial (na parte introdutória do filme – abertura e início comentado em inglês) a uma rápida e crescente empolgação pela história ao reconhecerem lugares e espaços da cidade em que moram e transitam.

No decorrer do filme, por diversas vezes, os alunos apontavam e descreviam os locais que iam reconhecendo; comentavam o modo como determinados personagens falavam; se

vestiam e se comportavam. Na aula seguinte foi proposto um debate no qual os alunos responderam a algumas questões, tais como:

1. Vocês reconheceram o local onde se passou o enredo do filme?
2. Qual o enredo do filme?
3. Que personagens ou situações mais chamaram a sua atenção?
4. Como um evento que ocorreu fora do Brasil repercutiu na nossa cidade?
5. Quais os efeitos positivos que o evento trouxe para a cidade?
6. Quais os efeitos negativos que o evento trouxe para a cidade?
7. Quais as principais transformações que a Segunda Guerra Mundial deixou na cidade?

Com esse questionário pretendeu-se apurar as impressões que os alunos tiveram acerca da atividade, bem como o que eles conseguiram apreender com a disciplina.

Entre as respostas dadas pelos alunos estão:

Pergunta 1 – quase todos responderam a esta pergunta. Os locais mais citados foram: a Via Costeira (Ponta Negra); o 16º Batalhão do Exército; Prefeitura da cidade; o Grande Hotel na Ribeira.

Pergunta 2 – entre as respostas mais comuns estavam: a cidade de Natal no período da Segunda Guerra, o romance entre a garota da cidade, o professor de português/inglês e o soldado americano, a Base de Parnamirim.

Pergunta 3 – entre os personagens estão o professor que ensinava português para os americanos; a mocinha que troca o namorado natalense por um soldado americano; o soldado brasileiro amigo do soldado estrangeiro; a mãe interesseira da mocinha; o irmão da personagem principal que sonhava com a atriz de cinema e se apaixonou por uma prostituta; o rapaz que foi trabalhar na base aérea e seu comportamento extravagante.

O que chamou atenção dos alunos, principalmente das meninas foi o comportamento submisso da personagem Iracema em relação ao namorado e o grande interesse de sua mãe em

vê-la namorando um soldado norte-americano. Um assunto que os deixou um pouco confusos foi a relação do pai da personagem principal com um personagem aparentemente estrangeiro. Na oportunidade foi explicado que era não só do interesse dos americanos, mas também dos alemães a posse e utilização do litoral brasileiro no período da Segunda Guerra.

Uma dificuldade detectada em relação ao debate diz respeito ao fato de que nem todas as questões puderam ser discutidas. Cabe aqui esclarecer alguns pontos, tais como a quantidade e o tempo destinado para cada aula de História. Atualmente, a carga horária para as turmas de 9º ano constitui-se de 2 (duas) aulas compostas de 50 (cinquenta) minutos, cada.

No primeiro bimestre a turma possuía suas aulas divididas em dois dias, contudo, a partir do segundo bimestre as aulas eram ministradas em apenas um dia. No dia da aplicação da atividade, em particular, ocorreu um problema com o ônibus escolar fornecido pela SEEC, o que culminou na diminuição do tempo de aula. Pelo fato das primeiras questões terem sido exaustivamente discutidas, não houve tempo suficiente para que todas fossem respondidas na mesma proporção. Ao todo puderam ser discutidas 3 (três) questões. Os alunos pediram para responder em seus cadernos, em casa, as perguntas. Desse modo, ficou decidido que seriam discutidos alguns pontos antes de retornarmos às questões propostas acima e eles poderiam refletir sobre as questões até a realização de um trabalho que seria passado num outro momento.

O passo seguinte foi a exibição de um documentário produzido pela InterTV Cabugi<sup>104</sup> sobre a produção do filme “*For All: o trampolim da vitória*” e a influência da Segunda Guerra em Natal. Foi realizada, ainda, a apresentação de uma sequência de fotos sobre o período:

---

<sup>104</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ut-dYEWJINU&app=desktop>. Acesso em: 13 de dez. de 2017.



Figura 248: Fotos dos alunos assistindo o filme e os vídeos.

Ao término da exibição foi oportunizado, novamente, um debate para que os alunos expressassem suas impressões, bem como perguntas sobre suas dúvidas e questionamentos. Neste momento muitos estudantes passaram a questionar sobre a semelhança de algumas personalidades comentadas no documentário com as personagens do filme.

Mais uma vez, a exemplo do que ocorreu com a turma de 2017, foi explicado que o filme apesar de ser uma ficção, baseado nas pesquisas sobre o período e nos relatos de pessoas que viveram na época. Que a história, apesar de fictícia era inspirada em memórias e lembranças das pessoas que viveram no período. Ressalte-se que, curiosamente, estas mesmas indagações foram levantadas pela turma do 9º ano do ano anterior após assistir ao filme. Diante de situações tão semelhantes, foi percebido que há, também, a possibilidade de se trabalhar com conceitos como memória individual e coletiva, construção de narrativas históricas, entre outras.

A segunda etapa da oficina foi proposta na aula seguinte. Nesta fase foi explicado que a turma devia, individualmente ou em grupo, apresentar um trabalho que fosse resultado de uma pesquisa sobre como os eventos da Segunda Guerra modificaram e transformaram a história da cidade, no período. Quanto à forma final do trabalho a ser apresentado, ficou acordado que esta ficaria a critério dos alunos. O trabalho se constituiu em escolher um tema a ser pesquisado, no trabalho de pesquisa, a seleção do material e na construção de uma narrativa. Muito similar ao trabalho realizado na turma do 9º ano do ano anterior.

Nesta fase foram exibidos alguns dos trabalhos produzidos pela turma anterior e pedido que os alunos expressassem o que acharam a respeito dos filmes exibidos em sala.<sup>105</sup> As críticas foram feitas mais relacionadas aos aspectos técnicos do que quanto ao conteúdo propriamente apresentado, como por exemplo, música escolhida (biografia sobre Maria Boa), o tamanho dos quadros de informações (filme sobre como era Natal na década de 1940) que tomava a tela inteira e interferia na visualização das imagens, ou ainda a cor da legenda que dificultava a leitura do texto. Na oportunidade foi exposto, pela professora, os pontos positivos, tais como a escolha do tema, o trabalho de pesquisa, a seleção do material e a construção da narrativa.

Este debate também proporcionou a discussão sobre o conceito de “plágio” e a utilização dele nos trabalhos escolares. Este assunto se fez pertinente pelo fato de que em ambas as turmas trabalhadas (tanto o 9º ano letivo de 2017, quanto o de 2018) constatou-se o uso desse artifício por parte de alguns grupos no tocante aos trabalhos solicitados.

Alguns grupos copiaram da internet trabalhos e até vídeos já existentes, o que comprometeu a finalidade maior da oficina proposta, que é o exercício da construção do conhecimento. Neste momento foi explicado que ao utilizar textos, fotos, músicas e quaisquer outros materiais já produzidos os alunos deviam indicar de onde foram retiradas aquelas informações.

Dessa forma, após o esclarecimento acerca do conceito e implicações do plágio, esses grupos tiveram a oportunidade de refazer essa etapa da atividade. Ainda em relação a este tópico há um grande caminho a ser percorrido no Ensino Básico. Infelizmente é muito comum os alunos simplesmente copiarem um texto que já existe quando precisam produzir um trabalho solicitado na escola.

A seguir, o modelo da proposta de trabalho que foi repassado aos alunos para a confecção dos trabalhos:

---

<sup>105</sup> Entre os trabalhos que mais chamaram a atenção estavam os vídeos produzidos pelos alunos da turma de 2017.

ESCOLA ESTADUAL DR. MANOEL VILLAÇA  
 INFORMAÇÕES PARA O TRABALHO DE HISTÓRIA 9º ANO  
 “A” TURNO VESPERTINO

**A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL FOI O CONFLITO MAIS DESTRUTIVO DO SÉCULO XIX.**

*A Segunda Guerra Mundial foi um conflito sem precedentes na história. A quantidade de pessoas mobilizadas e a utilização de armas com poder destrutivo nunca vistos, levaram os especialistas em história militar a chamar o conflito de “guerra total”.*

*A participação do Brasil se posicionou ao lado dos Aliados, a partir de 1942, os alemães passaram a realizar ataques a navios brasileiros no Atlântico, causando mais de 600 mortes.*

*(...) Os EUA queriam permissão para a instalação de bases no Nordeste brasileiro, pois tinha localização estratégica para os países aliados. (...)*

*Depois que o Brasil se posicionou ao lado dos Aliados, a partir de 1942, os alemães passaram a realizar ataques a navios brasileiros no Atlântico, causando mais de 600 mortes.*

*Houve diversas manifestações populares nas ruas. Milhares de pessoas se mobilizaram exigindo a entrada do Brasil na Guerra. (...)*

PELLEGRINE, Marcos; DIAS, Adriana; GRINBER, Keila. Vontade de saber história: 9º ano. 3.ed. São Paulo: FTD. 2015.

O Brasil entra na guerra ao lado dos Aliados (União Soviética, os Estados Unidos, o Império Britânico e a China), e entre os esforços de guerra está o envio de soldados para lutarem na Europa e conceder ao Governo Norte Americano a permissão de construir Bases Militares no Nordeste brasileiro.

Na década de 1940 começa construção da Base Aérea em Parnamirim no litoral do Rio Grande do Norte. Este fato provocou uma série de mudanças na vida da sociedade do período interferindo na história da cidade de maneira significativa.

**BASEADO NO QUE FOI VISTO E DISCUTIDO EM SALA DE AULA, OS ALUNOS, EM GRUPO, REALIZARÃO UMA PESQUISA SOBRE AS MODIFICAÇÕES QUE OCORRERAM NA VIDA DA SOCIEDADE LOCAL POR OCASIÃO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL. CADA GRUPO IRÁ PRODUIR UM TRABALHO, FRUTO DAS PESQUISAS REALIZADAS, EM FORMA DE UM VÍDEO OU HISTÓRIA EM QUADRINHOS CONTENDO O RESULTADO, DE FORMA RESUMIDA OU DOS ASPECTOS QUE MAIS CHAMOU A ATENÇÃO, DAS PESQUISAS REALIZADAS.**

**ETAPAS DO TRABALHO:**

- 1 – ESCOLHA DO TEMA A SER TRABALHADO;
- 2 – PESQUISA SOBRE O ASSUNTO ESCOLHIDO;
- 3 – SELEÇÃO DO MATERIAL A SER UTILIZADO;
- 4 – ELABORAÇÃO DA NARRATIVA: ESCOLHA DO FORMATO DA APRESENTAÇÃO DO TRABALHO, CRIAÇÃO DO TEXTO, SISTEMATIZAÇÃO DO MATERIAL ESCOLHIDO;
- 5 – EXECUÇÃO DO TRABALHO;
- 6 – APRESENTAÇÃO DO TRABALHO.

**CADA TRABALHO DEVERÁ CONTER AS SEGUINTE INFORMações:**

- INÍCIO:**
- 1 – NOME DA ESCOLA
  - 2 – TRABALHO DE HISTÓRIA, SÉRIE, TURMA E TURNO
  - 3 – TÍTULO DO TRABALHO
  - 4 – NOMES DOS COMPONENTES DO GRUPO

**FINAL:** ENDEREÇO ELETRÔNICOS OU NOME DOS LOCAIS DE QUE RETIRARAM AS INFORMAÇÕES (LIVROS, CDs, DVDs, REVISTAS, ETC.). AS FOTOS E MÚSICAS UTILIZADAS TAMBÉM DEVEM SER CITADAS.

OBS.: Ler o texto sobre plágio entregue e debatido em sala de aula

Após as orientações dadas para a elaboração da oficina, os alunos puderam se reunir, nos seus respectivos grupos para iniciarem o processo de produção das atividades propostas, como mostras as imagens a seguir:



Figura 25: Fotos dos alunos executando as etapas propostas para a execução do trabalho, 2018.

A terceira etapa consistiu na produção de um trabalho a ser realizado pelos alunos a partir de suas pesquisas, seleções dos dados e construção de uma narrativa histórica sobre o tema escolhido para ser trabalhado. A oficina teve como resultado a produção de 6 (seis) trabalhos realizados pelos 6 (seis) grupos, dentre os quais 2 (dois) resultaram em desenho, 1 (um) em história em quadrinho e 4 (quatro) em vídeos documentários. No CD que acompanha a dissertação estão os trabalhos mencionados. Em uma análise preliminar<sup>106</sup> pode-se destacar que o interesse das pesquisas da maior parte dos grupos da turma do 9º ano, de 2018, se concentrou na história da construção da Base de Parnamirim, alguns com mais detalhes, outros de forma mais resumida. Interessante destacar a forma criativa com a qual os alunos externaram suas considerações sobre o referido tema.

<sup>106</sup> Os trabalhos entregues pelos alunos foram realizados no final do mês de julho de 2018, por este motivo não houve tempo hábil para uma análise das produções da turma.

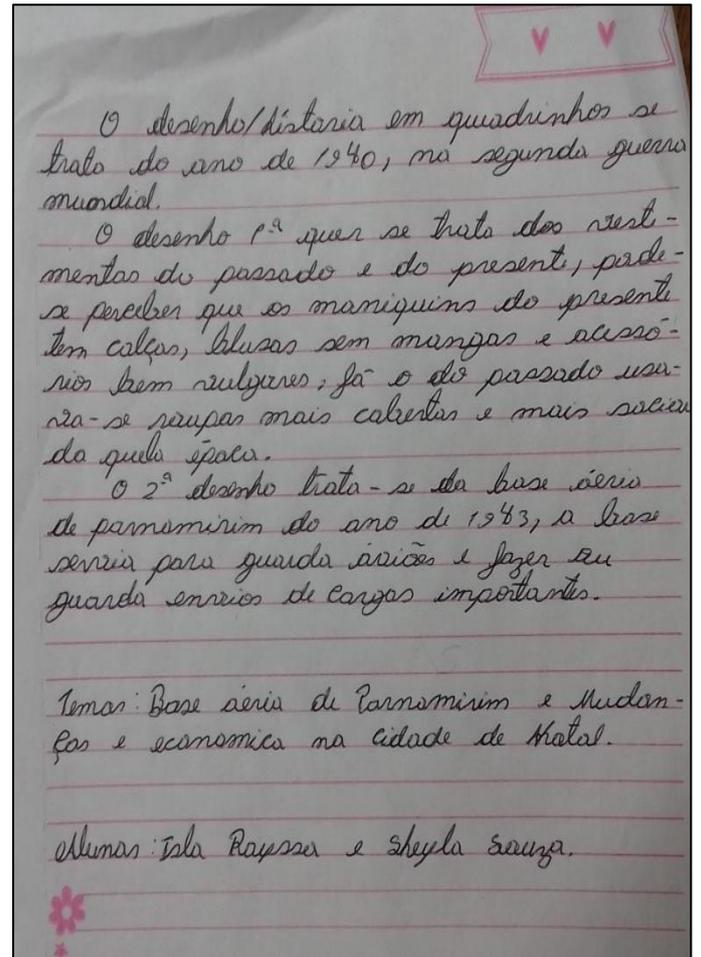


Figura 26: Fotos dos trabalhos apresentados pelo grupo sobre a comparação de como eram o modo de vestir em comparação com os dias atuais e como seria a utilização da Base de Parnamirim pelos soldados americanos na década de 1940.

O grupo trabalhou com o tema “modo de se vestir do período da década de 1940” e fez uma comparação com o modo com que os jovens se vestiam durante a década de 1940 e como estão se vestindo atualmente. Uma curiosidade sobre este tema é que geralmente as pesquisas realizadas costumam comparar as transformações ocorridas na maneira de vestir dos natalenses sob a influência dos americanos em Natal.

Os alunos compararam o modo de vestir do período com o atual, utilizando como exemplo as vestimentas de uma faixa etária próxima a dos alunos do próprio grupo. O desenho feito pelo grupo dois traz a interpretação do grupo sobre o motivo que levou o desembarque de milhares de soldados na Base de Parnamirim. A base, de acordo com a ilustração, representa um local, entre os EUA e a Europa, de apoio aos soldados (principalmente aos aviadores e seus aviões) em guerra. Esta servia como um ponto em que os militares utilizavam para recarregar seus aviões e suprimentos antes de continuarem a jornada bélica.

como é bem sabido, a região de natal e panamirim serviu como base das forças aliadas durante a segunda guerra mundial.

Porque os aliados escolheram natal? Primeiro, porque precisavam de um local que servisse de base para o envio de material para o norte da africa, e natal é o ponto da américa continental mais próximo da africa para ser mais exato, esse ponto é o cabo de são roque a aproximadamente 50KM ao norte de natal ponto que esta em cluso na maioria dos roteiros dos países de língua.

Presidente dos estados unidos visita natal, tão importante era a base, que os presidentes do brasil e estados unidos se encontram em 1945 para tratar o tema. O encontro foi reconstituído em 2013, há uma ideia que essa reconstituição se transforme em uma tradição anual da cidade.

O legado mais visível da ocupação americana foi o aeroporto augusta severo em panamirim. esse aeroporto funcionou como terminal de passageiros desde o final da guerra até 2014, quando foi inaugurado o novo aeroporto de são gonçalo desde então, o augusta severo continua a abrigar a base aérea militar de natal.

A Fundação Rampa procura preservar a memória desse local, e o site disponibiliza fotos, filmes e documentos de épocas passadas. Há vários anos, o governo do estado e do município anunciaram a construção de um museu oficialmente coide do legado da rampa mas até 2016 as obras estavam parada.

estima-se que antes da guerra, a população de natal fosse de aproximadamente 50.000 habitantes, e que o contingente de soldados estrangeiros chegou a 10.000. isso significa que o fluxo de americanos representou um aumento, em certo espaço de tempo, de 20% da população da cidade. um impacto enorme. natal viu muitas mudanças de habitantes durante a guerra.

O principal ponto de encontro noturno era a boate maria boa. há na internet diversos relatos sobre a boate, a maria e seu papel na guerra. A "maria boa" foi apenas conhecida em natal, como também foi respeitada, até a morte em 1997. o maior hotel de natal era o grande hotel na ribeira; foi todo reservado para honrar as autoridades americanas o grande hotel funcionava num então imponente prédio de três andares onde hoje se encontra o Juizado de Regueiras, na ribeira endereço, avenida duque de caxias, 1510 ribeira natal como hospital, os americanos utilizavam as instalações do que hoje é a maternidade sanmarco cecio.

Figura 27: Imagem do texto do trabalho apresentado pelos alunos.

# Trabalho Da 2ª Guerra Mundial

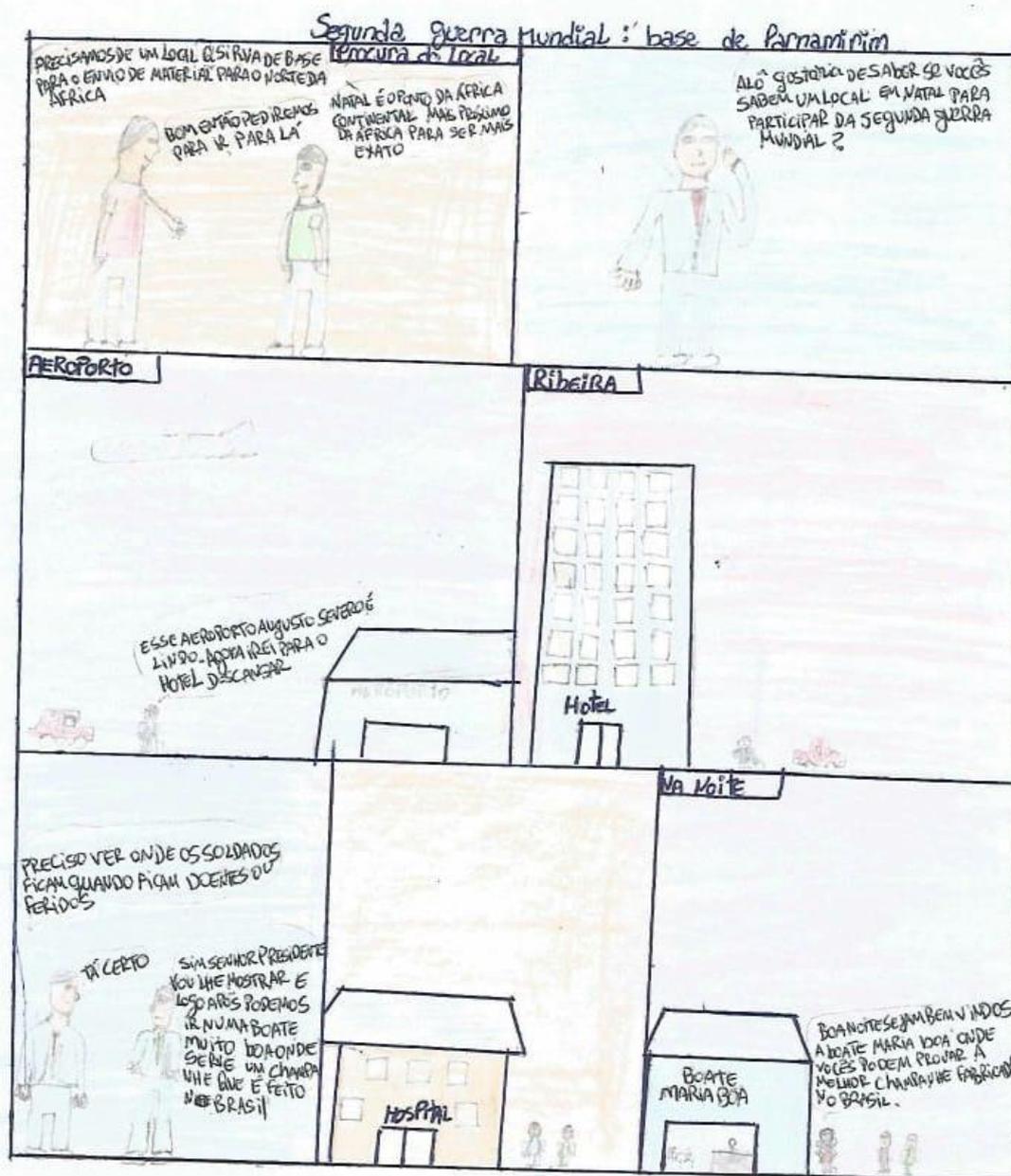


Figura 28: Imagem do texto do trabalho apresentado pelos alunos.

No trabalho apresentado pelo grupo pode-se perceber que, apesar das pesquisas realizadas, na hora da narrativa de como seria a chegada de pessoas de fora a cidade eles mesclam elementos atuais (de seu cotidiano) com os dados obtidos através da pesquisa. Um

exemplo deste posicionamento é que em sua narrativa a pessoa chega ao Aeroporto Augusto Severo (que até pouco tempo atrás era o aeroporto oficial da cidade) e não a Base Aérea.

Um fato que chamou a atenção foi o destaque dado, pelos grupos que apresentaram o trabalho em forma de vídeo, em relação aos locais, como eram antigamente e como estão atualmente. Percebe-se que alguns grupos trabalharam na perspectiva de como está a sociedade no momento atual e como esta era na década de 1940.



Figura 29: Fotos mostrando o antes e o depois de algumas construções da Base Aérea de Parnamirim.



Figura 30: Fotos utilizadas pelo grupo no vídeo mostrando como as edificações da Base de Parnamirim estão atualmente.

Observa-se que os trabalhos expõem claramente, a construção de narrativas a partir da Base Aérea de Parnamirim. Enquanto o primeiro grupo priorizou o período anterior à década de 1940, o segundo grupo trabalhou com um rápido levantamento sobre como estão os prédios utilizados no período.

Durante a Segunda Guerra Mundial, os estadunidenses construíram no Brasil a maior base militar fora de seu território, a base de **Parnamirim Field**.

A 2ª Guerra Mundial foi importantíssima para o crescimento da Cidade de Natal e arredores, Estima-se que, antes da Guerra, Natal tinha 40 mil habitantes; Após a guerra, não só a população dobrou para quase 80 mil habitantes, mas a cidade também teve melhorias na infra-estrutura e em ganhou um aeroporto (o antigo Parnamirim Field).



A pedido do presidente dos EUA Franklin D. Roosevelt, um encontro entre ele e o presidente brasileiro Getúlio Vargas ocorreu em Natal, no dia 27 de janeiro de 1943. Os presidentes visitaram as bases da Força Aérea, da Marinha e do Exército. Esta encontro consolidou as relações entre o Brasil e os EUA; Em 1944, o Brasil enviou uma tropa expedicionária (conhecida como **FEB**) para lutar na Europa.



Figura 31: Fotos utilizadas pelos grupos na realização do vídeo priorizando os aspectos físicos da Base Aérea de Parnamirim.

O terceiro grupo também escolheu como tema as instalações da Base de Parnamirim, contudo o enfoque foi dado aos aspectos físicos do lugar, bem como a sua história e as transformações pelas quais a Base Militar sofreu ao longo do tempo. Observa-se que a maioria dos trabalhos privilegiou a Base de Parnamirim, pois na opinião de boa parte dos alunos todas as transformações ocorreram devido à utilização das instalações da Base no período da década de 1940, por ocasião da guerra.

Apesar de muitos grupos trabalharem com o mesmo tema – Base Aérea de Parnamirim – percebe-se que cada um deu um enfoque e uma narrativa diferenciada. Este aspecto pode ser trabalhado na sala de aula para explicar a possibilidade das diferentes construções de narrativas históricas, pois cada grupo vivenciou esta experiência na realização de seus trabalhos. Ainda que o ponto de partida fosse o mesmo (orientações e fontes exibidas) cada grupo produziu um texto próprio cujo direcionamento partiu dos interesses e indagações de cada grupo.

O último grupo a apresentar o trabalho em forma de vídeo priorizou as transformações econômicas ocorridas na cidade por ocasião da Segunda Guerra. Este grupo buscou em suas pesquisas personalidades que conseguiram prosperar no período, tais como: Amélia Duarte

Machado, Theodorico Bezerra e Nevaldo Rocha de Oliveira. Além do próprio crescimento da cidade.



Figura 32: Fotos utilizadas pelo grupo para demonstrar o crescimento econômico do período.

Durante a apresentação dos trabalhos foi debatida a relação entre os acontecimentos globais e os locais, além dos fatos ocorridos no passado e no presente. Após a apresentação dos trabalhos foi solicitado aos alunos que respondessem um questionário sobre a elaboração da atividade e a prática metodológica envolvida neste processo. O questionário consistiu em 6 (seis) questões a serem respondidas por cada grupo, como aventado a seguir:

#### RELATÓRIO SOBRE O TRABALHO APRESENTADO PELO GRUPO

1. Qual o tema escolhido pelo grupo?
2. Por que escolheram este tema?
3. Fale sobre o tema do trabalho?
4. Quais as dificuldades que o grupo encontrou para a realização do trabalho?
5. Você gostou/vocês gostaram da metodologia aplicada para o conhecimento desse período histórico? Explique por quê?
6. Tem alguma sugestão que, em sua opinião, melhoraria o ensino da disciplina de História?

Com as respostas dos questionários pode-se concluir que a escolha dos grupos se deu a partir do interesse despertado nos alunos pelo assunto e pela curiosidade em saber um pouco mais sobre este período. Dentre as maiores dificuldades apontadas pelos estudantes para a

elaboração dessa atividade estão: a dificuldade em encontrar material sobre os temas escolhidos; domínio dos aspectos técnicos (edição de som e imagens para a confecção do vídeo), e; falta de técnica na criação dos desenhos para as HQs.

Em relação à experiência de se trabalhar com a pesquisa e a produção de uma narrativa sobre determinado tema e período, os alunos, em sua maioria, se mostraram satisfeitos com o desenvolvimento do trabalho. Entre as sugestões dadas, grande parte dos alunos disse que gostaria que houvesse a introdução de aulas de campo, nas quais os estudantes pudessem visitar os locais pesquisados e participar mais ativamente do processo ensino-aprendizagem. A seguir algumas das respostas dadas pelos grupos:

Complexo educacional Kennedy  
 Unidade de Marrocos Vilaça data: 03/08/2018  
 Alunos: Sus Tereza do Nascimento e Rilyny Ribeiro, Jaxa Cristina  
 Disciplina: História - Turma 9<sup>th</sup>  
 Do base de Terramarim  
 3) porque esse tema foi muito interessante para o nosso grupo.  
 3) como é bem sabido, a região de Natal e Terramarim serviu como base das forças aliadas durante a segunda guerra mundial  
 4) as norma dificuldade foi escolher um tema escrever o texto e fazer os quadrinhos  
 5) sim. porque não aprendemos mais sobre a história da segunda guerra mundial  
 6) não. porque a disciplina de história nos ensina as histórias narradas de nossas cidades, do nosso país dos nossos ante narradas e do mundo.

Figura 33: Imagem do questionário respondido por um dos grupos.

Relatório do Trabalho

- 1- Base de Parana Mirim
- 2- Por que achamos o tema interessante
- 3- Achamos o tema bastante interessante, pois adquirimos conhecimento sobre o Estado Histórico Guarani, pois eram uma das principais rotas e foi escolhida pelos franceses como ponto de partida para a rota para Buenos Aires e era o ponto mais perto da África.
- 4- as imagens pois foi difícil de encontrar
- 5- sim, pois aprendemos mais na prática do que na teoria dos livros
- 6- não, pois estamos gastando de metade

Componentes:

Anderson  
 Athos  
 Samuel  
 David  
 Douglas  
 Kleberson

Assina: *ee A*

Figura 34: Imagem do questionário respondido por um dos grupos.

Para finalizar a oficina foi solicitado aos alunos que respondessem novamente o questionário aplicado no início da oficina. Isso foi requisitado com o intuito de comparar as respostas desses alunos antes e após a realização da oficina, bem como constatar a eficácia da atividade no sentido de apreensão do conhecimento por parte deles. Esse pequeno questionário constituiu das seguintes perguntas:

Depois de realizar todas as etapas para a produção do trabalho sobre a cidade de Natal, no período da Segunda Guerra Mundial, responda:

- a) Fale o que você sabe sobre a Segunda Grande Guerra.
- b) Você saberia dizer como era a cidade de Natal nas décadas de 1930 e 1940?
- c) Como os eventos ocorridos durante a Segunda Guerra repercutiram na cidade de Natal?

Consoante com as respostas fornecidas pelos alunos verificou-se que o conhecimento destes em relação ao evento da Segunda Guerra Mundial na cidade de Natal aumentou significativamente. Em suas respostas, os estudantes falaram mais detalhadamente sobre o ocorrido, pontuando aspectos positivos e negativos que a Guerra trouxe para a cidade, além disso, conseguiram fazer conexões entre as histórias geral e local, bem como estabelecer uma relação direta entre os fatos ocorridos no passado e suas implicações no tempo presente.

#### 4.2 CONCLUSÃO DA OFICINA

No momento, a oficina proposta como produto para a conclusão da dissertação continua em constante processo de adequação. Vale salientar que a oficina foi planejada a partir de uma experiência didático-pedagógica proposta durante as aulas do ProfHistória no segundo semestre do ano de 2017. A introdução da história local nos conteúdos da disciplina de História, no Ensino Fundamental, conseguiu despertar o interesse dos alunos pela matéria.

Embora a atividade proposta tivesse como prioridade as transformações sociais, os alunos abordaram, também, as mudanças físicas e estruturam que ocorreram na cidade ao longo do tempo, tais mudanças estão intrinsecamente relacionadas. Vale ressaltar que a partir das atividades solicitadas, sobre o período da Segunda Guerra Mundial, os alunos da turma do 9º ano “A” (em 2017) passaram a questionar as transformações ocorridas na cidade ao longo do tempo.

Isso foi um indicador positivo, visto que foi averiguado que, quanto mais o interesse dos alunos é despertado pela disciplina de História, mais eles aprendem e buscam pelo conhecimento. Outra forma de potencializar e facilitar a apreensão do estudo dos secundaristas, pois levaria aos alunos a oportunidade de conhecer os locais que ainda guardam resquícios do período da Segunda Guerra Mundial e que muitos alunos só conhecem por meio das pesquisas estudantes é a utilização de um instrumento pedagógico prático e prazeroso: a aula de campo.

Para esta atividade, em especial, esse recurso auxiliaria bastante, pois levaria aos alunos a oportunidade de conhecer os locais que ainda guardam resquícios do período da Segunda Guerra e que muitos alunos só conhecem por meio das pesquisas realizadas. Contudo, a oficina foi pensada e planejada para que pudesse ser posta em prática, por isso houve a preocupação em respeitar os limites organizacionais da Escola e de recursos didáticos com os quais os professores podem trabalhar. Ao longo da aplicação da oficina foram observadas que alguns

dos planejamentos propostos não puderam se viabilizar e outros tiveram que se adequar as situações de cada turma.

Um dos pedidos mais enfatizados pelos alunos foi a utilização da aula de campo, na qual eles pudessem conhecer os lugares retratados nas pesquisas realizadas. Com esta atividade, a curiosidade dos alunos acerca do destino de determinados locais foi estimulada, tal como a indagação sobre o que havia ocorrido em locais como o Grande Hotel, como estava a Base Aérea de Parnamirim atualmente, as casas noturnas da Ribeira, a casa que foi de Maria Boa, bem como onde se localiza e como se encontra o estado atual da Rampa e, principalmente, saber mais sobre o acervo coletado por esta Fundação.

Foi pensado, inclusive, na elaboração de um roteiro que contemplasse todos esses locais históricos, contudo, a constante falta de recursos de ordem estrutural com a qual a educação pública sofre impossibilita a elaboração dessa atividade prática. Mesmo assim, o pedido por aulas práticas foi um dos pontos mais requisitados pelos alunos, daí a necessidade de encontrar mecanismos, junto à gestão escolar que viabilize tal recurso didático.

Como resultado das atividades exigidas ao final da oficina sobre a história local, no período da Segunda Guerra Mundial, os alunos apresentaram os seguintes trabalhos:

- a) Cinco vídeos produzidos;
- b) Dois Desenhos sobre o período;
- c) Uma HQ.

Em relação aos vídeos apresentados, a maior parte dos grupos privilegiou a história da Base Aérea, localizada em Parnamirim. Os trabalhos tiveram como principal fonte os artigos publicados pela Fundação Rampa.<sup>107</sup> Um dos trabalhos teve como temática os aspectos econômicos proporcionado pelos eventos da Segunda Guerra na cidade. Foi observado que a maioria dos grupos conseguiu em seus trabalhos, estabelecer reações entre a história geral e a local, bem como o presente e o passado.

Quanto aos desenhos e a HQ os alunos fazendo uso de seus talentos e técnicas para o desenho, tentaram demonstrar as mudanças ocorridas no modo de vestir do período e da

---

<sup>107</sup> Fundação criada por amantes desta época da história do Rio Grande do Norte e vem ao longo dos anos realizando uma série de pesquisas, catalogação de informações e coleta de materiais do período com o intuito de abrir na cidade um espaço para a exposição dos materiais coletados sobre o evento.

atualidade. A referida HQ versava sobre como seria a chegada de um estrangeiro na cidade de Natal, no período da Segunda Guerra Mundial.

Como resultado das duas aplicações da prática pedagógica proposta pela dissertação contatou-se que a utilização de oficinas permitiu a introdução do trabalho de pesquisa na sala de aula. Além disso, este trabalho possibilitou que os alunos compreendessem como a história é construída, na qual “o passado deixa de ser algo pronto e transforma-se em um desafio para os pesquisadores, um memorial ao qual se fundamenta a identidade individual e coletiva dos sujeitos da aprendizagem”<sup>108</sup>

Conclui-se, desta forma, que a utilização da metodologia de ensino em forma de oficina nas aulas de História possibilita que os mais variados temas possam ser trabalhados pelos professores em sala de aula, ao mesmo tempo em que permite que os alunos percebam que a história não se resume apenas àquelas que eles encontram nos livros, que a história é construída a partir das pesquisas das mais variadas fontes existentes e da construção de narrativas acerca do passado.

Outra constatação observada diz respeito às apresentações em formato de vídeo, consideradas como “as melhores” na visão dos alunos, isto nos fez inferir que os meios digitais podem sim ser um grande aliado no processo ensino-aprendizagem. Pois, muitos dos vídeos produzidos foram realizados por meio de programas que podem ser usados tanto no celular quanto no computador.

Além disso, observou-se utilização do aplicativo “*whatsapp*” que foi amplamente empregado como forma facilitadora da comunicação entre os membros dos grupos. Esse recurso foi aplicado na comunicação não só entre os alunos, mas entre estes e a professora, inclusive usado como ferramenta para efetuar a entrega do trabalho final. Estas constatações nos levam a refletir que os professores do Ensino Básico precisam incorporar as novas tecnologias da Informação e Comunicação, já largamente utilizadas pelos alunos.

Como resultado dessa experiência ressalto que a utilização dos materiais e da execução da oficina pode variar de turma para turma, bem como de educador para educador. O seu andamento vai depender de como ela vai sendo trabalhada pelo professor e como está sendo a

---

<sup>108</sup> NASCIMENTO, Evandro Cardoso. O método como conteúdo: o ensino de história com fontes patrimoniais. In: *Educação*. Santa Maria, v. 40, n.11, jan/abr 2015. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/1171/117132892013>. Acesso em: 20 de mai. de 2018.

receptividade e o interesse dos alunos. Uma das etapas que se mostrou bastante diversificada foi a da execução do trabalho final da apresentação.

Enquanto uns tinham a habilidade de fazer uso dos meios digitais e os utilizar para a realização de vídeos, outros preferiram empregá-los para desenhar ou, ainda, na apresentação oral dos resultados de suas pesquisas. O modo como os resultados foram socializados dependeram invariavelmente da própria turma. Nas classes onde a oficina foi desenvolvida muitos preferiram a forma de apresentação dos resultados em formato de debate, no qual os alunos puderam trocar informações sobre o processo de realização do trabalho desde a escolha dos temas, passando pela pesquisa e seleção do material, até a elaboração do trabalho.

Uma das sugestões dadas pelos alunos, durante os debates, para a finalização desta oficina em particular está o uso desta metodologia em trabalhos futuros (ao longo dos bimestres), assim como a possibilidade de realizar uma exposição na sala de aula, na qual cada grupo poderia apresentar seus trabalhos, tanto para os colegas, quanto para as demais turmas (neste momento os alunos não entraram em consenso, pois uns se mostraram contra a ideia, uma vez que não se sentiriam a vontade com as possíveis críticas a seus trabalhos ou, ainda, o tumulto que essa apresentação poderia acarretar, visto o aumento do número de alunos na sala de aula).

Houve, também, a sugestão da realização de uma aula de campo nos locais pesquisados, bem como a montagem de um diário virtual, na qual os grupos poderiam fazer a realização de visitas aos lugares pesquisados. Este álbum seria ilustrado com as fotos do presente e do passado, já existentes e expostas nas diversas mídias.

Por fim, os alunos responderam a um questionário virtual<sup>109</sup> elaborado especificamente para registro das informações dos alunos sobre a participação na Oficina Pedagógica proposta na turma para o estudo da História Local e sugestões para possíveis adequações nas futuras aplicações. Segue o modelo e o relatório das respostas em anexo e um breve resumo das respostas dadas pelos alunos.

Após a conclusão das atividades da Proposta Pedagógica foi pedido para que os alunos do nono ano A, do turno vespertino da E. E. Dr. Manuel Villaça respondessem um questionário

---

<sup>109</sup> O questionário foi elaborado utilizando a ferramenta *doc.google* que permite a criação de formulários que podem ser respondidos a partir de qualquer dispositivo. Este esteve aberto, no endereço eletrônico [https://docs.google.com/forms/d/1jiJDLqHgyGvN6GSSZ-Deb-nm-fC\\_pmpaUXTGjUcL-EU/viewform?edit\\_requested=true](https://docs.google.com/forms/d/1jiJDLqHgyGvN6GSSZ-Deb-nm-fC_pmpaUXTGjUcL-EU/viewform?edit_requested=true) a turma até a data de 08 de agosto de 2018. Para as próximas aplicações pode ser criados novos formulários que são armazenados e consultados a partir de uma conta de e-mail na google.

virtual no qual foram registrados os resultados obtidos com a experiência realizada. Esse questionário também servirá de base para as próximas aplicações da Proposta Pedagógica.<sup>110</sup>

No formulário foi proposto que os alunos avaliassem a experiência da Oficina, para tanto os estudantes não precisariam se identificar. O questionário continha as seguintes perguntas:

<b>PESQUISA SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL<sup>111</sup></b>	
Você nasceu em Natal?	<input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não
A quanto tempo a sua família mora em Natal?	R: _____
Quantos anos você tem?	R: _____
Qual o bairro que você mora?	R: _____
Você conhecia a história da cidade de Natal?	<input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não
Você achou importante conhecer mais sobre a história de Natal, durante as aulas da disciplina de História?	<input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não
Por que?	R: _____
Qual a forma didática que você considera mais interessante?	<input type="radio"/> Aula expositiva <input type="radio"/> Exibição de filmes <input type="radio"/> Apresentação de seminários <input type="radio"/> Realização de pesquisas e trabalhos em grupo
Você gostaria que o programa da disciplina de história contemplasse mais sobre a história local?	<input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não <input type="radio"/> Tanto faz
Como você acha que as aulas de história poderiam se tornar mais interessantes?	R: _____

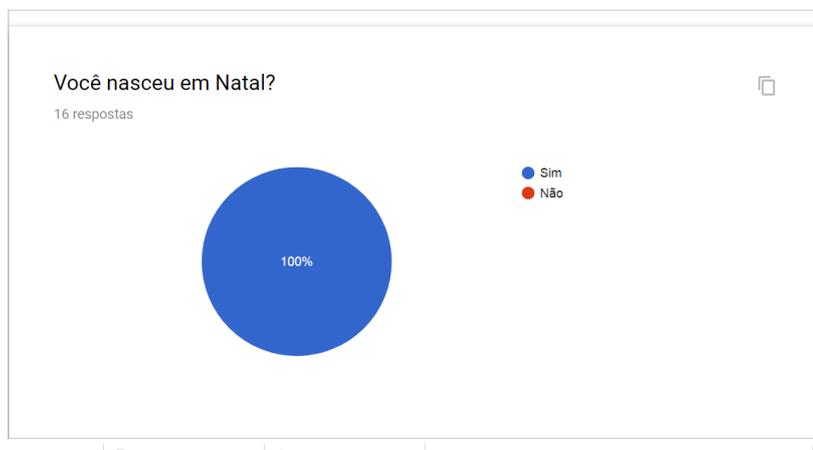
De uma turma composta por trinta e dois alunos, dezoito responderam ao questionário *on line*. Pelas respostas obtidas podemos traçar um perfil dos alunos que frequentam a escola.

<sup>110</sup> Foi elaborado ao final da oficina no Google drive um Questionário que os alunos responderam pela internet via celular. O questionário ficou disponível (aberto as respostas) durante uma semana (de 23 a 31 de julho de 2018) no endereço eletrônico:

<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScAdmDo3dtUF0xoSQHstVahO2L3WowKVILR9klbhdRhJZ2ZPg/closedform>

<sup>111</sup> Questionário hospedado em endereço eletrônico. Disponível em: <https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScAdmDo3dtUF0xoSQHstVahO2L3WowKVILR9klbhdRhJZ2ZPg/closedform>. Acesso em: 02 de abr. de 2018.

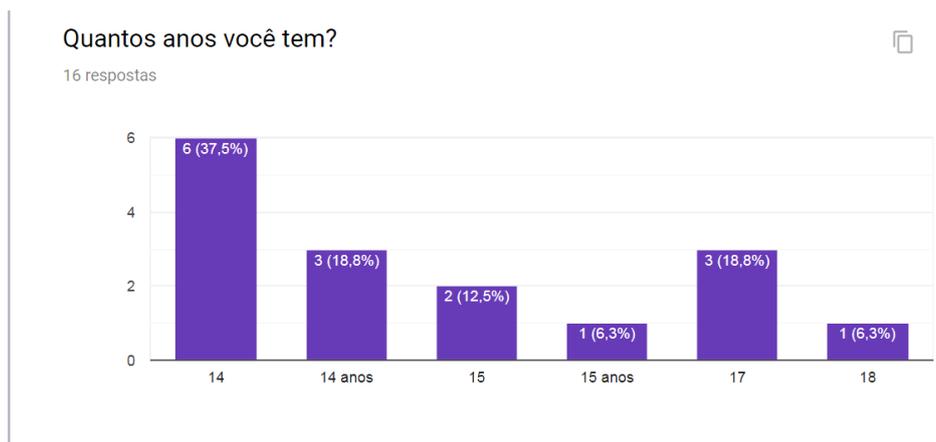
Conforme as respostas, a maior parte dos alunos que frequentam a turma do nono ano tem idade que varia entre 14 e 18 anos, nasceu em Natal e suas famílias já moram na cidade a bastante tempo;



#### A quanto tempo a sua família mora em Natal?

16 respostas

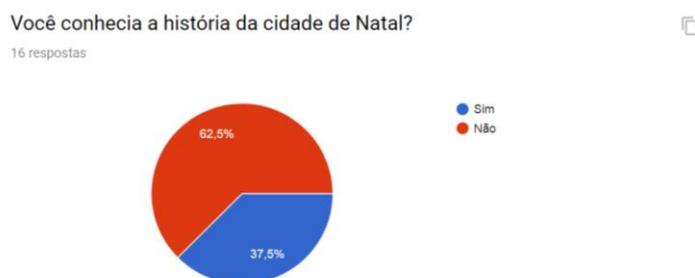




Os alunos moram nos mais diversos bairros da cidade como, por exemplo, Bom Pastor, Cidade Nova, Felipe Camarão, Nazaré, Jardim América, Planalto, entre outros.



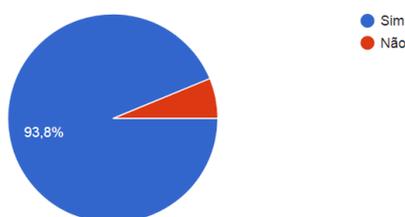
Perguntados sobre se eles conheciam a História do local onde nasceram muitos alunos demonstraram que desconheciam a história da cidade onde moram. Pode-se observar que muitos têm referências dos principais pontos da cidade, pois costumam circular pelos mais diversos locais, mas não sabem muito sobre os lugares que transitam.



Ao serem perguntados se gostaram de conhecer um pouco da História do local onde moravam, os alunos, em sua maioria, responderam que sim (93,8%). Esta resposta já havia sido dada durante a realização das atividades, principalmente ao final dos trabalhos, momento em que os estudantes puderam expor suas impressões sobre as atividades propostas. Em uma das turmas, os alunos começaram a se interessar mais pela disciplina de História e passaram a indagar o motivo pelo qual a turma ter apenas duas aulas por semana. Nesta turma em particular, os alunos chegaram a pedir à Coordenação da Escola que fosse analisada a possibilidade de se ampliar o tempo de aulas da disciplina de História na turma.<sup>112</sup>

Você achou importante conhecer mais sobre a história de Natal, durante as aulas da disciplina de História?

16 respostas



Ao serem questionados por qual motivo consideraram importante o aprofundamento do conhecimento sobre a História do local onde vivem, os alunos afirmaram que esse envolvimento com a história da cidade era algo positivo, visto que aumentava o aprendizado e interesse deles em relação aos acontecimentos ocorridos em Natal, ao mesmo tempo em que estimulava o interesse pela história da cidade.

<sup>112</sup> Em anexo segue a declaração fornecida pela Coordenação da E.E. Dr. Manoel Villaça atestando que os alunos, da turma do 9º ano, solicitaram o aumento da carga horária para disciplina de História após da aplicação da Proposta Pedagógica sobre o estudo da História Local, em especial sobre o período envolvendo os eventos da Segunda Guerra nas décadas de 1930 e 1940 e suas repercussões na cidade do Natal .

## Por que?

18 respostas

Porque, achei muito interessante saber o que aconteceu, ter mais conhecimento sobre a minha cidade

Por que pude aprender várias coisas sobre a história de Natal, que antes eu não sabia.

Por que assim tive a oportunidade de conhecer mais sobre natal

Para aprender mais

Porque é sempre bom saber mais Da cidade de onde moramos..

Para nós alunos desenvolverem melhor a história de Natal

Porque e sempre bom saber mais da nossa cidade.

Interessante saber um pouco sobre nossa cidade

É importante nós aprender onde moramos

Porque é sempre bom saber mais Da cidade de onde moramos..

Para nós alunos desenvolverem melhor a história de Natal

Porque e sempre bom saber mais da nossa cidade.

Interessante saber um pouco sobre nossa cidade

É importante nós aprender onde moramos

Pois é uma coisa que todos os natalenses tem o deve de saber a histórias da sua cidade

Porque é bom saber a história da sua cidade

Não achei interessante

Pra a gente saber como foi tudo que aconteceu pra chegar até agora como está Natal

Porque devemos saber as origens da nossa cidade.

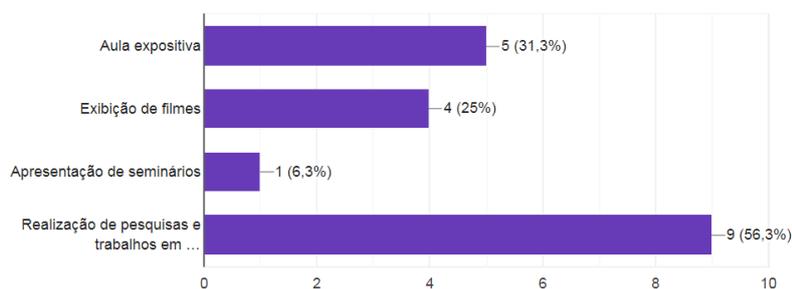
Por que e sempre bonm aprender sobre o lugar que moramos

Pois é bom pra nós mesmo conhecermos a história da nossa Cidade

Quanto à forma didática que despertaria maior interesse por parte dos alunos para o aprendizado conteudístico da disciplina de História, os estudantes responderam que as metodologias que apresentariam melhores resultados seriam: as aulas expositivas (31,3%), exibição de filmes (25%), apresentação de seminários (6,3%), e realização de pesquisas e trabalhos em grupos (56,3%). Pelas respostas obtidas infere-se que muitos dos alunos, apesar de valorizarem as aulas expositivas, desejam também uma didática mais dinâmica, que o envolva por meio de pesquisas, elaboração e construção do conhecimento. Isso traz ao aluno certo protagonismo no aprendizado.

Qual a forma didática que você considera mais interessante?

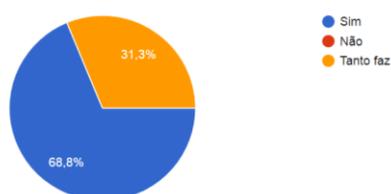
16 respostas



Foi perguntado, ainda, se os alunos gostariam que a história local fosse repassada com maior frequência em sala de aula (68,8% responderam positivamente, ao passo que 31,3% informaram que não se importariam). Mesmo existindo a opção de escolher a alternativa de não estudar a história do local onde vive, nenhum dos alunos optaram por esta.

Você gostaria que o programa da disciplina de história contemplasse mais sobre a história local?

16 respostas



Por fim foi solicitado que os alunos sugerissem maneiras de tornar as aulas de história mais interessantes. Eles explanaram que gostariam que houvesse um diálogo maior entre os mestres e pupilos, bem como o aumento das aulas de campo. A turma foi quase unânime ao propor aulas externas ao ambiente escolar, pois estas fariam com que ela aprendesse mais sobre a história da cidade em que moram.

## Como você acha que as aulas de história poderiam se tornar mais interessantes?

17 respostas

Com mais atividades em sala, mais comunicação entre alunos e professores, passar trabalho que a gente se interesse pra fzr.

Se em vez de ficar só na sala de aula, nós fizéssemos aula de campo sobre o conteúdo que fosse aplicado.

Indo a locais historicos

Tendo aula de campo

Estudar mais sobre a nossa cidade, ter trabalho sobre ela.. conversas na sala..

Séria mais legal se a gente explorace mais a nossa cidade

Sendo mais dinâmica

Sim, pois pode aprender mais sobre a matéria

Estudar mais sobre a nossa cidade, ter trabalho sobre ela.. conversas na sala..

Séria mais legal se a gente explorace mais a nossa cidade

Sendo mais dinâmica

Sim, pois pode aprender mais sobre a matéria

Tendo aulas em campo.

Aulas praticas e com diálogo

Não sei, eu acho já as acho bastante interessante

Com aulas mais proveitosas, tipo a gente poder dá nossas opiniões, ter mais debates sobre o que a gente está estudando e etc..

Fazendo passeios pedagógicos, vendo filmes, pesquisas e coisas que nos tirm da mesmice.

Havendo mais aulas comunicativas para nós podemos interagir mais .

Tendo aulas práticas

Assim, pode-se perceber que muitos alunos gostariam de participar mais ativamente do processo ensino-aprendizado. Almejam sair da posição de mero ouvinte, receptor do conhecimento para uma posição mais ativa no processo de educação, isso se dará por meio de uma didática mais participativa na qual o professor possa trazer aspectos do cotidiano do aluno para a disciplina, bem como valorizar a sua capacidade de produzir o conhecimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O atual trabalho, desenvolveu-se por meio do mestrado ProfHistória, com o objetivo de elaborar um produto didático que permitisse que os conceitos de identidade e cidadania fossem estimulados e desenvolvidos pelos alunos da Escola a qual leciono – E.E. Dr. Manoel Villaça, a partir do conhecimento histórico. Esta dinâmica foi pensada com o intuito de que os estudantes pudessem se perceber como sujeitos e agentes de transformação no mundo que os cerca.

No decorrer do curso, com o auxílio dos estudos e debates que as disciplinas proporcionaram, observou-se que, antes de propor novas metodologias e práticas, seria preciso suscitar o interesse dos alunos do Ensino Básico pela disciplina de História. Para que a curiosidade dos estudantes pelos fatos passados pudesse ser despertada pela disciplina e a capacidade de estabelecer relações entre o passado e o presente, entre o geral e o particular fosse estimulada pelo professor de História.

Desse modo, o aluno não só adquiriria os instrumentos necessários para compreender o mundo em que vive, como desenvolveria mecanismos de intervenção e transformação da sua realidade. Uma vez alcançado este objetivo, pode-se afirmar que o aluno será capaz de desenvolver e fortalecer sua identidade, a partir do seu descobrimento como sujeito histórico. Ao mesmo tempo, o estudante poderá exercer sua cidadania enquanto protagonista de sua própria história.

Infere-se que uma das etapas mais difíceis do mestrado foi pensar em um produto capaz de estimular nos alunos o interesse pela disciplina de História. Após dez anos trabalhando como docente da Rede de Ensino Básico percebi o crescente desinteresse e desestímulo por parte dos alunos em relação à matéria. Por mais contraditório que possa parecer, constatou-se que a ampliação do Programa de Distribuição dos Livros Didáticos na Rede Pública Estadual fez com que, em muitas turmas, os alunos se tornassem cada vez mais distantes dos conteúdos. Talvez os conteúdos, por não contemplarem assuntos relacionados à história local é que estejam, gradativamente, mais distantes dos alunos.

Como relatado essa situação aprofundou a distância entre o aluno e o conteúdo estabelecido no livro. O educando passou a se identificar menos com os assuntos inseridos monocraticamente pelas editoras. Isso se deu devido à falta de empatia entre os estudantes e os temas abordados nos livros, pois, muitas vezes os alunos não entendiam como aqueles fatos,

aparentemente ocorridos em épocas e espaços tão longínquos, podiam interferir em suas realidades.

Desse modo, o mestrado do ProfHistória foi muito importante à medida em que oportunizou aos mestrandos a reflexão de suas práticas docente e o desenvolvimento de estratégias que contribuíram para o aperfeiçoamento profissional na Rede de Educação. Durante o Curso, os alunos do mestrado foram constantemente estimulados e incentivados a refletirem acerca da situação pela qual a Educação Básica vem passando nos últimos anos no país.

Cada disciplina proporcionou, a seu modo, por meio dos estudos e debates fomentados em sala de aula o melhoramento da nossa prática pedagógica. Com isso os maiores beneficiados foram os nossos alunos que puderam desfrutar dessa nova perspectiva de aprendizagem, um exemplo que pode ser constatado na elaboração deste estudo.

A conclusão desta dissertação foi resultado das reflexões e das possibilidades pedagógicas obtidas ao longo do Curso do ProfHistória. Da ideia inicial, ao produto final apresentado na conclusão deste trabalho, muitas modificações ocorreram. Do primeiro semestre, enquanto o produto pedagógico foi inicialmente pensado, passando pelas discussões teóricas até a sua apresentação à Banca de Qualificação, bem como ter cursado disciplinas que exigiam além de uma reflexão teórica, a prática pedagógica, muita coisa mudou.

De um produto viável de ser desenvolvido pedagogicamente, mas distante da realidade dos educandos, até um produto surgido das necessidades apresentadas no cotidiano da prática pedagógica muitas inquietações e questionamentos. Debates e discussões ocorreram entre esta mestranda e sua orientadora, assim como reflexões surgidas a partir das demais disciplinas ofertadas, pensando sempre no objetivo final do ProfHistória, que consistia em melhorar a prática pedagógica, não apenas dos mestrandos, mas dos docentes em geral. Essa possibilidade se tornará realidade à medida que os produtos produzidos no mestrado forem difundidos nos diversos meios pedagógicos, servindo de exemplo para outros professores também melhorarem suas práticas profissionais.

Dessa forma, o interesse dos alunos da Escola Estadual Dr. Manoel Villaça pode ser estimulado e reavivado a partir dos instrumentos desenvolvidos ao longo do mestrado, tais como: pesquisa, seleção de materiais, construção de narrativas, incentivo ao trabalho em equipe, entre outros. Esses mecanismos modificaram e aperfeiçoaram a minha prática docente, ao mesmo tempo em que despertou o encantamento dos alunos com a disciplina de História.

Quanto ao produto aqui desenvolvido, este se constituiu de uma prática pedagógica em forma de oficina que propôs incluir a história local dentro do conteúdo da disciplina de História. O conteúdo contemplado a ser trabalhado na oficina foram as transformações ocorridas na história da cidade de Natal durante a década de 1940, por ocasião da Segunda Guerra Mundial. Embora este evento faça parte das memórias e lembranças de determinados grupos da nossa sociedade, e já há algum tempo seja bastante pesquisado e discutido dentro da Academia, ainda permanece desconhecido para muitos alunos da Rede de Educação Básica da cidade, como por exemplo, para os alunos da E.E. Dr. Manoel Villaça.

A atividade realizada, primeiramente no ano de 2017, de forma experimental, se mostrou bastante promissora, pois, instigou a curiosidade e o interesse dos alunos do 9º (nono) ano pela disciplina de História. Diante de tais resultados, as etapas percorridas passaram a ser sistematizadas e apresentadas como uma prática pedagógica em forma de oficina para a turma do 9º (nono) ano, de 2018, da mesma Instituição de Ensino. Diante da excelente receptividade, por parte da turma, este trabalho serviu de alicerce para a elaboração do produto final do mestrado.

Embora a plena realização das potencialidades desse trabalho tenha sido comprometida, por algumas vezes, por problemas de ordem estrutural que ultrapassaram o poder desta mestranda, pode-se inferir que a experiência foi bastante positiva, pois, trouxe aos alunos da E.E. Dr. Manoel Villaça uma nova perspectiva de aprendizado, um novo olhar sobre a disciplina de História que passou de desinteressante e tediosa para instigante e apaixonante.

Ao final deste relato ressalto o quanto foi gratificante a aplicação desta oficina com os alunos os quais leciono, visto que essa experiência despertou nos alunos o interesse pela disciplina de História, pois constatou-se que os alunos passaram a demonstrar um interesse em saber mais, em pesquisar sobre determinados temas da história local, tanto da cidade, quanto do bairro no qual as escolas encontravam-se localizadas. Inclusive, os alunos chegaram a solicitar junto à Coordenação Pedagógica da E.E. DR. Manoel Villaça o aumento da carga-horária da disciplina, conforme anexo, uma vez que o tempo estabelecido para as aulas não era suficiente para dirimir todas as suas dúvidas e inquietações.

## REFERÊNCIAS

ABUD, Katia. Currículos de história e políticas públicas: os programas de história do Brasil na escola secundária. *In: O saber histórico na sala de aula*. Circe Bittencourt, et all. (Org.). 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

ALMEIDA, Vasni de. Educação História da Educação e Ensino de História *In: SILVA, Norma Lúcia da, Vieira Martha Victor (Org.). Ensino de História e formação continuada: teorias, metodologia e práticas*. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2013.

ALVES. Luís Alberto Marques. *A história local como estratégia para o ensino de História*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em: [http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0ahUKEwiokOee3LLZAhXDI5AKHUjpCRUQFggxMAE&url=http%3A%2F%2Fup.pt%2Fuploads%2Fficheiros%2F4880.pdf&usg=AOvVaw2vb-40sANR2\\_2-FXJZdHWG](http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0ahUKEwiokOee3LLZAhXDI5AKHUjpCRUQFggxMAE&url=http%3A%2F%2Fup.pt%2Fuploads%2Fficheiros%2F4880.pdf&usg=AOvVaw2vb-40sANR2_2-FXJZdHWG). Acesso em: 10 de jan. de 2018.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de História. *In: O saber histórico na sala de aula*. Circe Maria Fernandes Bittencourt (Org.). 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. *Conteúdos históricos: como selecionar?* In: Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2008. 2ª ed.

\_\_\_\_\_. *Ensino de História*. Fundamentos e Métodos. 4º ed. São Paulo: Cortez, 2009.

\_\_\_\_\_. Identidade Nacional e ensino de história do Brasil. *In: Karnal, Leandro (Org.). História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

BOULOS JR., Alfredo. *História: sociedade e cidadania*. 9º ano. 3.ed. São Paulo: FTD, 20115.

BRASIL. *CONSTITUIÇÃO FEDERAL DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988*. Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm). Acesso em: 11 de dez. de 2017.

BRASIL. *Lei nº 9.394/1996*. Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm). Acesso em: 09 de jan. de 2017.

BRASIL, *O PRÓXIMO ALVO!* Publicado em 4 de mai. de 2010. Disponível em:

<https://m.youtube.com/watch?v=e-Fhs-s7K2g>. Acesso em: 13 de fev. de 2018.

CHAUÍ, Marilena de Souza. *Ideologia e educação*. Educação e sociedade. São Paulo: 1980.

CHERVEL, André. *História das disciplinas escolares*. Teoria e Educação. n.2. Porto Alegre: Pannonica, 1990.

- CRUZ, G.T.D. *Fundamentos teóricos das ciências humanas: história*. Curitiba: IESDE, 2003.
- DICKEL, Adriana. Globalização e política educacional: a reforma do ensino no Brasil. In: *Ensino de história e educação*. Paulo Afonso Zarth, et all (Org.). Ijuí: UNIJUÍ, 2004.
- FAGAN, Elaine Binotto. *Quarta Colônia: Terra, gente e história*. Dissertação de mestrado programa de pós-graduação em patrimônio cultural. Santa Maria: 2014.
- FERREIRA, Lúcia M. A; ORRICO, Evelyn G. D. *Linguagem, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações*. Rio de Janeiro: UNIRIO/FAPERJ, 2002.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. Por um novo ensino de história: os desafios dos anos 1950-60. In: *O ensino de história em questão: cultura histórica, usos do passado*. Helenice Rocha, et all (Org.). Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015.
- FERRÉS, Joan. *Vídeo e Educação*. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- FONSECA, Thaís Nivia de Lima e. *História e ensino de história*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- FOTOGRAFIA DO PERÍODO*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=utdYEwJlNU&app=desktop>. Acesso em: 13 de dez. de 2017.
- FOTOGRAFIA DO PERÍODO*. Disponível em: <https://curiozzzo.com/2016/08/25/fotos-dasegunda-guerra-em-natal-com-explicacoes/>. Acesso em: 13 de dez. de 2017.
- FOTOGRAFIA DO PERÍODO*. Disponível em: <https://tokdehistoria.com.br/2014/06/23/fotos-coloridas-dos-americanos-em-natal-durante-asegunda-guerra-mundial/>. Acesso em: 13 de dez. de 2017.
- FOTOGRAFIA DO PERÍODO*. Disponível em: <https://tokdehistoria.com.br/2014/06/23/fotos-coloridas-dos-americanos-em-natal-durante-asegunda-guerra-mundial/>. Acesso em: 13 de dez. de 2017.
- FOTOGRAFIA DO PERÍODO*. Disponível em: <https://www.onatalense.com.br/ufrn-recebeexposicao-sobre-natal-segunda-guerra-mundial/>. Acesso em: 13 de dez. de 2017.
- FOTOGRAFIA DO PERÍODO*. Disponível em: <https://curiozzzo.com/2016/08/25/fotos-dasegunda-guerra-em-natal-com-explicacoes/>. Acesso em: 13 de dez. de 2017.
- GARCIA, Tânia Maria F. Braga. Questões para a pesquisa em educação histórica. In: *ensino de história: múltiplos ensinamentos em múltiplos espaços*. Margarida Maria Dias de Oliveira, et all (Org.). Natal: EDFURN, 2008.

GOMES, Angela de Castro. *História e historiadores*. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013. Giuslane Francisca da Silva. Disponível em:

<http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwibyOeghcDcAhWIG5AKHbokDV0QFjABegQIABAC&url=http%3A%2F%2Fseer.ufrgs.br%2Findex.php%2Faedos%2Farticle%2FviewFile%2F59252%2F38241&usg=AOvVaw3hMjSvP2-OmmaVk7elpxXO> . Acesso em: 19 de jan. de 2018.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1990.

MUAZE, Mariana de Aguiar Ferreira. Ensino de história e imagem: territórios possíveis. In: GOTIJO, Rebeca; Rocha, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo. *O ensino de história em questão: cultura histórica, usos do passado*. Rio de Janeiro: FGV, 2015.

NASCIMENTO, Evandro Cardoso. O método como conteúdo: o ensino de história com fontes patrimoniais. In: *Educação*. Santa Maria, v. 40, n.11, jan/abr 2015. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/1171/117132892013/>. Acesso em: 20 de mai. de 2018.

NATAL. *RESOLUÇÃO 01/2014 CME*.

NORA, Pierre. Verbeti “Michelet”. In: Le Goff, J. Chartier, REVEL, J. *A nova história*. 1978.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias, SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. [Org.]. *Contra o consenso: LDB, DCN, PCN e reformas no ensino*/Joana Neves, Manoel Fernandes, Rosa Maria Godoy Silveira; organização de Margarida Maria Dias de Oliveira. João Pessoa: ANPUH/PB – Editora Sal da Terra, 2000, 138p.

*Os parâmetros curriculares nacionais de história e os saber docente: reflexões sobre a produção do conhecimento histórico*. Revista Trilhas da História. Três Lagoas, v.3, nº6 jan/jun, 2014. p.47-62. Disponível em:

[http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwiq46LL69XbAhWKEpAKHcnXC2oQFgg5MAI&url=http%3A%2F%2Fsee.r.ufms.br%2Findex.php%2FRevTH%2Farticle%2Fdownload%2F454%2Fpdf\\_62&usg=AOvVaw1D-UP\\_paprlLU\\_j5dn-I-Y](http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwiq46LL69XbAhWKEpAKHcnXC2oQFgg5MAI&url=http%3A%2F%2Fsee.r.ufms.br%2Findex.php%2FRevTH%2Farticle%2Fdownload%2F454%2Fpdf_62&usg=AOvVaw1D-UP_paprlLU_j5dn-I-Y). Acesso em: 28 de dez. de 2017.

*PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS*. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: História. Brasília: MEC, 1988. 106p.

*PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS*. História, geografia / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 166p.

PAVIANI, Neires Mª Soldatelli. FONTANA, Niura Mª. Oficinas pedagógicas: um relato de experiência. In: *Conjecturas*. v.14, n.2, mai/ago 2009. p. 78-79. Disponível em:

[http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=2ahUKEwiWj6Xl3NvcAhUKEJAKHd7fBckQFjAAegQIABAC&url=http%3A%2F%2Fabenfisio.com.br%2Fwp-content%2Fuploads%2F2016%2F05%2FOficinas-Pedag%25C3%25B3gicas.pdf&usg=AOvVaw3rUstTo\\_9BP8sPzKjuMHls](http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=2ahUKEwiWj6Xl3NvcAhUKEJAKHd7fBckQFjAAegQIABAC&url=http%3A%2F%2Fabenfisio.com.br%2Fwp-content%2Fuploads%2F2016%2F05%2FOficinas-Pedag%25C3%25B3gicas.pdf&usg=AOvVaw3rUstTo_9BP8sPzKjuMHls). Acesso em: 15 de jan. de 2018.

PEIXOTO, Carlos. *A história de Parnamirim*. Z Comunicação: Natal, 2003. 222p.

*Plano americano para invadir o Brasil*. Publicado em 25 de jan. de 2010. Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=cSwsseNmHmA>. Acesso em: 13 de fev. de 2018.

POLLAK, Michel. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos Rio de Janeiro, v. 2, n.3, p.3-15, 1989.

*Reforma do ensino médio*. Disponível em: <https://www.adusp.org.br/index.php/conjpol/2805-a-quem-interessa-a-reforma-do-ensino-medio-do-governo-temer>. Acesso em: 20 de dez. de 2017.

RESOLUÇÃO 01/2014 – CNE. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/87051828/dom-natal-normal-29-12-2014-pg-8>. Acesso em: 20 de mar. de 2018.

RESOLUÇÃO 04/2012 – CEE/CEB/RN. Disponível em: [http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwi5p\\_iL1qbcAhUDxVkKHTP-CvAQFgg8MAI&url=http%3A%2F%2Fadcon.rn.gov.br%2FACERVO%2Fseec\\_cee%2FDOC%2FDOC00000000044544.PDF&usg=AOvVaw1ikmqPtsgr3764PZ8PBNWs](http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwi5p_iL1qbcAhUDxVkKHTP-CvAQFgg8MAI&url=http%3A%2F%2Fadcon.rn.gov.br%2FACERVO%2Fseec_cee%2FDOC%2FDOC00000000044544.PDF&usg=AOvVaw1ikmqPtsgr3764PZ8PBNWs). Acesso em: 20 de mar. de 2018.

RESOLUÇÃO 06/2009 – CME. Disponível em: [https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwi5p\\_iL1qbcAhUDxVkKHTP-CvAQFggwMAA&url=https%3A%2F%2Fwww.natal.rn.gov.br%2Fsmc%2Fpaginas%2FFile%2Fsmc%2Fcme-resolucao2009006.pdf&usg=AOvVaw1ejnsspJHNDiJ22Njcsh8a](https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwi5p_iL1qbcAhUDxVkKHTP-CvAQFggwMAA&url=https%3A%2F%2Fwww.natal.rn.gov.br%2Fsmc%2Fpaginas%2FFile%2Fsmc%2Fcme-resolucao2009006.pdf&usg=AOvVaw1ejnsspJHNDiJ22Njcsh8a). Acesso em: 20 de mar. de 2018.

RÜSSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica*. Brasília: UNB, 2010.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *Ensinar história*. São Paulo: Scipione, 2009.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. Educação, História e política. In: OLIVEIRA, Margarida. M. Dias de. *Contra o consenso: LDB, DCN, PCN e reformas no Ensino*. João Pessoa: 2000, ANPUH/PB. Ed. Sal e terra. p. 07.

SOARES, A. L. R. *Educação patrimonial e educação popular: um viés possível*. Anais 8º Fórum de Estudos: leituras de Paulo Freire. UPF. Passo Fundo: 2003.

UFRN. *Exposição sobre a Segunda Guerra*. Publicado em 6 de jun. de 2017. Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=igzqP0svAvY>. Acesso em: 13 de fev. de 2018.

UFRN. *Mostra sobre a Segunda Guerra*. Publicado em 12 de jun de 2017. Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=GnpUarlGaG4>. Acesso em: 13 de fev. de 2018.

# **ANEXOS**

ESCOLA ESTADUAL DR. MANUEL VILLAGA  
INFORMAÇÕES PARA O TRABALHO DE HISTÓRIA  
9º ANO “A” TURNO VESPERTINO

**INFORMAÇÕES SOBRE O PLAGIO E AS IMPLICAÇÕES DE SEU USO PELOS ALUNOS NA REALIZAÇÃO DE TRABALHOS ESCOLARES**  
(fragmentos de textos retirados da internet para informar aos alunos o que é Plágio)

## O QUE É PLÁGIO?

“Plágio significa copiar ou assinar uma obra com partes ou totalmente reproduzida de outra pessoa, dizendo que é sua própria.

O plágio pode ser de qualquer natureza, como em livros, música, obras, fotografias, trabalhos, e etc. O plágio ocorre quando um indivíduo copia o trabalho de alguém e não coloca os créditos para o autor original.

O plágio é a cópia não autorizada de várias informações, e é considerado crime, previsto no Código Penal Brasileiro, e na lei 9610. O plágio é considerado uma atitude antiética em vários países, e em vários é considerado como crime de violação de direito autoral.”

<https://www.significados.com.br/plagio/>

“A cópia de textos ou parte deles, sem a devida referência da autoria, constitui crime de plágio, conforme a lei nº10.695/03, sobre direitos autorais, que “prevê detenção de três meses a um ano de prisão ou multa. Se a violação for feita com intuito de lucro, a reclusão pode ser de dois a quatro anos. (...)

O exercício de pesquisar não pode ficar restrito ao primeiro site encontrado, mas buscando-se a veracidade dos fatos através de informações históricas e, portanto, verdadeiras. (...)

O exercício de pesquisar não pode ficar restrito ao primeiro site encontrado, mas buscando-se a veracidade dos fatos através de informações históricas e, portanto, verdadeiras.”

<https://educador.brasilecola.uol.com.br/orientacoes/plagios-no-ambito-escolar.htm>

## PLÁGIO É CRIME!

“Você sabe o que é plágio? Plágio, plagismo ou plagiato é a circunstância em que uma pessoa utiliza-se de conteúdo de outra em seus próprios trabalhos sem as mencionar, de modo a parecer que a peça foi produzida por ela.

Sim, plágio é crime e está inclusive previsto em lei, dentro do Código Penal, no artigo 184 que trata sobre a violação dos direitos autorais. Aliás, por falar em direitos autorais, vale destacar que esta é uma segurança ao autor de uma obra de que ela não poderá ser posteriormente comercializada em nome de terceiros!”

<https://blog.fastformat.co/plagio-em-trabalhos-academicos-7-dicas-que-lhe-ajudarao-a-se-prevenir/>

“A internet disponibiliza milhares de publicações, textos, artigos, livros, trabalhos acadêmicos dos mais variados temas, tornando esta ferramenta a maior fonte de pesquisa acessível. A internet vem se tornando o meio mais rápido de obtenção de informações e de aprendizagem. (...)

A pesquisa, de modo geral, é em sua essência uma coleta de informações que visa produzir resultados de novas informações e novos conhecimentos a partir da análise, desconstrução e reconstrução desses mesmos conhecimentos. (...)

Com a expansão do acesso e uso da internet, que em termos gerais tende a ser benéfica, há aqueles estudantes que utilizam dos trabalhos, artigos e textos encontrados na web não para se orientarem ou tomarem ciência do conteúdo de determinado tema exposto em sala de aula, mas utilizam do expediente do plágio para copiar textos ou excertos de documentos que são impressos e entregues ao professor como sendo de sua autoria. (...)

O certo é que nesse processo, o aluno é a pessoa mais prejudicada pelo plágio, pois acaba perdendo não só o direito de aprender o conteúdo do tema, mas também da forma utilizada para produzir tal conhecimento. (...)

A questão do plágio escolar é um problema que deve ser enfrentado, pois os alunos estão utilizando desse expediente fraudulento cada vez mais cedo e a punição é branda, chegando ao máximo a ter seu trabalho escolar anulado e não havendo qualquer outro tipo de pena mais severa para intimidar essa prática que vem sendo muito disseminada. (...)

O plágio vai contra a ética e a moral, e o único perdedor nessa história é o aluno, que deixa de aprender ao ter esse tipo de atitude. É certo que a educação pública brasileira vai “mal das pernas”, mas não é possível aceitar a desonestidade.”

<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/ctrl-c-ctrl-v-plagio-escolar.htm>

	<b>COMPLEXO EDUCACIONAL PRESIDENTE KENNEDY</b> <b>UNIDADE DR. MANOEL VILLAÇA</b>	
	<i>Cidadania e Educação na Escola: agindo e transformando o mundo</i>	

### DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que a metodologia da utilização de *História Local*, na disciplina de História, com a Profª: Rosangela Monteiro Aragão, na turma do 9º Ano, do turno vespertino; do ano letivo de 2017, deste Estabelecimento de Ensino despertou o interesse da Turma para a disciplina, visto que em suas indagações os estudantes começaram a questionar junto à Coordenação da Escola o motivo pelo qual a disciplina de História possuía uma carga horária tão pequena em relação às outras. Os alunos comentaram, inclusive, que seria bom que a carga horária da referida disciplina fosse maior, pois a atual não comporta o número de aulas necessárias ao aprendizado e à realização de discussões e debates suscitados pela disciplina.

Natal, 30 de julho de 2018.

*Fernanda Câmara Rodrigues*

Coordenadora Pedagógica